

M  
A  
R  
C  
A  
D  
A



GUARDIÕES DE ALMA LIVRO 1

KIM RICHARDSON

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



GUARDIÕES DE ALMA

\*Livro 1\*

MARCADA

KIM RICHARDSON

Marcada, Guardiões de Alma Livro 1:

Copyright © 2011 de Kim Richardson

Traduzido por Henry Alfred Bugalho

[www.kimrichardsonbooks.com](http://www.kimrichardsonbooks.com)

Este e-book é uma obra de ficção. Qualquer referência a eventos históricos, pessoas reais ou locais reais são usados ficcionalmente. Outros nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, e a semelhança a eventos factuais, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é inteiramente coincidência.

Este e-book está licenciado apenas para seu divertimento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado para outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada pessoa que você compartilhar. Se você estiver lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado para seu uso individual, então você deve retorná-lo e comprar sua própria cópia.

Obrigado por respeitar o trabalho do autor.

Mais livros de Kim Richardson

SÉRIE GUARDIÕES DE ALMA

[Marcada Livro 1](#)

[Elemental Livro 2](#)

[Horizonte Livro 3](#)

[Submundo Livro 4](#)

[Seirs Livro 5](#)

[Mortal Livro 6](#)

Ceifeiros Livro 7

Selos Livro 8

SÉRIES MÍSTICOS

O Sétimo Sentido Livro 1

A Nação Alfa Livro 2

O Nexus Livro 3

## ÍNDICE

[Capítulo 1 - Renascida](#)

[Capítulo 2 - Orientação](#)

[Capítulo 3 - O Traje M](#)

[Capítulo 4 - Descendo pela Privada](#)

[Capítulo 5 - O Salão das Almas](#)

[Capítulo 6 - Operações](#)

[Capítulo 7 - Redes de Pesca e Saleiros](#)

[Capítulo 8 - David, a celebridade](#)

[Capítulo 9 - Um Traidor entre Nós](#)

[Capítulo 10 - Oodles for Noodles](#)

[Capítulo 11 - Divisão de Milagres](#)

[Capítulo 12 - O Conselho dos Ministros](#)

[Capítulo 13 - Busca de Vida](#)

[Capítulo 14 - Elemental](#)

[Capítulo 15 - Última Esperança](#)

[Capítulo 16 - Asmodeus](#)

[Capítulo 17 - Nível Sete](#)

[Capítulo 18 - Déjà vu](#)

[ELEMENTAL](#)

[Capítulo 1 - Raio](#)

[Sobre a autora](#)

*Para minha mãe Danielle,  
No Horizonte*

## Capítulo 1

### Renascida

— Espere por mim! — Kara corria pela Saint Paul Street. Ela apertava o telefone celular contra sua orelha com a mão suada. — Estarei aí em dois minutos!

Suas sapatilhas negras de balé faziam ruído nos paralelepípedos, enquanto ela se esquivava do tráfego vindo no sentido contrário, seu portfólio pendia ao seu lado. Ela pulou para a calçada e correu por entre a multidão.

— Não consigo acreditar que você não esteja aqui ainda — disse a voz do outro lado da linha. — De todos os dias, você tinha de escolher hoje para se atrasar!

— Ok, ok! Já estou tendo um treco por causa da apresentação. Você não está ajudando muito, Mat.

Uma risada veio pelo telefone.

— Só estou dizendo... que este deveria ser o dia mais importante da sua vida. E você, *Mademoiselle Nightingale*, está atrasada.

— Sim, eu ouvi você da primeira vez.. MãE. Não é minha culpa. Meu despertador estúpido não tocou! — Kara corria em disparada pela rua movimentada, com seu longo cabelo castanho subindo e descendo contras suas costas. O odor de gordura e cerveja dos pubs alcançaram as suas narinas e o coração dela martelava em seu peito como uma britadeira. Ela sabia que, se perdesse a apresentação, suas esperanças de conseguir uma bolsa haviam terminado. Ela não tinha mais dinheiro para a universidade, então esta era a sua única chance.

Sobre as cabeças da multidão, Kara pôde vislumbrar a placa, Une Galerie. O elegante estêncil em letras negras garrafais, o nome pairava sobre as magistrais portas de vidro da galeria de arte. Ela podia avistar sombras das pessoas reunidas em seu interior. O peito dela se apertou. Ela estava apenas a uma quadra de distância agora.

— Você sabe, a apresentação não vai esperar por você...

— Sim, sim, eu sei. Juro que vou chutar a sua bunda quando chegar aí!

— Kara rosou no telefone, tentando recuperar o fôlego.

Durante um horrível instante, ela pensou que não conseguiria chegar a tempo e considerou sair da calçada e, ao invés disto, correr pela beira da rua. Ela olhou para trás para conferir quão ruim estava o trânsito.

Então seu coração deu um pulo.

Menos de uma quadra para trás, um homem estava parado imóvel e indiferente à onda de humanidade que fluía a seu redor. Ele estava olhando fixamente para ela. Seu cabelo branco se destacava de seu terno cinza-escuro. Kara franziu o cenho.

*Os olhos deles são negros*, ela constatou.

Um calafrio subiu por sua espinha. O homem se misturou à multidão e desapareceu, como se houvesse sido um mero truque de luz. Os pelos da nuca de Kara se eriçaram, enquanto uma sensação de premonição a preencheu e aum vontade de gritar. Quem era aquele homem?

— Acho que estou sendo seguida — Kara disse em seu celular após alguns segundos, com a boca seca.

— Você sempre acha que está sendo seguida.

— Não! É sério! Eu juro... este cara está me seguindo — algum psicopata com cabelo branco. Eu... eu acho que já o vi antes. Ou pelo menos a minha mãe viu...

— Todos sabemos que a sua mãe é meio *doida* às vezes. Sem querer ofender, eu amo a sua mãe, mas ela tem visto e falado com pessoas invisíveis desde que você tem cinco anos. Acho que isto está contagiando você.

— Escute. Estive com a minha mãe ontem na Saint Catherine Street e ela disse que nós estávamos sendo seguidas por alguém. E se fosse por este mesmo cara? Talvez ela não seja tão louca quanto todos pensam — Kara se perguntou se não havia uma pequena verdade nas visões de sua mãe. Ela a amava muito, e Kara se odiava, às vezes, por pensar que sua mãe fosse lunática.

Mat riu.

— Você está falando a sério? Já é ruim o bastante que sua mãe veja espíritos e demônios. Se você começar a acreditar em tudo isto, vão interná-la.

— Obrigada pelo voto de confiança. Refresque a minha memória do

porquê você é o meu melhor amigo mesmo? — Kara decidiu trocar de assunto. Afinal de contas, o homem estranho havia sumido e o medo dele se evaporava a cada passo, sendo substituído pelo nervosismo e inquietação por causa da sua apresentação. Ela se concentrou na placa da galeria, enquanto corria.

— Ok.. Consigo vê-lo agora.

Matt estava encostado no exterior de tijolo da galeria. A cabeça dele estava voltada para as portas de vidro. Ele tirou o cigarro dos lábios e soltou fumaça em seu telefone.

— Acho que está começando. Apressse-se!

Kara sentia suas bochechas arderem. O coração dela latejava em seus ouvidos e abafava os sons ao redor dela. Ela inspirou profundamente, torcendo para que isto acalmasse o embrulho em seu estômago, e seguiu em disparada pela Saint Laurence Boulevard. O telefone celular escorreu de sua mão e chocou-se no asfalto.

— Caramba! — Kara se agachou para pegar seu telefone. — Telefone idiota...

Um vislumbre de movimento apareceu no canto de seu olho.

— CUIDADO! — Alguém gritou. Ela parou e se virou.

Um ônibus coletivo vinha acelerado em direção a ela. Numa fração de segundo, ela viu a imagem de dois monstruosos faróis.

Então ele se chocou.

Treze toneladas de metal frio esmagaram o corpo dela. Ela não sentiu dor alguma. Ela não sentiu nada.

Tudo ao redor dela ficou preto.

Um momento depois, Kara estava em um elevador.

A princípio, raios de luz branca obscureceram a visão dela. Ela piscou e esfregou os olhos. O elevador era elegante... três lados pareciam ser feitos de painéis de cerejeira esculpidos a mão decorados com brasões de asas douradas. O cheiro de naftalina pairava no ar, como no velho armário empoeirado de sua avó. Quando a visão dela melhorou, ela constatou que não estava sozinha.

Em uma cadeira de madeira diante do painel do elevador, coberto com pelo negro e vestindo bermudas verdes da qual saíam dois calejados pés com aspecto de mãos, estava sentado um *macaco*.

Ele girou em seu assento, envolveu seus pés ao redor do encosto da cadeira, abriu sua boca em forma de coco e disse:

— Olá, senhorita.

Kara ficou boquiaberta e engoliu a vontade de berrar. Ela encarou a criatura, com terror crescendo em seu interior.

A cara peluda dele se enrugou em um sorriso, de modo que ele parecia uma noz gigante. A cabeça quadrada dele se apoiava diretamente nos poderosos ombros. Ele ergueu o queixo e observou Kara. Seus olhos amarelos a hipnotizavam; ela não conseguia desviar o olhar.

*Ele se parece com o Velho Nelson da loja de ferragens*, ela pensou descontroladamente.

Após um minuto, Kara foi capaz de pronunciar algumas palavras.

— E... Ei você, homenzinho-macaco-falante — ela balbuciou, então sussurrou para si mesma — Este é definitivamente o sonho mais louco que já tive. Tenho de me lembrar de contar para o Mat sobre isto amanhã quando eu acordar. — A garganta dela estava seca como se ela não houvesse bebido água por semanas. Ela tentou engolir, mas tudo que conseguia fazer era contrair os músculos da garganta.

O macaco franziu o cenho. Então rosnou.

— Eu não sou um *macaco*, senhora. Sou um chimpanzé! Vocês, mortais, são todos iguais. Macaco-isto, macaco-aquilo. Dá no mesmo se me chamasse de *cachorro!* — Perdigotos atingiram o rosto de Kara enquanto as palavras escapavam dos lábios dele.

Kara pigarreou, limpando o cuspe de seu rosto. Este era verde-amarelado e fedia como um caso grave de gengivite.

— Ah... Desculpa, maca... chimpanzé. — Ela esfregou a mão em sua calça jeans e fez uma careta. "Isto é *mais do que* estranho. Eu pensava que você *não sentia* cheiro de nada em sonhos, pelo menos era o que eu pensava. Mas isto... isto fede pra valer e é totalmente nojento."

O chimpanzé encarou Kara com um misto de desdém e indignação.

— Chimpanzé Número 5M51, se você não se importar.

Gradualmente, Kara começou a se sentir mais desperta, como se houvesse acordado de um longo e profundo sono. A realidade rastejava lentamente de volta junto com o medo de que talvez isto *não* fosse um sonho. Ela

mordeu o lábio inferior enquanto disse a si mesma para *pensar*.

— Hum, qual o destino? Para onde estamos indo? — ela perguntou, com seus olhos concentrados no chimpanzé falante.

Chimpanzé 5M51 virou a cabeça e sorriu, expondo filas de dentes amarelos encavalados. Os olhos deles se fixaram nos dos dela.

— Para Orientação, é claro. Nível Um.

— Orientação?

— Sim. Todos os mortais devem passar pela Orientação. É para lá que estamos indo. — Chimpanzé 5M51 agarrou com seus pés na beirada da cadeira e estendeu seu braço anormalmente longo na direção do painel de controle do elevador. Ele apontou para os botões de bronze.

Kara se inclinou para ter uma visão melhor. Estava inscrito no painel:

1. *Orientação*
2. *Operações*
3. *Divisões de Milagres*
4. *Salão das Almas*
5. *Departamento de Defesa*
6. *Conselho de Ministros*
7. *O Chefe*

Um sentimento de pavor cresceu lentamente dentro dela. Ela encarou o painel, desnorteada, com seus joelhos fracos como se ela estivesse para desmaiar. "Isto... isto não faz sentido... Eu... Eu estou sonhando. Isto é um sonho!"

Kara fechou seus olhos e apertou as costas contra a parede do elevador, tremendo.

— Isto *não* pode estar acontecendo. *Não* pode! Preciso acordar agora. Kara, você precisa *acordar!*

— Você está morta, senhorita.

Kara abriu os olhos. A palavra *morta* ecoou em seus ouvidos como uma piada doentia. O peso das palavras dele começaram a oprimi-la. Ela lutou contra o avassalador sentimento de pânico.

— Não estou morta — ela resmungou — Estou bem aqui, seu BABUÍNO estúpido!

—... Chimpanzé! — cuspiu o Chimpanzé 5M51. — Pense o que quiser, — ele disse, enquanto erguia o queixo. — Mas reflita sobre isto. Você consegue se lembrar dos eventos antes deste elevador?

Kara se debateu, tentando desesperadamente se lembrar. Fragmentos e partes relampejaram dentro de seu cérebro: uma luz branca... metal... trevas...

*O ônibus.*

Kara caiu de joelhos. O ônibus coletivo a havia atingido... pulverizado seu âmago e esmagado-a como um tomate. Mas então ela se lembrou de outra coisa, algo que não fazia sentido algum. Estava voltando agora para ela, como uma memória borrada tornando-se nítida em uma clara imagem. Fulgorou diante de seus olhos... ela viu um braço se estender e tocá-la durante a batida do ônibus. Alguém havia tentado salvá-la...

— Viu? Você está morta — disse o prático chimpanzé, e Kara detectou uma pitada de divertimento na voz dele, como se estivesse se entretendo ao observá-la debatendo-se em sofrimento e confusão.

Recompondo-se, ela pressionou sua mão contra o lado esquerdo de seu rosto, não conseguia sentir uma única pulsação. Ela apertou as costelas. Nada. Segurou seu pulso. Sem pulsação. Sem movimento algum.

— Viu. Sem pulsação. Sem coração... Você está morta — declarou o chimpanzé novamente. Kara sentiu vontade de esmurrá-lo.

Mas antes que pudesse entender o que estava acontecendo, ela foi desequilibrada quando o elevador parou abruptamente.

— Nível Um. Orientação! — O chimpanzé anunciou.

— Espere! — Kara se afastou da parede do elevador e cambaleou até o chimpanzé.

— Não compreendo. O que é a Orientação?

Com seu dedo ainda no botão, ele virou a cabeça.

— Orientação é onde todos os novos AGs são categorizados.

Kara olhou estupidamente para os olhos amarelos do chimpanzé 5M51.

— O que são AGs?

— Anjos da Guarda.

— Hã?

Kara ouviu o ruído de portas se abrindo. Um esboço de sorriso se delineou nos lábios do chimpanzé. Ele ergueu o braço e apertou a mão dele

contra as costas dela. Então ela voou para fora do elevador.

## Capítulo 2

### Orientação

Kara despencou de barriga sobre uma fria superfície de pedra. Com a cara colada no chão, ela ergueu um sobrelance. O chão vibrava contra sua bochecha. Ela se encolheu quando ruídos caóticos atingiram seus ouvidos, como se milhares de vozes estivessem falando ao mesmo tempo.

Cuidadosamente, ela ergueu a cabeça do chão e olhou ao redor. Seu queixo caiu.

Ela estava cercada por pessoas. Ao lançar-se de pé, viu que elas estavam reunidas dentro de um salão de assembleia do tamanho de dez campos de futebol. Filas de pessoas de todas as formas, tamanhos e etnias emaranhadas por um labirinto de escritórios e corredores. O ar estava úmido e tinha perceptível odor de oceano.

Kara se virou bem a tempo para ver o elevador com o chimpanzé 5M51 desaparecer de voltar na terra. "Bem, aí se vai um macaco de quem não vou sentir falta", ela resmungou para si.

A comoção era mais alta do que se fosse um show de rock. Kara apertou suas mãos sobre os ouvidos. Havia milhares de pessoas e todas estavam mortas... como ela. Elas empurravam e se acotovelavam umas às outras, ansiosas para chegarem ao começo da fila. Isto não era exatamente como ela imaginava a vida após a morte, ou sequer a morte. Ela tinha apenas dezesseis anos e se sentia invencível.

Kara estava sozinha, perdida e *morta*. Ela sabia que ela devia estar sentindo algo como felicidade. Afinal de contas, ela havia acabado de descobrir que havia vida após a morte. Mas não conseguia. Ao lado dela, um homem de meia idade grandalhão conversava alegremente com um homem careca. *Eles* pareciam empolgados. A maioria dos mortos ambulantes ao redor dela pareciam felicíssimos, excetuando por algumas pessoas que pareciam sentir como ela se sentia: nauseadas e horrorizadas.

Sem saber o que mais fazer, Kara entrou na fila mais perto dela. Ela observava seus pés. Não estava muito a fim de conversa, especialmente com algum velho gorducho empertigado como se houvesse ganhado na loteria.

Mas ela ainda não estava *pronta* para morrer... Ela não tinha *acabado*. Todas as suas expectativas e sonhos haviam se desvanecido no ar. O buraco vazio sem som onde antes vivia o seu coração estava frio. Ela sabia que sua vida tinha acabado.

— Ahã — Alguém pigarreou.

Kara continuou fitando seus pés.

— Com licença, senhorita. Você está se sentindo bem? — o homem insistiu.

Havia alguma esperança de que ela pudesse evitar de *socializar*? Ela não podia apenas desaparecer?

Infelizmente, para Kara, parecia que ele queria sim socializar.

— Você sabe, na verdade não é *tão* ruim assim — prosseguiu a voz.

Kara deu uma espiada e viu que a voz pertencia ao velho homem gordo. No rosto dele estava estampado um sorriso torto. Ele lambia seus lábios rosados com antecipação.

— Nós estamos no Horizonte! Vivos! Você pode acreditar? Bem, mais ou menos vivos. Nós estamos mortos, mas vivos! Isto não é maravilhoso?

Ela levantou a cabeça. Tentou forçar um sorriso, mas os cantos da boca pareciam costurados no lugar.

— Sim. É realmente maravilhoso.

O homem batia o ar com seus braços.

— Isto é *tão* empolgante!

E, com grande esforço, ele saltou no ar e deu um giro. As minúsculas pernas dele chutavam sob sua gigantesca barriga ondulante. Ele planou por meio segundo, então pousou com um ecoante *bum*.

— Quem imaginaria que o Horizonte realmente existe? Vida após a morte... é *real*!

Se ele já não estivesse morto, Kara tinha certeza que o coração dele explodiria no peito como molho vermelho e atingiria bem na cara quem estava do lado dele.

Ela estudou o homem por um instante.

— O que é Horizonte?

Ele parou de girar para dar-lhe uma resposta.

— Utopia, Xangri-lá, Sião. Elísio. Horizonte é a vida após a morte. É real, e nós estamos aqui! Isto não é maravilhoso?

Kara franziu as sobrancelhas, enquanto o homem espalhava seu entusiasmo para sua próxima vítima em outra coluna de queridos finados. Ela sentiu uma presença atrás dela e se voltou para ver que pelo menos uma centena de pessoas recém-expiradas estava chegando. O nível de ruído aumentou, se é que isto fosse possível. Kara abaixou a cabeça e tentou chorar, mas não saiu lágrima alguma. Ela cruzou os braços sobre o peito e fitou o vazio.

O tempo parecia não ter efeito algum na Orientação. Antes que ela se desse conta, Kara era a próxima da fila para entrar em um dos vários edifícios de escritórios que cercavam os quilômetros de mortos felizes. Ela encrespou seu rosto e fitou o edifício. Por fora, ele parecia um escritório normal: paredes pintadas de bege com pinturas de cor bege, carpete industrial bege e janelas de vidro com persianas horizontais beges.

*Criativo.*

A porta era a única coisa que parecia destoar. Era antiga, com um batente de madeira com o tamanho de um mamute, e estava decorada com um letreiro néon iluminado com a inscrição: *Divisão Oráculo # 998-4321*,

*Orientação.*

Kara franziu o cenho. Ela não tinha certeza se deveria bater ou não. Cedo ou tarde, ela sabia que teria de se decidir, pois milhares de pessoas mortas impacientes estava empurrando-a ansiosamente contra a porta.

Ela suspirou. "Tudo bem, vamos ver no que dá."

Fechando o punho com a mão direita, Kara o ergueu em direção à porta, e enquanto sua mão permanecia no ar, a porta se abriu com um rangido. O escritório estava lotadíssimo. Ela se esgueirou para dentro e estacou. Uma brisa salgada com fragrância do oceano a envolveu. Centenas de papéis espalhados cobriam o chão e entulhavam as escrivaninhas. Pastas preenchiam o escritório, empilhadas umas sobre as outras, serpenteando até chegar ao teto — e, então, havia as bolas de cristal gigantes.

Era como uma louca pista de boliche. Enormes bolas de vidro rolavam pelo escritório achatando tudo em seu caminho. Velhinhos se equilibravam no

topo das esferas como acrobatas de circo, seus mantos prateados flutuando atrás deles. Usando seus pés descalços, eles manobravam as bolas sem esforço para todas as direções. Como entidades únicas, homem e bola se moviam como um só.

As bolas de cristal batiam nas pastas, e os homens reviravam seus conteúdos. Eles lançavam suas longas barbas brancas sobre os ombros, folheavam os papéis e causavam uma avalanche de pergaminho branco. Os olhos de Kara se fixaram em uma folha de papel flutuando que estava vindo na direção dela. Ela deu um pulo, apanhou-a e leu:

*Anjo da Guarda: Peter Jones*

*Ordem de classe nº 4321*

*Classe: Novato 2º ano, Esquadrão da Guarda W-1, (classe mais baixa)*

*Atribuição: Elizabeth Grand. 5585 Sherbrooke Street, entrada da frente.*

*11:42 da manhã. Crânio quebrado ao escorregar por 2 lances de escada;*

*Estado: Aprovado. Salvou Carga. Alma intocada.*

Kara balançou a cabeça. Ela se inclinou para baixo e pegou outro papel do chão e o leu. Era semelhante, excetuando que, desta vez, era Tina Henderson quem havia salvado Affonso Spinelli de engasgar até a morte com uma almôndega no Restaurante Luciano's Porte Vino.

Todos estes papéis eram sobre tarefas de anjos da guarda? Ela deixou o papel escorregar de sua mão. Deu uma bisbilhotada nas pastas. Os papéis faziam ruído sob seus pés enquanto ela se movia pelo escritório. No caminho, descobriu várias salas menores das quais mais homens emergiam pisando sobre suas esferas de vidro como monociclos enormes. Todos eles pareciam muito ocupados no momento...

“KARA NIGHTINGALE!”

Kara quase pulou para fora de sua própria pele. Suas pernas tremiam, enquanto atravessava as torres de pastas e seguia a voz. Virando a esquina para sua esquerda, ela avistou outro escritório. A porta estava entreaberta. Ali, sobre uma grande bola de cristal, estava outro destes homens, cercado por pilhas de papel. Ele pulou para baixo para uma grande mesa semicircular de madeira. Ele estava com o cenho franzido e gesticulava impacientemente.

— Entre. Entre. Sem tempo para perder. Vidas para serem salvas! — ele disse com uma estranha voz aguda.

Kara se arrastou para dentro do escritório entulhado. Mais pastas estavam empilhadas umas sobre as outras e se espalhavam pelas paredes. Uma piscina redonda de um metro e meio havia sido instalada no canto do fundo. O aroma de água salgada era forte no pequeno escritório. Um *tique-taque* baixo a distraía. Seguindo o som, Kara avistou um enorme relógio de corda pendurado na parede à sua esquerda, com seu longo pêndulo balançando da esquerda para a direita.

Ela caminhou até a escrivaninha e ficou com as mãos ao seu lado, mordendo os lábios. Ela abriu a boca para falar... mas a fechou novamente. Enquanto estava viva, quando ficava nervosa, seu coração batia tão forte no peito que às vezes doía. Mas não desta vez. Sem marteladas ou batidas, apenas nervosismo com um âmagos silencioso. Isto não era normal.

Ela forçou as palavras para fora de sua boca.

— Como... como você sabe o meu nome?

O velho finalmente parou de revirar sua escrivaninha e pegou uma pasta. Suas sobrancelhas se ergueram em sua frente.

— Ah, sim, sim. Aqui está. Kara Nightingale... dezesesseis anos... atingida por um ônibus... um modo muito horrível para morrer... sinto muito por isto... a alma já havia sido escolhida para ser guardiã...

Ele acariciava a barba e ficou quieto por um instante.

Kara pigarreou.

— Hum... com licença, senhor? Hum... o que estou fazendo aqui?

A cabeça do homem se ergueu abruptamente.

— Fazendo aqui? Porque... você foi escolhida, por isto! E agora nós precisamos introduzi-la a seu novo trabalho. Tudo bem. Vejamos aqui... Qual é a atribuição mesmo...? Puxa. Acho que me esqueci. — um sorriso se abriu no rosto dele — Não é tão fácil quanto parece... ver o futuro. Você tende a receber o futuro e o presente misturados! Agora, onde está aquela folha de papel?

Kara franziu o cenho intensamente.

— Não entendo... qual trabalho novo? Eu tenho um trabalho?

A pasta escorregou das mãos do homem. Ele caiu para a frente para recolher os papéis.

— Ó! Certo! — o rosto dele se iluminou. — Bem, você está *morta*, obviamente. E você foi pré-selecionada para se tornar um anjo da guarda! Para trabalhar salvando vidas! Isto não é maravilhoso? — Ele amassou os papéis com sua empolgação. — E hoje é o seu primeiro dia de trabalho! — Ele coçou a careca. — Ou será este o seu segundo dia? Puxa.

Kara o encarou novamente.

— Eu, um anjo da guarda? — Ela se lembrou dos filmes que havia assistido com anjos da guarda protegendo do mal homens e mulheres. Ela se perguntou se receberia um par de asas.

— Bem, vejamos aqui... certo. Como uma novata, você será destacada para o Esquadrão de Guarda W-1 da Legião Anjo da Guarda, nível mais baixo. Sua função hoje será *observar*. Seu treinamento de combate começará *depois* que o período de orientação houver acabado... após a sua primeira viagem. — Os gentis olhos dele brilhavam enquanto olhavam para Kara.

Ela tentou falar, mas seus lábios estava selados. Ela estremeceu. Não estava certa se era por causa da empolgação da situação ou por puro medo.

— Seu Oficial lhe esclarecerá os detalhes. — Ele fechou o arquivo, bateu-o com força contra a escrivaninha com um *bang*, uniu as mãos e berrou.

— DAVID!

Kara olhou de esquelha e virou a cabeça. Um lindo adolescente, um ano ou dois mais velho do que ela, surgiu na porta. Seus largos ombros estavam cobertos por uma jaqueta de couro marrom apertada em sua constituição musculosa. Ele se aproximou deles. Duas estrelas douradas marcavam a sua frente, logo acima de sua sobrancelha.

— Sim, oráculo? Você chamou, Sua *Santidade*? — Com um sorriso amplo, ele penteou o topo de seu cabelo loiro com os dedos. Ele parou do lado de Kara e deu uma piscadela. Seus olhos risonhos eram da cor do céu. Normalmente, Kara teria corado, mas tendo em vista que ela não tinha circulação sanguínea, ao invés disto, sentiu um estranho formigamento, do topo de sua cabeça até o dedão do pé, como se seu corpo estivesse sob o ataque de centenas de pontiagudas agulhas.

O oráculo pulou para cima e estendeu seus braços.

— Clara, apresento-lhe David McDonald. David, apresento-lhe Clara Nightingale. — Os olhos dele passaram de Kara para David. — Ela será a sua

nova novata.

— Hã... É *Kara*, não é Clara.

O oráculo a encarou como se ela houvesse dito a mais estranha das coisas.

— Ó, certo! Perdoe-me, Kara.

David riu.

— Eles geralmente acertam depois de algumas centenas de vezes.

Kara estudou o rosto de David. Os lábios deles se abriram e se converteram em um sorriso maroto. Ele bateu a mão dela na dele e apertou. Ela sentiu um fluxo de corrente elétrica partindo de seus dedos até os dedões dos pés. A mão dele não tinha o toque quente que ela se lembrava de quando apertava a mão de um mortal, mas também não era fria. Era perfeitamente cálida.

— E aí, garota? — ele disse, enquanto exibia uma fileira de dentes impressionantemente brancos. — Prazer em conhecê-la. E é *McGowan*. Não é McDonald. — Ele soltou a mão dela e ergueu o colarinho de sua jaqueta de couro.

— Hum, oi... é que... deixe-me esclarecer isto — Kara gaguejou. — Estou conseguindo este novo trabalho como anjo da guarda, e você vai ser o meu patrão? É isto que está acontecendo aqui?

— É melhor acreditar nisto, gata. — David marchou para cima e apanhou o dossiê do oráculo.

— Acho que estou ficando louca.

— Não... você só está morta.

*Morta*, Kara pensou. Ela queria desintegrar-se no ato. Ela podia estar morta, mas o seu âmago ainda podia sentir dor. Ela não queria estar morta, queria estar viva...

— Aproxime-se, Clara — disse o oráculo. Ele manobrou a bola de cristal para longe da escrivadinha e veio em direção a ela. — É hora de você fazer o juramento! Ou você já fez? Puxa. Lá vamos nós outra vez, misturando tudo! Já nos vimos aqui antes?

Kara balançou a cabeça.

— Hã... não. Qual juramento? Eu nunca fiz um juramento.

— Ó, bom — suspirou o Oráculo. — É o juramento que todos os anjos da guarda devem fazer. Um juramento selado que só pode ser quebrando quando

a alma morre. — Um repentino brilho emanou da bola de cristal, banhando os pés do oráculo com uma suave luz branca. O brilho diminuiu. Uma névoa com forma de nuvem se formou dentro do globo. Um redemoinho, que mudava de forma a cada giro. O oráculo pressionou suas mãos enrugadas juntas diante de seu peito, seus olhos ainda fixos nos de Kara. Para a grande surpresa dela, eles começaram a mudar de cor, transformando-se de azuis para dourados brilhantes.

Os olhos de Kara se arregalaram, enquanto ela recuava.

— Espere! E se eu não *quiser* me tornar um anjo da guarda? Não posso simplesmente voltar para casa? — Tudo isto estava acontecendo tão rapidamente que ela não tinha certeza se queria fazer parte disto.

O oráculo balançou a cabeça.

— Temo que não. É como deve ser... não há outro modo. A sua vida como você a conhecia acabou. Hoje, você está começando uma nova vida e um novo trabalho.

Kara piscou, a sua mente trabalhando além da conta. Tinha de ser melhor do que fazer nada, estar *realmente* morta. E também havia os largos ombros do Oficial David...

— Aproxime-se. — disse o oráculo com seriedade.

Lutando contra a vontade de fugir de David e do oráculo, Kara caminhou adiante.

— Espere um minuto... Acho que você está cometendo um erro. Não acho que eu seja a pessoa certa para este trabalho...

O oráculo pôs um dedo em seus lábios e aquiesceu imperiosamente.

— O Chefe escolheu  *você* , Clara, para integrar o exército Dele, para se tornar um de seus anjos da guarda — uma verdadeira e sagrada honra. — O olhar dourado dele hipnotizava Kara. — Agora, repita comigo.

Kara concordou.

O oráculo continuou:

— Eu, Clara Nightingale...

— É Kara.

— Ó, não! Errei de novo? A minha memória não é o que costumava ser.  
— O oráculo sorriu e limpou o suor das sobrancelhas.

— Vamos começar de novo. — Ele pigarreou. — Eu, *Kara* Nightingale, me declaro serva da Legião dos Anjos. Eu realizarei de todo o coração os meus

deveres como anjo da guarda. Que as testemunhas do meu juramento me obriguem a cumpri-lo.

Kara se sentiu tola, mas, de qualquer modo, repetiu tudo, palavra por palavra.

— Nós a obrigaremos a cumpri-lo! — juntos declararam o oráculo e David.

Então algo estranho aconteceu. Primeiro, a pele do oráculo começou a reluzir com uma suave cor dourada, então ele se inclinou para frente e pressionou seu polegar sobre a testa de Kara. O toque dele queimou um local entre as sobrancelhas dela e enviou uma onda de eletricidade da cabeça dela até as pontas de seus dedos. De algum modo, ela se sentiu mais pesada, como se o simples toque a houvesse sobrecarregado. Após um momento, o oráculo se inclinou de volta para trás e Kara observou os olhos dele voltando lentamente para a cor azul natural. A bola de cristal cintilou, então perdeu todo o seu brilho.

Ela ergueu a mão e tocou a sua testa, correndo os dedos por sobre o ponto onde ela sentiu queimar. Ela franziu as sobrancelhas. Podia sentir o contorno de uma estrela... como a de David. O oráculo havia marcado uma nela também.

— Eu tenho uma *estrela* na minha testa? — disse Kara, que era mais uma afirmação do que uma pergunta, enquanto ela esfregava a testa. Um sorrisinho surgiu em seus lábios.

— Este é o símbolo da Legião dos Anjos. Você é um anjo da guarda agora... você fez o juramento. — O oráculo manobrou sua bola de cristal de volta para o outro lado de sua escrivaninha e se sentou de novo. Ele deu uma olhada no relógio. — E agora *você* tem um trabalho a fazer. O tempo é precioso! Daniel!

David lançou uma bolsa preta sobre seu ombro e caminhou para a piscina.

— Sou eu. Vamos, garota. Temos apenas meia hora para chegar até a Sra. Wilkins antes que ela morra em um maluco acidente com a máquina de lavar louças.

Ele subiu uma escadinha pendendo sobre a beira da piscina e pisou na borda.

Kara franziu o cenho.

— Espere. Quer dizer que para chegarmos à Sra. sabe-se-lá-o-nome,

temos de pular na piscina?

— Isto mesmo — respondeu David, enquanto ele baixava sua bolsa e socava a pasta nela.

Era estranho demais. Mas, novamente, ela *estava* morta — caminhando, falando, com uma estrela dourada queimada em sua testa.

Kara deu alguns passos hesitantes em direção à piscina.

— Só um minuto... e por que *eu* não fui salva? Onde está o *meu* anjo da guarda? — Imagens da vida dela cintilaram em sua cabeça... de sua família, seus amigos, suas pinturas. — Por que não havia ninguém para me salvar?

David fechou o zíper da bolsa e a jogou sobre o ombro. Ele voltou os olhos para Kara e deu um amplo sorriso.

— Você foi salva. Bem, a sua *alma* foi, é isto.

— Há?

Os olhos dele eram pensativos enquanto pousavam nela.

— A sua alma foi escolhida. Você foi destinada a se tornar um AG. Era apenas uma questão de tempo antes que você morresse e fosse enviada para Horizonte! Estamos ficando com poucos anjos da guarda, entende, e você era a próxima da lista. — Ele deu uma piscadela.

— Eu fui *escolhida*?

— Sim. Pelo próprio Chefe. Ele pensa que você tem o que precisa para fazer o trabalho. E, falando no trabalho, temos de ir... — David estendeu a mão e fez um sinal para que ela o acompanhasse.

— Então, como você sabe o que vai acontecer com ela — a mulher — ante que aconteça? — Kara apertou suas mãos ao redor do corrimão frio da piscina. — Quero dizer, como isto é possível?

— Você se esquece de onde está. Os oráculos podem ver o futuro. É o dom deles. Eles sabem dias antes que alguém está prestes a morrer. Então eles designam anjos da guarda para salvarem a alma da pessoa. É o seu trabalho salvá-las, independentemente de qualquer coisa, antes que os demônios as devorem.

— Demônios? — Kara arregalou os olhos. Ela sentiu seu corpo ficar tenso. Precisou de alguns segundos para se recompor. — Está brincando comigo? — Uma imagem de sua mãe pipocou em sua mente.

Ela voltou sua atenção para o oráculo, que estava ignorando o diálogo

completamente. Os olhos dele estavam dourados de novo. Ele olhava para o vazio, imóvel como uma estátua. Kara se indagou se o homenzinho estava lendo o futuro naquele exato momento.

— O oráculo está ocupado agora. Ele está fazendo o trabalho dele; agora é a *nossa* vez. — David agarrou o braço de Kara e a puxou para cima na escadinha, posicionando-a a seu lado. O olhar dele se estreitou.

— Agora preste atenção. Está me ouvindo?

— Sou toda ouvidos. — Mas Kara não conseguia se livrar da sensação de terror. Demônios eram o tema favorito de sua mãe — uma mulher louca com inimigos imaginários... certo? — Ning... ninguém disse nada sobre demônios. — Ela tentou forçar uma expressão de coragem para David, mas sabia que não estava funcionando.

— Não se preocupe. Nada vai acontecer... Esta é uma atribuição realmente fácil, confie em mim. Estaremos de volta antes que você perceba.

Ele sorriu e estudou o rosto dela. Os olhos azuis dele cintilaram.

— Aqui em cima, água é importante. Lembre-se disto. É a porta de entrada entre o Horizonte e a Terra. — Ele lançou outro sorriso, com seus dentes expondo seu brilho. — Temos de pular dentro dela. Está pronta? — Ele agarrou Kara pelo cotovelo, puxando-a para frente.

Kara fitou os reflexos na piscina, imaginando demônios na água profunda — esperando por ela.

— Tudo bem, então — disse David — quando eu contar três...

— Espere? Espere! Não sei se quero fazer isto...

— Um...

Kara remexeu o braço, desesperadamente tentando se livrar da agarrada de ferro de David.

— Dois...

— Espere! — gritou Kara — Eu não sei nada!

— Três! — David se projetou para fora da borda e pulou, arrastando Kara para baixo com ele.

Ela caiu na água e afundou até o fundo. A água não tinha nenhuma *sensação* de água, era mais como uma névoa, ou um nevoeiro denso, como quando você ficou por muito tempo no chuveiro. De algum modo, Kara conseguiu respirar com facilidade, talvez porque não tivesse pulmões. Ela virou

sua cabeça e tentou procurar por David, mas começou a girar com rapidez — horizontalmente — com berros de estourar o tímpano, enquanto bolhas esbranquiçadas pareciam consumi-la. Luz branca explodiu ao redor dela. Protegendo seus olhos, Kara conseguiu olhar para baixo. A luz estava brotando dela. Todo seu corpo estava iluminado com luz branca fluorescente. Ela sentiu um repentino empurrão e observou seu corpo desintegrar-se em milhões de partículas brilhantes. Então ela começou a flutuar.

Com um último clarão de luz, tudo ao redor desapareceu.

## Capítulo 3

### O Traje M

Kara se esforçou para ficar com as pálpebras abertas e olhou ao redor. Ela franziu o cenho.

As sombras do mundo ao redor dela eram um vago borrado, como se ela houvesse aberto os olhos sob a água. Ela se sentiu tonta, quase como da vez que roubou uma garrafa de vinho da adega de seus pais e bebeu metade da garrafa. Mas isto era diferente. Ela estava presa em um corpo estranho. Procurou dentro deste corpo e encontrou a si mesma. Ela quis que o corpo se movesse... moveu os dedos, então os braços. Este novo corpo dava a sensação como se ela o estivesse vestindo sobre seu outro eu; um traje apertado como a pele.

Assim que a tontura diminuiu, seus nervos se acalmaram. Ela se concentrou em sua audição. Ela podia ouvir os sons distantes do tráfego e os murmúrios suaves das pessoas falando. Ela piscou. As formas começaram a ficar em foco. Era como se ela estivesse assistindo ao mundo através dos olhos de outra pessoa. Ela olhou para baixo para seu novo corpo e apertou as mãos contra o peito. Nada. Nenhuma batida de coração, nenhuma compressão dos pulmões. Vazio.

Os olhos dela lentamente se ajustaram às sombras ao redor dela. Ela estava em um beco úmido que fedia lixo da semana passada. Ela seguiu o cheiro e avistou gatos comendo nos contêineres de metal. Altos edifícios de tijolo obstruíam a luz. Formas se moviam dentro das sombras. Kara recuou quando dois homens mal-encarados a observaram desde uma porta escura, sussurrando um para o outro.

Então algo tocou o ombro dela.

Kara deu um pulo para trás e quase caiu.

— Relaxe, Kara, sou eu. — David reapareceu. Ele carregava a bolsa preta nas costas. Seu atrevido sorriso Colgate fazia com que o rosto dele fosse

bonito demais. Kara se virou para o outro lado para que ele não pudesse ver suas bochechas coradas. Então ela se lembrou — ela não corava. Ela não tinha sangue.

— Como você está se sentindo? — ele perguntou, enquanto passava o braço sobre o ombro dela.

Kara deu um sorrisinho.

— Como na ressaca no meu aniversário de dezesseis anos. — Ela levantou a cabeça. O mundo ao redor dela esta em foco agora, mas o chão ainda oscilava ligeiramente. Ela estava empolgada em voltar, mesmo que fosse por um breve momento.

David olhou para o nada, com um sorriso bobo na cara.

— Sim... aqueles foram momentos divertidos.

Ele suspirou e voltou-se para Kara.

— Mas isto é normal. Vai passar em alguns minutos.

Ele soltou o ombro dela e pôs a bolsa no concreto. Ele se abaixou, revirou a bolsa e puxou um mapa. Após estudá-lo por um tempo, ele o guardou de novo e puxou um relógio de pulso de couro marrom.

— Bom, estamos a poucas quadras de distância.

Num pulo, ele ficou de pé e prendeu o relógio no pulso.

Uma brisa mascarava o cheiro do lixo por um momento, enquanto trazia o de escapamentos de carros, do concreto quente e de cocô de cachorro desde a rua movimentada. Kara ajeitou uma mecha de cabelo para atrás da orelha. Ela levantou a mão até seu rosto e a estudou, movendo os dedos, concentrando-se no fato de que estava em um corpo que não pertencia a ela.

Ainda em Horizonte, antes de dar o grande mergulho, ela se lembrou de ter se sentido como seu velho eu, apenas sem os órgãos internos... mas como ela mesma. Agora, de volta à Terra, após sua morte, este corpo lhe era alheio. Ela não tinha certeza se um dia se acostumaria a isto.

— Na primeira vez, leva um tempo para se acostumar a usar o traje M. Acredite em mim, eu sei! — David uniu as mãos. — Cara, eu me lembro da minha primeira vez... Eu estava viajando completamente. — Ele riu, com seus olhos brilhando.

Kara sorriu. Ele lhe lembrava os rapazes da universidade que ela via pela cidade: jovens, bonitos e cheios de si. Eles transpiravam um ar de

arrogância. A maioria das garotas do Ensino Médio babava por estes rapazes. Ela havia batizado-os de "Os Intocáveis". David era um deles. Ele era muito bonito, com uma forte constituição atlética. Ela se sentia desconfortável por estar tão perto dele. Os olhos deles se encontraram por apenas um segundo, e Kara estava certa que ele havia acabado de ler seus pensamentos. Ele sorriu.

— Mas, você sabe, após alguns trajes, você quase não os sentirá mais... eles se tornam parte de você. — David ajeitou a jaqueta e ergueu o colarinho. — Sim... Agora sim.

Kara franziu o cenho.

— O que você quer dizer com trajes M?

— Mortal — humanos — terráqueos. Se você não faz parte da Legião, você é mortal.

— Você está dizendo que estou vestindo um traje *humano*?

— Isso.

Kara fez uma careta.

— Isto é nojento! — Ela balançou a cabeça. — Ainda não consigo entender. Como chegamos aqui? — Seus olhos castanhos procuraram pelo rosto dele.

— Veja bem — explicou David, enquanto a estudava — quando nós pulamos na piscina lá em Horizonte, lembra-se? Certo, bem, nós fomos meio que *transportados* para a Terra. — Ele ergueu os braços e apontou para o peito. "Para estas coisinhas aqui."

— Certo... nestas bolsas corporais — disse Kara, e ela analisou a si mesma. Ela estudou seu braço. Ela puxou a manga e passou a mão por sua pele. — A sensação... é diferente — Ela disse, e olhou nos olhos dele.

David concordou, enquanto sorria para ela.

— Eu sei. Você se acostumará com isto.

— Então, estes corpos simplesmente apareceram *magicamente*?

— Há! — Ele riu. — Você é engraçada. Mas... ah... *não*. Veja, quando nós viajamos entre Horizonte e a Terra, precisamos submergir na água... as piscinas, lembra-se? A água serve como uma porta de entrada entre os dois mundos. Ela também nos permite criar os trajes M e eliminá-los depois. Não me pergunte como, mas é assim que funciona. E nós chamamos o processo de "Vega".

Kara piscou.

— Sou uma marionete sem os fios. — Sua mente cintilava dentro de seu corpo mortal, antecipando o movimento. Ela mudou o peso de uma perna para outra... tudo que ela precisou foi de um pensamento. O corpo respondeu. Como água sugada por uma esponja, seu espírito havia sido absorvido completamente; corpo e alma se moviam como um só. Ela não precisava mais da vontade do corpo para se mover. Rapidamente, estava se tornando natural para ela. Ela repousou as mãos em seus quadris. Talvez não fosse tão difícil quanto ela havia pensado a princípio.

— Acho que estou pegando o jeito da coisa.

David a observava e sorria.

— Em Horizonte, não precisamos de corpos de carne e osso, nossos corpos são imortais. Você ainda é a mesma pessoa de antes, mas não no mesmo corpo mortal. Você pensa e sente exatamente do mesmo jeito. É como se você nunca houvesse deixado seu antigo corpo. Mas os nossos corpos mortais se foram... e, como um AG, você tem de submergir em trajes M para caminhar na Terra... a nossa alma morreria sem eles. Pense neles como outra versão de seu antigo corpo. Mas, devo admitir, eu adoro vestir os trajes... eles fazem com que eu me sinta invencível!

Kara se sentia mais a vontade a cada momento que passava. Não era tão ruim, no final das contas, esta nova vida que começava a emergir.

— Tudo bem, uau... daqui vamos para onde? — perguntou Kara, enquanto ela praticava o movimento de seus membros. Ela deu alguns passos, olhando para seus pés, sorrindo. Ela tinha de admitir, realmente era incrível quando você se acostumava.

— Temos menos de *quinze* minutos para chegarmos até a Sra. Wilkins antes que ela *escorregue e morra* — em um acidente bizarro. Está pronta? — David ergueu uma sobrancelha. — É hora de eu revelar meus talentos *extraordinários*! — Os dentes dele reluziram e ele esfregou uma mão na outra.

Ela olhou para o rosto sorridente dele e estremeceu.

— Ah é?

— Não se preocupe, estarei aqui com você — disse David. — E  *você*, você estará testemunhando um verdadeiro mestre em sua arte... em primeira-mão! Eu sou *o* maior.

Kara balançou a cabeça.

— Uau... todos os anjos da guarda são tão pretensiosos assim, ou eu fui realmente sortuda de ficar presa a você?

— Eu sou o que há de mais quente em Horizonte, *baby*. — disse David, seus olhos cintilaram maliciosamente. Ele jogou a bolsa preta sobre seu ombro, ajeitou sua jaqueta e saiu correndo. — Vamos! — Ele gritou para trás.

— Com certeza, coisa quente. — Kara riu.

Ela correu para acompanhá-lo, tentando não tropeçar em suas novas pernas. Logo o beco desapareceu e eles se encontraram à luz do dia, defronte uma movimentada rua. Altas palmeiras decoravam a extensão da rua em ambos os lados, como enormes postes de luz. Suas folhas farfalhavam com uma brisa leve, trazendo o odor do oceano. Instantaneamente, Kara soube que ela não estava mais em sua cidade-natal. Ela avistou uma placa metálica de rua. “Northeast 5<sup>th</sup> Street” estava escrito no topo sobre uma plataforma verde. Ela nunca havia estado aqui antes.

— Onde nós estamos? — perguntou Kara após um tempo. Ela fitou uma gigantesca planta de aloé.

— Fort Lauderdale, Florida, *baby* — respondeu David. Ele marchava pela rua com facilidade, e Kara deduziu que esta não era a primeira visita de David a Fort Lauderdale.

Eles caminharam pela 5<sup>th</sup> Street, ziguezagueando por entre multidões de compradores. O cheiro de cebolas, alho, peixe e especiarias os cercava. Ela imaginou um suculento cheeseburger.

— Podemos comer carne? Quero dizer... precisamos comer? Como... podemos comer comida?

— Não. Isto são trajes mortais, não corpos mortais reais. Não comemos.

— Que saco... Tinha esperança de comer um pedaço de pizza ou algo do gênero.

— Você poderia tentar... mas será como comer papel.

— Acho que eu passo, obrigado.

Kara seguia David de perto. Ela ainda se sentia desconfortável vagando pelas ruas em seu novo corpo. Ela olhava para os transeuntes na cara e se indagava se estas pessoas reparavam alguma coisa diferente nela.

— Você tem um espelho consigo?

— Por que você quer um espelho? — David parou de caminhar e encontrou os olhos de Kara.

— Para me ver. Gostaria de saber como eu me pareço.

— Ó... é claro. Você quer se certificar se *você* ainda é *você*... venha aqui. — David caminhou para um carro estacionado. Ele se certificou de que ninguém estava olhando. — Você pode se ver com isto aqui. — Ele apontou para o espelho retrovisor.

Kara se inclinou e deu uma olhada.

— Eu tenho exatamente o mesmo visual? Os mesmos olhos, nariz, cabelo? Ótimo... eu tenho até mesmo as mesmas espinhas! Como isto é possível?

— Porque você é você.

— Mas o que acontece se alguém que eu conheço me vir? Ela vai ter um trecho! — Kara imaginou o rosto assustado de sua mãe. Ela pensou que ela provavelmente morreria de um ataque do coração, vendo sua filha morta vagando pelas ruas como um zumbi.

David segurou Kara pelo cotovelo e a conduziu para longe do carro.

— Elas não vão reconhecê-la, porque você não é *exatamente* a mesma para eles... você parecerá ser um pouco diferente. Você terá os mesmos olhos e cabelos castanhos, mas você parecerá como se fosse uma prima ou algo do gênero.

— Ó. Eu não tenho primas.

Eles caminharam por outra quadra até chegarem a North Andrews Avenue e viraram para o sul. Casais com crianças passaram por eles, e Kara pensou em sua própria família. Naquele momento, ela se sentiu infeliz. Sentia saudades de sua mãe. Mesmo que ela fosse louquinha, era a única mãe que Kara tinha. Ela imaginou o rosto de sua mãe afligido por pesar e desejou poder contar a ela algum dia que estava bem.

— Você tem saudades de sua família?

David ficou em silêncio por um segundo.

— É claro que sim. Sinto falta dela o tempo todo, mas eu não trocaria a minha vida em Horizonte por nada. Amo o meu trabalho. Somos parte de um grupo de elite... escolhidos para manter os mortais seguros. A emoção que eu sinto em uma missão... Você não consegue a mesma sensação fazendo outra coisa. É perigoso, e eu adoro ultrapassar os limites. Sou bom nisto. É como se...

isto fosse o que eu deveria estar fazendo. Além disto, podemos brincar com as armas mais legais! — o rosto dele se iluminou.

Kara se indagou se David havia tido muitas namoradas quando ainda estava vivo. Ela sabia a resposta para sua própria pergunta e percebeu que estava sendo boba. Mas outra questão queimava no fundo de sua mente.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro. O que você quer saber?

Kara desviou o olhar.

— Como... como você morreu?

— Ah, isso — David riu. — Bem, não foi nada espetacular. Eu me afoguei.

— Você se afogou! Ó, meu Deus! Este é um jeito horrível para morrer.

— Bem, na verdade, eu joguei o carro dos meus pais para fora de uma ponte. Então isto é um pouco mais fodástico.

Kara imaginou o cenário em sua mente.

— Como foi? Quero dizer... afogar-se? Você sofreu? Deve ter sido terrível.

— A última coisa que me lembro foi da sensação de voar; o que, aliás, foi muito legal — disse David. — Então o carro atingiu a água e eu bati a minha cabeça no volante. Apaguei. Então acordei com um macaco fungando na minha nuca.

— Certo. O chimpanzé do elevador.

David ajeitou a bolsa em seu ombro.

— Então entrei na Legião... fiquei popular com as mulheres... irritei alguns anjos... e o resto é história. — Ele se calou por um segundo antes de continuar, com uma expressão pensativa. — E você? O que você se lembra da sua morte?

Kara coçou a nuca.

— Não senti nada quando morri... Quer dizer, não senti dor alguma. Eu me lembro do ônibus vindo na minha direção. Eu me lembro de pensar que era tarde demais para sair do caminho... então ele me acertou. A coisa seguinte que me lembro era de estar no elevador. — Ela chacoalhou a cabeça. — Pensei que estivesse dormindo.

— Acho que todos passamos por isto. — David apontou. — Aqui está,

187 North Andrews Avenue, apartamento número três... a sua primeira atribuição. Que o show comece! — Ele deu uma olhada em seu relógio. — Não temos muito tempo. Rápido! — Ele correu para a frente do prédio de pedras cinzas e subiu correndo a escada de metal, três andares até o apartamento número três.

Kara o observava da parte de baixo das escadas e encolheu os ombros.

— Ótimo. Estou presa ao show do Fantástico David. — Mesmo assim, ela subiu correndo as escadas, com o seu corpo completamente sintonizado com ela.

— O segredo para uma atribuição bem-sucedida é fazer o trabalho *rápida* e discretamente. Salvar o mortal... e dar no pé. Sem demônios, se você salvar o mortal.

— Hum, estes demônios — disse Kara — como eles são? — Ela não conseguia evitar de tremer enquanto esperava pela resposta. Se os demônios existissem, havia uma pequena chance que a sua mãe também os visse.

— Depende. Há muitos tipos diferentes de demônios. Alguns podem ser como os monstros de seus piores pesadelos, e outros podem ser como você e eu — mortal.

— Com olhos negros.

— Sim... como você sabe?

A cabeça de Kara girou. Ela tentou organizar os pensamentos.

— Minha... minha mãe os via, eu acho. Ela... ela os chamava de demônios. Ela disse que eles estavam atrás de nós. Quero dizer... todos pensávamos que ela estava louca. Eu nunca vi nenhum demônio. Queria acreditar nela. Tentei muito. Ela fazia com que eles parecessem ser tão *reais*... mas eu não conseguia. Gastei boa parte da minha vida escondendo-a de todos para eles não me pusesse num orfanato. Entende, meu pai morreu quando eu tinha cinco anos... então só éramos... éramos só nós duas.

— Bem, ela não era maluca — David inclinou a cabeça para o lado. — Alguns mortais podem ver espíritos e demônios... eles são chamados de Sensitivos. Eles formavam uma sociedade secreta mortal e têm lidado com a Legião por séculos. Sua mãe provavelmente é uma deles.

— Sensitivos — repetiu Kara. — Eu... eu acho que você tem razão. — Sua culpa a oprimiu. Sua mãe não era louca. Ela se lembrava de sua mãe

gritando e apontando para inimigos invisíveis, e agora Kara estava cheia de arrependimento. Sua mãe estava falando a verdade todos estes anos. Isto apenas fez com que Kara se sentisse pior.

— Agora, assista e aprenda — David tocou a campainha.

Após um instante, surgiu um ruído estridente quando o interfone foi ligado.

— Sim...? — atendeu a voz rouca de uma mulher.

David pigarreou e deu uma piscadela para Kara.

— Oi, Sra. Wilkins? Meu nome é John Mathews. Estou aqui com minha amiga Karen. Somos da escola Saint Thomas e estamos pedindo doações para o time de natação. Temos certeza que ganharemos neste ano...

Surgiu um alto *scrch* no interfone.

— Ó! Sim, sim. É claro. Subam!

A porta zuniu e vibrou enquanto David a empurrou para abri-la.

— O filho dela costumava participar do mesmo time de natação. Pode deixar que eu falo — ele sussurrou — o seu trabalho agora é apenas observar... veja como eu cuido da *donzela em perigo!* A minha boa aparência às vezes é o que basta.

— Com certeza, galãzinho! — Kara o seguiu para dentro do prédio. O ar estava espesso e tinha um tênue odor de mofo no ar. Ela enrugou o nariz. Manchas de uma marrom sujo tingiam as paredes verde-claras, e chicletes mascados estava grudados no imundo carpete das escadas. Baratas mortas do tamanho de camundongos jaziam no chão perto das paredes e outras vivas desapareciam em rachaduras apertadas. Vozes vindo da televisão do apartamento vizinho esgueiravam-se através das paredes.

Quando David chegou ao topo das escadas, ele se virou.

— E outra coisa — ele disse — os trajés Mortais são temporários. Eles duram apenas poucas horas. Ficar na Terra por muito tempo revelará aos demônios a nossa localização. Quanto mais ficarmos aqui, mais fácil será para eles nos encontrarem. Eles podem nos sentir. É porque isto que temos de nos apressar. Mas não se preocupe, os demônios não aparecem simplesmente. Ainda temos muito tempo para o nosso trabalho. Mas se você vir um, *não* entre em pânico! — Ele estudou a expressão de Kara. — A pior coisa que você fazer é surtar e assustar o mortal. Ela não deve saber nada sobre demônios, ou sobre nós.

Temos regras estritas sobre tais coisas. Além disto, estou aqui para protegê-la. Você entende?

Kara aquiesceu, mordendo o lábio, apesar de não estar totalmente certa se *não* surtaria se visse um demônio vindo na direção dela.

— Tudo bem. Hum, os demônios... podem nos machucar? Sei que já estamos mortos, mas... — Sua mente viajou para quando ela era uma criança. — Quando eu era pequena, costumava ter pesadelos horríveis sobre monstros... costumava ver formas negras se movendo todo o tempo. Minha mãe dizia que eram demônios, e que eles queriam comer a minha alma. Isto é verdade? Xii, ouça-me falando... sou uma aberração.

— Você não é uma aberração — disse David, com repentina gentileza no olhar. — Você é um anjo da guarda... e não é feia também.

Kara virou os olhos.

— Mas, sério, eles podem me ferir agora... ou nós somos, tipo, *invencíveis*? Temos habilidades *especiais* de anjo?

David estava de frente para uma porta com tinta branca descascando.

— Os demônios são os únicos que podem levar a alma de um anjo da guarda. Se um demônio levar a sua alma, você deixa de existir, então não há volta. Mas, com treinamento, você desenvolverá suas habilidades. Olha, por agora, deixe os demônios *comigo... se houver* um. Hoje, é observar e aprender.

Kara se debateu para permanecer calma. Ela não queria que o David pensasse que ela era uma fraca, especialmente em seu primeiro dia no trabalho.

— Mas o que eu faço se eu vir um?

David bateu na porta.

— Mostre o dedo do meio pra ele e talvez ele vá embora. Não, sério, só fique perto de mim. Nada vai acontecer. Estou aqui.

— Sim... Já me sinto muito melhor, obrigada. — Kara suspirou. Ela se concentrou no comportamento relaxado de David para tranquilizar a sua mente. Ela percebeu que não tinha ideia do que fazer se visse um demônio.

A porta se abriu e revelou uma senhora roliça na casa dos sessenta anos.

— Olá, queridos... entrem, entrem — ela disse, enquanto acenava para entrarem. — Então... vocês dois estão no time de nataçãõ?

— Sim — disseram David e Kara em uníssono, ao entrarem no pequeno vestibulo. Kara podia ver partes de uma cozinha de onde estava, parcialmente

escondida atrás de paredes que haviam sido abertas para revelar uma área de jantar e estar. O pequeno apartamento fedia a carpete sujo e pot-pourri, e uma pitada de mijo de gato. Como ela sentia saudades de sua avó.

A Sra. Wilkins analisou o jovem casal.

— Hum. Bem, vocês formam um par bonito, não é? — Sorrindo, ela balançava seu corpanzil com empolgação, enviando ondas de oscilação para todos os lados sob seus pés. — Meu Stanley sempre vinha para casa após treino louco por um suco. Vou preparar um pra vocês — Ela se virou lentamente e claudicou até a cozinha.

David olhou para Kara. Balançando sua cabeça, ele mostrou a ela seu relógio e fez com a boca, *Não!*

Kara espiou para dentro da minúscula cozinha e avistou a porta aberta da máquina de lavar louça e, à mostra, uma fileira de facas afiadas reluzindo com a luz da cozinha, apontando para fora da cestinha plástica de talheres da lavadora: a assassina.

— Hum, isto não será necessário, senhora. — disse Kara. — Nós... nós acabamos de tomar café — ela mentiu, pondo na cara um sorriso amarelo. — Não estamos com sede, de verdade.

A Sra. Wilkins parou e deu a volta.

— Ó, *entendo*. Vocês, jovens, estão sempre com pressa.

Kara coçou a nuca.

— Hum, sim... mas muito obrigado. — Sorrindo, ela esticou os cantos da boca o máximo possível.

A Sra. Wilkins franziu o cenho e estudou Kara um pouco mais. Ela apertava os lábios.

— Bem, então. Vou buscar a minha carteira. — Ela saiu pisoteando pelo corredor coberto por papel de parede e desapareceu atrás de uma porta.

— Esta foi por pouco — David inspirou. Ele deu uma olhada no relógio e sorriu. — Bem, Kara, hoje é o seu dia de sorte. Falta um minuto, a carga está segura, e não há sinais de demônios. Esta foi uma *excelente* primeira atribuição. Kara, eu mataria por uma cerveja agora.

Alguma coisa se moveu na visão periférica de Kara. Ela virou a cabeça. Em um canto escuro do corredor, passando a porta onde a Sra. Wilkins desapareceu, Kara viu uma cintilação sombria. A princípio, ela não tinha certeza

se havia visto algo... talvez seus olhos estivessem lhe pregando uma peça. Mas, quando sua visão se adaptou às trevas, a sombra apareceu novamente. Era pouco mais do que uma névoa cambiante que aparecia e desaparecia. Enquanto brilhava na penumbra, tornava-se visível e invisível, assumindo uma forma sólida por tempo o bastante para expor fragmentos de um corpo corrompido e contorcido. A sombra cambiante deslizou em direção a eles.

Exatamente como em seus pesadelos.

## Capítulo 4

### Descendo pela Privada

David largou sua bolsa. Ele enfiou as duas mãos dela, puxou uma longa adaga de prata com sua mão direita e agarrou um brilhante orbe branco com a outra.

— Kara, mova-se!

Mas ela não conseguia. Colada em seu lugar, o corpo de Kara de repente havia ficado frio como o gelo, como se a temperatura no ambiente houvesse baixado uns 7 graus. Enfraquecida pela maldade que a criatura emanava, Kara sentiu mãos geladas dela se comprimirem ao redor de seu pescoço, sufocando-lhe a vida.

— O que está acontecendo? — Ela levou as mãos até a garganta e sentiu o peso do demônio puxando-a para baixo. Trevas se ocultavam dentro dela, ameaçando consumir a sua mente.

Mas Kara não deixaria que este horrível demônio a matasse. Ela era mais forte do que isto. Com sua força interior, ela fez um esforço e lutou contra este mal. Depois de um tempo, o frio a libertou e se dissipou.

— Rápido... Atrás de mim! — David empurrou Kara com força para o chão. Ele correu sobre ela e se postou no meio da sala, movendo diante de si suas armas.

Naquele momento, a Sra. Wilkins resolveu participar da diversão.

— O que é toda esta *bagunça*? — Ela berrou, enquanto voltava pelo corredor entre David e Kara. Primeiro, ela viu David, que estava segurando uma enorme adaga, então ela voltou sua atenção para Kara, pálida no chão, a alguns metros atrás dele.

— Deus do Céu! — Berrou a Sra. Wilkins, encolhendo-se contra a parede — o que você está tentando fazer com esta faca?! — ela gritou. — Você vai nos matar... arrancar as nossas vísceras e vendê-las no mercado negro? — Ela guinchou, enquanto apertava com os dedos o próprio peito.

— Senhora, estamos aqui para *protegê-la*! — gritou David, com os olhos

fixos na sombra.

A Sra. Wilkins acompanhou a direção do olhar de David e viu o demônio no final do corredor. Ela soltou um ganido. Assumindo uma forma sólida por um momento, o demônio revelou seu verdadeiro eu, uma essência pútrida de monstros entrelaçados. Tentáculos verminosos formavam pernas que ele usava para se propelar adiante. Ele cintilou antes de voltar para sua névoa negra.

— Volte para o Submundo, demônio das sombras! — David empunhava o orbe branco à sua frente. Raios brilhantes de luz branca eram disparados desde o orbe. Eles voaram diretamente para o demônio das sombras. Atingiram-no. O demônio liberou um grito de estourar os tímpanos, enquanto sua forma sólida reaparecia, coberta em luz. Em convulsão, ele cintilou e voltou para a nuvem negra, então desapareceu.

— Kara! — gritou David ao se virar e olhar para ela. — Leve a Sra. Wilkins para fora... rápido... antes que mais demônios venham!

Kara piscou. Ela encarou o rosto de David, com seus pés colados no chão. Imagens de demônios passaram por sua cabeça... seus sonhos infantis eram reais. Sua mãe estava contando a verdade todo o tempo. O demônio que atormentava Kara em seus sonhos, de tempo em tempos, havia acabado de aparecer a poucos metros dela. Ela se libertou do transe e se esforçou para concentrar-se nas palavras de David. Ela tinha de fazer alguma coisa. O corpo da Sra. Wilkins estava tremendo, o rosto dela contorcido em completo terror e surpresa. Ela precisava da ajuda de Kara. Afinal de contas, Kara era a *guardiã*. Compelida a fazer a coisa certa, ela se levantou e pulou em direção à Sra. Wilkins, tropeçou e caiu de cara. *Ops*.

A Sra. Wilkins, por outro lado, decidiu se mover. Pisoteando sobre Kara, ela cambaleou para a cozinha, gritando como uma assombração.

— Kara! — David berrou, ao ver a Sra. Wilkins perambulando pelo território perigoso. — A Sra. Wilkins está na cozinha! *A lavadora de louça!* Mantenha-a longe dela!

Um calafrio percorreu o traje M de Kara quando ela sentiu a temperatura do ambiente cair novamente. Ela ergueu a cabeça do chão e hesitou, enquanto outro demônio da sombra apareceu atrás de David.

— DAVID! ATRÁS DE VOCÊ! — Ela apontou para a criatura corrompida.

O demônio das sombras cintilou de novo para uma névoa e agarrou David por trás, envolvendo-o em uma nuvem negra. Por um momento, Kara pensou que o demônio o devoraria — não havia nada mais do que um nevoeiro branco onde David estava. De repente, a criatura se materializou de volta para sua forma verdadeira e David apareceu. Ele saltou no ar, enquanto lutava com o demônio das sombras com a sua adaga, esfaqueando e decepando partes da criatura. Líquido negro espirrava nas paredes.

— Vá... até... a Sra.... Wilkins... — ele ofegava ao lutar contra o demônio.

— Certo! — disse Kara. Ela tinha de tentar manter a senhora longe da lavadora. Ela se debateu para se levantar e cambaleou até a cozinha. Ela avistou a Sra. Wilkins escondida debaixo da mesa da cozinha, rezando.

Kara caiu de joelhos, a centímetros da mesa.

— Sra. Wilkins, venha, venha comigo... temos de sair da daqui! — Ela segurou o enrugado braço da velha e puxou. — Por favor, temos de ir! — Ela exortou.

Mas a Sra. Wilkins não se movia. Com seus olhos arregalados, ela só se balançava para frente e para trás, rezando em silêncio. Kara podia escutar David ainda lutando com o demônio das sombras. Ela sabia que tinham de se mover rápido dali. Com as mãos, ela tentou arrastar a Sra. Wilkins, puxando o mais forte que podia. Mas nada aconteceu. Kara não conseguia puxá-la de sob a mesa.

E quando Kara pensou que as coisas não poderiam ficar piores, ela sentiu um calafrio quando outro demônio das sombras se materializou na cozinha, a cinquenta centímetros do rosto choroso da Sra. Wilkins. Negros tentáculos nojentos em forma de nuvem tremularam pelo chão da cozinha, deslizando até elas. A Sra. Wilkins gritou e correu de sob a mesa da cozinha, lançando cadeiras e Kara voou para trás, chocando-se contra a parede.

Kara observava os eventos que ocorriam como se ela estivesse assistindo a um filme em câmera lenta. A Sra. Wilkins saiu de sob a mesa da cozinha, escorregou e voou cinquenta centímetros no ar. O corpo dela planou por um momento — e se chocou com a cara primeiro contra a porta aberta da lavadora. Com um *barulho* alto, a porta da lavadora caiu de suas dobradiças e se achatou com o peso da Sra. Wilkins.

Kara olhava fixamente a Sra. Wilkins, com boca escancarada, caída

com os braços abertos no chão da cozinha, com as facas fincadas em seu escalpo ensanguentado. O olho intocado dela estava fixo em Kara, acusador, como se fosse a culpa dela. Após um momento, o corpo da mulher reluziu, como se a pele houvesse sido pintada com milhões de pequenos diamantes. Então os diamantes se soltaram e planaram sobre o corpo, lentamente se unindo em uma bola de luz, como um diminuto sol.

Alguma coisa se moveu na visão periférica de Kara. Ao se virar, ela assistiu em horror o demônio da sombra rastejando em direção à mulher morta. Sem pensar, ela se levantou e correu em direção à bola de luz; algo dentro dela lhe dizia para protegê-la. Mas após três passos, ela sentiu algo segurar o seu pé esquerdo. Ela caiu de cara no chão. Então o seu corpo foi erguido no ar pelo pé e arremessado pelo cômodo. Ela acertou a parede com violência e caiu com força no chão. Kara lutou para se reerguer e virou rapidamente a cabeça. Uma polpuda massa de carne com veias expostas deslizou pelo chão da cozinha. Tentáculos vermelho-sangue avançaram, como um enorme polvo. Múltiplas cabeças e bocas com dentes afiadíssimos cobriam o corpo. O demônio ignorou Kara e rastejou em direção à Sra. Wilkins.

Rígida como uma estátua, Kara assistia em horror como os tentáculos da criatura se enrolaram ao redor dos pés da mulher, que se projetou para cima, a centímetros da bola de luz. Sua figura disforme se enrolou sobre o corpo morto da mulher. Seu toque corrompeu o corpo dela, e sua pele se tornou imediatamente negra e apodrecida, descascando. O demônio das sombras se encaminhou em direção à luz.

— NÃÃÃÃÃO!!! — urrou David, aparecendo repentinamente na porta, e correu em direção à Sra. Wilkins.

Mas era tarde demais.

O demônio das sombras brilhou e cresceu. Então, ele se lançou para frente, engolindo completamente a bola de luz, e desapareceu.

David correu até a Sra. Wilkins e olhou para seu corpo enegrecido.

— Oh... isto não é *nada* bom — Ele caiu de joelhos. — Perdemos esta *alma*. Vou levar uma bronca — ele disse, estreitando os olhos. — EU ODEIO os demônios! EU ODEIO ELES!

Ele se levantou e começou a chutar a lavadora de louças. O corpo murcho da Sra. Wilkins sacolejava sobre a porta. Uma meleca preta pingava dos

cantos de sua boca.

David balançou a cabeça.

— Só um momento... Não entendo. Como eles chegaram tão rapidamente aqui? Não faz sentido algum.

— O que... O que você quer dizer? David, do que você está falando?

— Os demônios. Eles nunca aparecem tão rapidamente. É como... se eles soubessem que estaríamos aqui.

Depois de um instante, ele olhou para Kara com um olhar incendiado.

— Temos de sair daqui! — Ele parou por um momento, então correu até a cozinha e desapareceu no banheiro, deixando Kara observando-o boquiaberta.

— Rápido, por aqui! — gritou David desde a porta do banheiro. — Está limpo — Ele desapareceu dentro do banheiro.

— Caramba... Não estou com um bom pressentimento quanto a isto! — Kara se esforçou para se levantar. — Ai! — ela sentiu uma dor aguda em seu tornozelo direito. Ela ergueu a perna da calça. Uma pequena marca preta na forma de uma teia de aranha havia sido traçada em seu tornozelo. — Que m...? — Ela esfregou seu dedo por ela e não sentiu desconforto. A dor havia passado. Ela desenrolou a perna da calça para baixo e partiu atrás de David.

Quando ela chegou à porta do banheiro, David estava ajoelhado diante da privada, tendo convulsões, mas ele não estava pondo pra fora suas tripas não-existentes. Ao invés disto, enfurecido, ele revirava os conteúdos de sua bolsa e puxou uma pasta. Ele o jogou no rosto de Kara.

— Aqui, pegue isto... você vai precisar. Estamos indo para o Nível Quatro. Teremos de contar para eles que *perdemos* uma alma!

Kara fitava seus sapatos, sentindo-se péssima. Ela não estava totalmente certa do que isto significava, ou o que ela havia feito, mas pela expressão maluca no rosto de David, ela imaginou que perder uma alma era  *muito* ruim.

— Sinto muito — ela conseguiu resmungar. — Eu... eu tropecei, então não consegui puxá-la. Continuei puxando e puxando, então tropecei de novo e o demônio...

— Não se preocupe com isto — David se endireitou e lançou a bolsa de volta por sobre o ombro. — Agora mesmo, a melhor coisa que devemos fazer é sair daqui. — Ele ergueu a tampa da privada com seu pé. Ele deu uma olhada para Kara e inclinou sua cabeça em direção à privada. — Você vai primeiro, eu

cubro você. —

Ele deu um pulo e parou na porta com um ar de protetor, observando.

— O quê? O que você está fazendo? — gritou Kara, atônita, com os olhos saltando da cara. — Você não quer que eu... você não pode estar falando a sério. Isto é nojento!

David se virou para encará-la e disse abruptamente.

— Nós realmente não temos tempo para isto! Você não percebeu que há demônios aqui? Olá?

Kara piscou.

— Você é louco... não, você é insano! De jeito algum eu vou tocar nisto. É nojento!

— É o que me dizem — David virou a cabeça e observou o corredor, então se virou para Kara e seus olhos se encontraram. — Eu preciso que você mergulhe sua cabeça na água, e não vou esperar para lhe dar um banho. Você realmente quer esperar e ver se os demônios das sombras decidem retornar?

Kara se inclinou em direção à privada e ergueu a mão à boca.

— Mas aí tem... aí tem *resíduos* da velha... — Ela fez uma careta enquanto espiava a água amarela e o pegajoso anel marrom ao redor do interior. — *Sério*, você não pode pôr sua cabeça aí!

David suspirou alto, enquanto baixava os ombros e olhava para o teto.

— Você não vai pegar uma *doença* ou outra coisa, garota, você está *morta*. Você vai se habituar a isto. Esta é a sua nova carreira. Rápido... Estarei logo atrás de você. — Ele se aproximou e a posicionou perto da privada.

— Espere! — disse Kara, desesperadamente. — O que acontece se eu puser minha cabeça a... a... aí? — Ela apontou para a privada.

— Você estará de volta a Horizonte, a caminho para o Nível Quatro — disse David após uma longa pausa. — Você estará a salvo. Vamos embora, vai! — Ele a empurrou para frente.

Um *barulho* alto veio da cozinha.

Kara torceu o nariz. Ela se virou e olhou David com olhos arregalados. Ele pulou para o corredor, com sua adaga presa em sua mão. Kara tensionou suas pernas e caminhou para a porta. Enfiando a sua cabeça trêmula para fora da porta do banheiro, ela percebeu que o barulho era apenas o corpo murcho da Sra. Wilkins escorrendo alguns centímetros para fora da porta da lavadora.

Kara estremeceu.

— David... os... os demônios... eles podem voltar. Eles podem sugar as nossas almas...

David pulou de volta para o banheiro e empurrou Kara em direção à privada.

— Tudo bem. Já deu. Não me faça enfiá-la aí. — Ele ergueu um sobrelanceira. — Eu farei isto, se for necessário... Acredite em mim.

Kara cambaleou e olhou para a privada vazia.

— Não acredito que estou prestes a fazer... o que estou prestes a fazer. Precisamos da água... certo?

Ela apertou a pasta contra o peito.

— Não posso pegar nada. Já estou morta. — Ela fechou os olhos. — Isto aqui tem cheiro de rosas... grandes rosas lindas... como a casa da Vovó. — Kara fechou o nariz com os dedos, enfiou a cabeça na privada, sentiu suas milhões de moléculas se separarem e desapareceu.

## Capítulo 5

### O Salão das Almas

Kara fez um esforço para abrir os olhos. Ela olhou para o piso de mármore verde. Metade do rosto dela estava espremido contra o chão frio. Ela sentiu seus joelhos dobrados sob ela e a bunda para o ar. Paredes com painéis de madeira a cercavam. Ela se empurrou para cima e sentou-se sobre os calcanhares.

Um enorme primata estava sentado na cadeira do ascensorista. Apesar de ele estar sentado, sua estrutura chegava ao topo do teto do elevador, sua cabeça careca roçava o topo. Seus longos braços peludos raspavam no chão e seu traseiro gordo caíam pelos dois lados da cadeira de madeira. Brilhante pelo laranja escapava de suas calças vermelhas e cobriam cada centímetro dele... um orangotango do tamanho de um jumbo.

Kara se contorceu para ficar de pé e conferiu a si mesma. Ela estudou o orangotango por um momento e pigarreou.

— Olá — ela disse e deu um tchauzinho. — Você não é o Chimpanzé 5M51.

O orangotango girou a cabeça em direção a Kara. Ele piscou, então rodopiou na cadeira para encará-la. Um pequeno par de óculos redondos repousava entortado sobre o nariz achatado dele.

— Qual piso, senhorita? — Ele baixou sua cabeça até o nível de Kara e empurrou os óculos com um dedo excepcionalmente longo. — Hã?

Kara ergueu as sobrancelhas.

— Certo... hum... — Ela deu uma olhada para a pasta amassada que ela ainda apertava contra o peito. — Ah... acho que devo ir ao Nível *Quatro*? — Ela olhou para trás, meio que esperando que David aparecesse repentinamente. Ela desejou que ele estivesse aqui com ela.

O primata a observava. Seus olhos aquosos miravam a pasta que ela seguravam em seu colo. Em um movimento lento, ele ergueu o braço e pressionou o botão de bronze número quatro no painel de controle. Longas

franjas de pelo laranja balançavam sob seu braço.

— Nível Quatro! — ele disse com voz alta, com seus olhos cor de pera enfeitiçando-a.

— Obrigado — ela conseguiu dizer, olhando para o chão. — Então... você trabalha com o chimpanzé 5M51?

— CHIMPANZÉ! — interrompeu o primata com fúria — Eu não sou um *chimpanzé*! Não me confunda com aquele grupo *pavoroso*! Minha espécie é superiora. *Eu* sou um orangotango. Orangotango 7PT9, por favor — ele disse, enquanto estufava o peito. Ele ajeitou os óculos e franziu a cara com contentamento.

— Tudo bem, então, orangotango 7T-alguma coisa-alguma coisa...?

Kara suspirou, enquanto esperava num longo e desconfortável silêncio. O elevador subiu até um andar superior. Ela percebeu que o orangotango a encarava. — Por que você fica encarando a minha cabeça? — ela disse quando já não podia suportar mais. — Perdeu alguma coisa? O que foi?

O orangotango baixou os olhos e mirou o chão. — Hum... sem razão alguma. Eu não estava encarando a sua cabeça.

— Sim, você estava.

— Não, não estava.

— Você acabou de fazer de novo! Eu vi!

— Não sei do que você está falando — 7PT9 ergueu o queixo e fitou o painel de controle. O olho esquerdo dele encarava Kara.

Kara mordeu o lábio.

— Tanto faz — Ela escondeu a cabeça sob a pasta. Suas mãos tremiam. "Fique calma. O Nível Quatro não pode ser tão ruim quanto o Nível Três" — ela disse para si mesma.

Sua mente revivia cenas do que havia acontecido com a Sra. Wilkins instantes atrás. Imagens de demônios das sombras passavam diante de seus olhos. Uma pequena bola de luz planava sobre o corpo morto da Sra. Wilkins. Kara franziu o cenho e abaixou a pasta. Ela não tinha certeza se era feita para ser um anjo da guarda. Ela cruzou os braços sobre o peito. O que acontece com os anjos da guarda quando perdiam uma alma? Ela se inclinou sobre o painel. Seu corpo tremia. Ela esperou.

De repente, a parte de trás da cabeça de Kara balançou e acertou o

painel quando o elevador deu um solavanco ao parar.

— Nível Quatro: Salão das Almas! — gritou o orangotango.

— Tudo bem, vamos ver o que acontece. Deseje-me sorte! — Kara apertou o arquivo contra seu peito e caminhou para as portas do elevador, mas sentiu um repentino puxão em sua cabeça.

— Ah! — Kara esfregou o couro cabeludo machucado — Você está louco! O quê? A minha cabeça é um bufê de caspa para você? Qual é o *problema* de vocês *macacos*? — ela gritou.

O orangotango ergueu o queixo no ar.

— Ah, correção... não é *macaco*, senhorita, é *orangotango*. — Ele virou e encarou o painel de controle. — Nível quatro, ele repetiu, lambendo os dedos.

Kara deu uma olhada no orangotango.

— Canibal — ela chiou ao expirar.

— Saboroso — respondeu o primata.

As portas de abriram. Kara deu um passo adiante.

— Uau...

Ela cambaleou para fora do elevador com suas pernas bambas como geleia. Ela nunca havia estado num infindo céu de ébano. O Salão das Almas resplandecia como um grande campo de vaga-lumes. Lembra-a do céu sobre os campos da fazenda atrás da cada de sua avó à noite, observando os insetos brilhantes ao iluminar os céus negros como estrelas cintilantes. Os cantos de sua boca se curvaram para cima.

Kara avançou sobre pisos de mármore negro. Enquanto ela se aventurava mais profundamente no Nível Quatro, ela percebeu que os vaga-lumes eram, na verdade, milhões de deslumbrantes esferas planando no ar. Logo ela se encontrou cercada por luz. Globos brilhantes flutuavam ao redor dela, como luzes de Natal a envolvessem desde o céu. Ela deu uma olhada através das esferas reluzentes e vislumbrou algo grande e branco. Cintilava no meio do grande salão. A forma branca resplandecia e ficou mais brilhante, como uma chama enorme. Uma brisa úmida acariciou suas bochechas. Um zumbido suave preenchia seus ouvidos. Ela fechou os olhos e suspirou.

— Ei! — Kara gritou quando alguém se chocou contra ela. Ela tropeçou e caiu no chão, então girou para ficar apoiada nos cotovelos. Seu agressor se afastou na direção oposta e desapareceu atrás de uma parede de luz. — Com

licença! — rosnou Kara. Ela se esforçou para se levantar. — Por acaso sou... *invisível*? — Ela seguiu adiante, então estacou.

Centenas de crianças com cabelos dourados se apressavam ao redor do espaço magistral. Elas se encaminhavam através de milhares de globos flutuantes que pareciam como grandes jarras de vidro. Suas vestes azul miosótis balançavam atrás delas. Kara observou seus rostos idênticos.

Veículos de três rodas corriam erraticamente pelo piso, conduzidos pelas mesmas crianças com cabelos dourados. Os bancos de trás destes pequenos carros estavam sobrecarregados com mais jarras de vidro. Elas tilintavam enquanto os veículos corriam através de paredes de luz e sumiam da vista.

Kara estava cercada por uma apresentação do Cirque de Soleil. Ela observou por sobre as cabeças das crianças. Um brilho atraiu seus olhos. Ela caminhou em direção a ele. Depois de um instante, ela entrou em uma clareira. Uma escrivaninha entalhada a partir de um grande bloco de vidro estava sobre uma plataforma elevada. Refletindo a luz dos globos, ele cintilava como um gigantesco diamante. Um grande homem estava sentado atrás dela.

Os pés de Kara vibraram sob ela e a massa de globos reluzentes zumbiram em uníssono, como se milhões de vaga-lumes houvessem começado a voar ao mesmo tempo.

Mas onde estava David? O que havia acontecido com ele? Ele deveria estar bem atrás dela. Ela balançou a cabeça, tentando afastar as imagens de David sendo estraçalhado por demônios.

— Hã... com licença? — disse Kara para a multidão de crianças. Ela forçou um sorriso que lembrava o de David. — Oi... vocês podem me ajudar? Não estou muito certa do que devo fazer com isto? — Ela segurava a pasta.

Eles a ignoraram e se afastaram, como se ela fosse invisível.

— Muito obrigada! — Kara gritou. Batidas chamaram sua atenção. Ela se virou.

— David! Ah... não é o David!

Um par de anjos da guarda com estrelas douradas em suas testas apareceram de uma parede de esferas brilhantes. Eles passaram por ela, com semblante sério, e se encaminharam para a escrivaninha de cristal. Kara decidiu segui-los.

Eles caminharam em fila única até a escrivaninha. Ela cintilava como

um cristal sob a luz do sol. Um arco-íris de cores espirrava para o chão atrás. A escrivaninha estava coberta com livros, com um monitor tela plana de computador espremido entre eles. Um homem enorme com a fronte franzida estava sentado no meio do entulho de livros e papéis. Ele vestia um manto branco, aberto na frente com um colarinho decorado com ouro, com suas longas mangas dobradas sobre a mesa. Tecido dourado decorava as largas mangas. O rosto dele era bonito e sério. Um brilho dourado emanava de sua pele pálida. Ao se aproximar, Kara percebeu que a testa dele estava marcada com um escudo dourado, com duas espadas prateadas se cruzando. Ele a amedrontava.

Os dois anjos da guarda se arrastaram até a escrivaninha e falaram com suas cabeças curvadas. Kara ficou a alguns metros atrás deles. Ela mexia em sua pasta. O pensamento de se endereçar a este homem fazia com que os pelos de sua nuca se arrepiassem. Talvez ninguém percebesse se ela desse no pé. Depois de um instante, o homem olhou para cima e deitou-lhe um olhar malicioso e calculista. Um dos anjos segurava uma pasta. O homem a agarrou e a abriu. Em um rápido movimento, ele acenou para o condutor de uma daquelas geringonças de três rodas. O veículo deu uma guinada, acelerou em direção à plataforma e deu uma freada brusca. Os anjos da guarda subiram no banco de trás. Com suas cabeças inclinadas desajeitadamente, eles se espremeram no pequeno espaço. Eles correram para os campos de esferas brilhantes. Kara os seguiu com o olhar.

— Onde está David?! — sussurrou Kara. Seu corpo formigava de maneira desagradável. A mente dela estava trabalhando duro. Ela mordeu o lábio inferior. Suas mãos tremiam e ela balançava para frente e para trás em seus calcanhares como se fosse uma serra. Depois de um momento, ela avançou. Seus olhos estavam colados nas grandes mãos do homem. Ela estacou com a pasta presa firmemente em seu colo. Ela esperou. A princípio, ele não pareceu notá-la. Ele estudava as páginas de um grosso livro de couro. Kara lembrou imagens de sua era-uma-vez-feliz vida na Terra — viva — quando anjos e demônios só existiam em suas pinturas, e quando ela saboreava uma suculenta fatia de pizza de pepperoni, com gordura pingando dos cantos de sua boca...

PLOP!

Kara fitou com olhos arregalados sua pasta no chão.

O homem gigante levantou sua cabeça perfeita e a examinou.

— Nome, ordem de classe e nível — exigiu a estrondosa voz.

Kara forçou as palavras para fora de sua boca.

— Hã... E-eu sou, Ka-Kara... — ela gaguejou, enquanto se inclinava e recolhia a pasta. Seus dedos tremiam. — Hum, não sei a minha ordem de classe, mas sei que sou uma *novata*? — Ela se ergueu.

Os olhos azuis flamejantes escrutinaram-na por um momento. Ele estendeu a mão diante dela. — Dê-me a pasta — ele ordenou.

Kara obedeceu e entregou a ele a pasta. Suas mãos tremiam e ela as fechou em punhos.

O homem se sentou novamente e folheou a pasta. Sua cabeça se levantou abruptamente.

— Você é a novata, Kara Nightingale. Sua ordem de classe é nº 4321. Você está de volta de sua primeira atribuição... onde está o seu Oficial? — Ele ergueu as sobrancelhas e olhou para trás dela.

— Hum... Não estou certa. Ele deveria estar bem atrás de mim... — Kara disse, com nervosismo. Ela virou sua cabeça ao redor, procurando atrás dela. — Ele... ele me disse para vir aqui até o Nível Quatro. É tudo que sei. — Ela uniu as mãos atrás das costas e mexia os dedos.

O homem a mirou em silêncio por um momento. Ele voltou a olhar para a pasta.

— Diga-me, qual é o nome do seu Oficial?

Kara piscou.

— David McGowan.

Suas sobrancelhas se ergueram, o homem franziu os lábios e olhou para ela.

— Entendi — ele disse simplesmente. — Você está com o *David*.

— Ah... você o conhece... Estamos metidos em problema ou algo assim? — Ela deixou os braços caírem ao seu lado. — Você sabe onde ele está?

— Terei de relatar isto. — E, neste momento, suas mãos se moveram sobre o teclado. As sobrancelhas dele baixaram um pouco e subiam a cada poucos segundos enquanto digitava. Depois do que pareceu ser para Kara cinco minutos muito longos fitando os dedos de alguém, pode-se ouvir um alto *tap, tap*, e Kara se virou para ver David correndo até ela.

— Ah... aqui está você, Kara — disse David, com um amplo sorriso. Kara percebeu que o cabelo dele estava um pouco despenteado. Mas, tirando

isto, ele parecia estar bem. Ele se voltou para o homem gigante.

— Olá, Ramiel. Sentiu falta de mim? Ó, Poderoso?

Kara deu uma olhada para ele.

— Por que demorou tanto? — ela sussurrou. — Estou morrendo aqui!

David largou a sua bolsa no chão.

— Eu me atrasei. Você sabe... demônios.

Ramiel olhou para David. Seus olhos azuis estavam incendiados.

— Bem, David McGowan, você não perdeu o seu senso de *humor*. — ele disse friamente. O rosto dele se contorceu com descontentamento. Kara deu uma rápida olhada para David, apenas o suficiente para apanhá-lo piscando para ela. Ela se virou.

— Veja que você *abandonou* a sua novata na primeira atribuição dela? Tenho certeza que o tenente Arcanjo Gabriel ficaria interessado nesta informação — disse Ramiel. — Nunca seguindo as regras... não é, David? Pensa que está *acima* das regras? Você não está dando um bom exemplo para a sua novata. Pondo a vida dela em risco... isto não é bom para o seu histórico. — Ele balançou o dedo irritantemente para Kara, então seus olhos se moveram para David. Ele lhe voltou um olhar de reprovação.

David sorriu, estudando a face de Ramiel.

— Você é sempre tão gentil comigo, Vossa Excelência. Mas, não se preocupe, ela nunca esteve em perigo.. eu cuidei disto.

Ramiel ergueu uma sobrancelha.

— Esperamos que você guie Kara e a ajude a abraçar seus deveres como um anjo da guarda... sem que ela perca sua alma ou quebre alguma *regra*.

David exibiu seus dentes perfeitos e vestiu uma expressão inocente.

— Eu? Quebrar *regras*? Nunca, Vossa Santidade! Sou alguém que acredita verdadeiramente em seguir as regras... você acabou de lembrar-se disto — ele estava reluzente.

A expressão de Ramiel se tornou sombria. Seu belo rosto se enrugou, contrariado. Com um alto *rangido*, ele empurrou sua cadeira para trás e se levantou. Ele facilmente se elevava sobre Kara e David.

— Segundo a minha compreensão, você já está pisando em ovos, David. Infelizmente para você, a Legião está cansada de sua bagunça. Você não tem disciplina. Não quero nem ouvir tolices como pular de aviões ou ir atrás de sete

demônios superiores por conta própria! Que tipo de exemplo você está dando para seus novatos? — ele rugiu.

Kara se indagou quantos outros novatos David havia treinado antes. Ele não devia ser tão ruim assim, ou era?

David ergueu sua mão direita, com a palma voltada para Ramiel.

— Juro pela minha alma e espero morrer... ó, só um minuto. Já estou morto! — ele riu.

A expressão de Ramiel era assustadora. Kara teve a sensação de que, se quisesse, ele provavelmente poderia espremer David e ela em geleia. Ao invés disto, ele jogou a pasta para David, que a apanhou com facilidade.

— Há uma *alma* a ser queimada — ele se sentou de volta e imediatamente retornou sua atenção para seu teclado.

David abriu a pasta e correu os olhos por ela. Fechou-a e se virou para fitar Kara. Seu rosto reluzente rapidamente se tornou sombrio.

— Hum... este negócio de queimar alma não é dos mais agradáveis, sabe. Mas, ei... melhor fazer isto logo. Vamos lá — David se virou e agarrou Kara pelo braço. Ele a puxou consigo.

— O quê? — Kara desabafou, enquanto tentava se livrar da mão dele. — Espere, hã... David, você pode me dizer o que está acontecendo? O que tenho de fazer aqui? O que Ramiel quis dizer com: "há uma alma para ser queimada?" — Kara tinha uma terrível sensação de que era a alma *dela* que deveria ser assada.

— Hã? Oh, sim. Não se preocupe com Ramiel. Os *Arcanjos* pensam que são os donos do lugar, isto porque eles se comunicam com o Chefe em pessoa. Eles pensam que isto os torna *especiais*. Apenas uma cambada de idiotas cabeçudos, se quer saber — ele zombou e deu a volta. Ele partiu em direção aos campos de globos brilhantes.

Kara o seguiu.

— Então... queimar alma... o que é isto? — O pensamento de queimar qualquer coisa a deixava nervosa.

— Nós perdemos a alma da Sra. Wilkins... então agora temos de queimá-la. Temos de jogar as almas mortas no fogo branco do Atma. Elas nunca mais podem renascer.

— As almas podem *renascer*? — disse Kara, com espanto. Ela não

conseguia imaginar isto.

— É claro... quando um corpo mortal morre, a alma renasce em outro corpo mortal quando uma nova criança nasce. E o processo se repete, outra e outra vez, a não ser que a alma seja morta... como a da Sra. Wilkins. Então acaba — finito — se foram.

Kara sentiu como se ela houvesse sido esmurrada no estômago. Suas pernas ficaram bambas.

— Eu... Eu a matei. Eu matei a alma dela — isto é tudo minha culpa — Ela imaginou a Sra. Wilkins renascida como um lindo bebezinho. Sentiu um aperto na garganta. — Ela nunca mais vai renascer por *minha* causa. Eu... Eu a matei.

— Não é culpa sua. Não fique se torturando. Escute... estas coisas acontecem, faz parte do trabalho.

Kara baixou os ombros.

— Bem... esta parte é *realmente* chata.

David pôs os dedos na boca e deu um alto assovio. Um carro de três rodas freou bruscamente. Kara seguiu David até o carro que os esperava e se apertou no banco de trás junto com ele. Ele abriu a pasta e a mostrou ao motorista, que aquiesceu, então pisou no acelerador. O motor rugiu com força. Kara e David foram arremessados contra os bancos traseiros, com seus apertados corpos espremidos juntos em um emaranhado corporal extremamente desconfortável.

— AHHH! — gemeu Kara, enquanto o motorista ziguezagueava pelo grande salão. De repente, ela desejou que tivesse o estômago cheio de comida parcialmente digerida, para que ela pudesse vomitar sobre o motorista.

Altas labaredas brancas cintilavam e dançavam adiante, como uma vela gigante. As chamas cresciam em tamanho quando eles passavam perto delas. O carro corria. Voou por estradas invisíveis e caminhos por entre trevas infinitas. Por fim, parou. Milhares de globos brilhavam ao redor deles.

Kara olhou ao redor. Um fogo branco alto queimava em uma magistral fogueira de pedra atrás deles. Para Kara, parecia com um fogo de um conto de fadas. Ela se perguntou se ela poderia tocar a chama.

David se projetou para fora do veículo e caminhou em direção a um muro de esferas reluzentes. Ele prestou atenção particular a um globo escurecido

que pairava a poucos centímetros do chão. Diferente de outras esferas reluzentes, este não estava iluminado.

Kara se empurrou para fora do carro. O motorista continuou sentado e olhou para a direção oposta. Um aroma salgado preencheu o nariz dela, e em sua imagem passaram imagens do oceano. Ela caminhou e parou perto de David.

— Qual é o problema com você? Está com cara de quem acabou de morrer.

David se inclinou sobre a esfera negra. Ele suspirou e ficou em silêncio.

— O que está acontecendo? Por que todos estão tão fora si por causa desta bola preta? — Ela a olhou com desconfiança. — O que há de tão especial nela?

Kara se moveu mais para perto do globo negro. Imediatamente, ela sentiu uma onda de desolação atravessá-la, como se alguém próximo houvesse acabado de morrer. Ela foi tomada por tristeza, o que a assustou. Ela deu um passo para trás.

— O que... O que é isto? — Ela balançou a cabeça e tentou se livrar daqueles sentimentos. — David... o que está acontecendo? Por que me sinto assim?

Ele se ajoelhou e cuidadosamente agarrou a esfera em suas mãos.

— Você está sentindo a perda da vida. Esta alma pertencia à Sra. Wilkins. Quando a alma é morta na Terra, ela também morre em Horizonte. A luz da vida se apagou. Tudo que resta é esta casca enegrecida. Aqui... pegue — disse David, ao se levantar e esticar as mãos.

Perplexa, Kara deu outro passo para trás.

— O quê? Você quer que eu segure isto? Sem chances!

— Você tem de fazer isto. Você era o anjo da guarda desta alma. Você é responsável por ela — David agarrou a mão direita de Kara e apertou o globo nela.

Assim que a esfera fria tocou sua pele, Kara foi atingida por um número alarmante de diferentes emoções, como se uma coleção de sentimentos de milhares de anos houvesse explodido em sua cara tudo de uma vez só. Ela cambaleou e quase a derrubou.

— Cuidado agora, não a derrube — disse David, agarrando Kara pelo braço e a equilibrando.

— Isto é tão estranho. O... O que faço com isto? — Kara estremeceu, enquanto as emoções atravessavam seu corpo.

— Jogue no fogo. As almas mortas precisam ser queimadas nos fogos brancos de Atma — respondeu David, e apontou para trás deles, para a enorme fogueira de pedra. Ela se erguia quase cinco metros acima deles. Altas chamas brancas tremulavam a centenas de metros no ar.

— É melhor que você seja rápida, *confie* em mim — David caminhou em direção à impressionante fogueira. Ele arrastou Kara pelo cotovelo com ele — Esta parte do trabalho é *realmente* chata. O que você deve fazer é... você precisa jogá-la no fogo.

Ele chegaram até o fogo e pararam. Kara piscou várias vezes. A claridade das chamas feria seus olhos, como quando ela costumava olhar para o sol sem piscar.

David estudou o rosto de Kara.

— É melhor fazer isto rápido.

Kara ergueu as sobrancelhas.

— Espere! Por que você parece estar tão tenso? O que vai acontecer quando eu jogar isto aí? — Ela tinha a horrível sensação de que as coisas iriam piorar bastante.

— Hum, não consigo descrever... apenas faça — disse David, ao sentir a relutância dela e a empurrou para frente com suas mãos contra as costas dela.

Com os olhos arregalados, Kara deu um passo adiante. Ela agarrou a alma morta em suas mãos trêmulas. Kara se aproximou do fogo branco. Ela estava surpresa por não sentir calor. Era um calor branco, mas ela não sentia nada... nenhuma sensação de queimadura em sua pele. Ela ergueu as mãos diante de si e lançou a alma morta nos fogos brancos.

O chão tremeu.

Milhões de vozes gritando explodiram dentro de sua mente, como se todas as almas existentes berrassem com dor excruciante no momento que ela jogou o globo nas chamas brancas. O corpo de Kara queimava de dentro para fora. Os gritos a atormentavam. Eles feriam na alma. Imagens passavam por seus olhos: um mulher negra trabalhando em um campo, uma moça loura andando de bicicleta em seu impecável subúrbio, uma velha barganhando por peixe um ruidoso mercado. Uma súbita paixão brotou nela ao ver imagens de

uma linda ruiva beijando seu amado. Mais imagens de diferentes mulheres passaram em seu cérebro. Elas gritavam enquanto suas almas eram puxadas de si, morrendo. Ela se abalou no lugar, com as poderosas emoções saqueando seu ser. Então os sentimentos e as imagens desapareceram. Ela caiu no chão duro.

Kara abriu os olhos um instante depois, apenas para ver o rosto preocupado de David a poucos centímetros de si.

— Fica mais fácil, prometo. Eu desmaiei também na primeira vez. Você não parece estar tão mal. Tudo bem, vamos levá-la! — Ele a ajudou a pôr-se de volta de pé.

— Isto foi... — ela disse com voz rouca, tentando recuperar o controle — muito interessante. Quando eu vou parar de tremer?

— Passará em alguns minutos. Sei quão dolorosa é a sensação... — David estendeu a mão e a pressionou nas costas dela, gentilmente massageando em movimento circular. — É realmente a pior parte do trabalho.

Kara ergueu a cabeça. Seus olhos se encontraram e se fixaram uns nos outros. Seu pelo se eriçou quando ela sentiu o calor se espalhando por seu ser. Pequenos choques elétricos percorreram-na da cabeça até a ponta dos dedos dos pés. Ela desviou o olhar. Houve um longo e desconfortável silêncio. Ela não ousou olhar para os olhos dele novamente. Então, ao invés disto, ela falou para as botas dele.

— Quando nós vamos embora? Acho que não consigo suportar nem mais um minuto aqui.

David retirou sua mão das costas dela e se afastou. Ele se alongou.

— Agora mesmo.

— Bom — Kara estava enjoada, se é que isto era possível em seu corpo de anjo da guarda. — Então... para onde vamos agora?

David uniu as mãos e as esfregou. Ele estava reluzente.

— Agora vem a parte divertida! — Ele fez uma dancinha. — Eu e você vamos para Operações!

## Capítulo 6

### Operações

Na subida com o elevador para Operações, Kara observou em silêncio como dois macacos idênticos que operavam o painel de controle. Do tamanho de dois gatos domésticos normais, eles eram completamente recobertos com pelo preto, excetuando por duas faixas brancas nas laterais das costas. Suas caras eram cobertas por mais branco na parte inferior, como a barba de um velho. Longas caudas peludas se enrolavam no respaldar da cadeira. Em um piscar de olhos, um dos macacos pulou da cadeira saltou para o outro lado e contornou as paredes do elevador. Roçou as cabeças de David e Kara antes de se assentar ao lado de seu irmão. Pôs uma coisa na boca e começou a mastigar.

Kara esfregou o topo de seu couro cabeludo. Ela queria estrangulá-los.

— Isto é nojento! Seus pequenos *doidos!*

— *Não se preocupe, eu cuido disto.* — sussurrou David pelo canto da boca.

Kara deu uma espiada nos macacos e pôs as mãos dela na cabeça, protegendo-a dos canibais peludos. Ela piscou. Uma forma preta disparou pelas paredes — então parou. Seus pequenos pés balançavam no ar, enquanto David agarrava o macaco pela garganta.

Ele aproximou o macaco de seu rosto.

— Vou arrancar seu rabo e do seu irmão se você tentar isto novamente... rato. *Acredite* em mim.

E quando soltou o macaco, ele se afastou e trepou na cadeira, olhando o painel. Ele ficou parado por um momento, então virou a cabeça e mostrou a sua língua marrom. Os gêmeos mostraram a eles o dedo do meio com suas quatro mãos.

— Vocês estão facilitando para mim, seus pequenos ratos — David deu um passo adiante.

— Tudo bem, vamos parar! — disseram os macacos em uníssono. — Prometemos que seremos bons — Os dois macacos mostraram a dentição amarela e abraçaram-se um ao outro. De algum modo, Kara não estava convencida. Ela cobriu a cabeça com as mãos, só para garantir.

Após três minutos muito longos de teatralidades obscenas de Tweedle Dee e Tweedle Dum, o elevador deu um solavanco. As portas se abriram e Kara saiu do elevador. Seus pés pisaram em chão fofo.

Kara ergueu a cabeça e olhou ao redor. Operações é como o Deserto do Sahara. Colinas rolantes de areia vermelho-rubi se espalhavam por quilômetros, ondulantes como uma batata Ruffles gigante. Uma brisa suave fazia com que a sua testa formigasse e ela afastou suas franjas de seus olhos. Uma forte fragrância salgada preenchia o ar ao redor deles. Isto fazia com que ela se lembrasse dos tempos quando tinha por volta de dez anos, correndo pela praia na casa de seus avós, perseguindo as ondas. Nuvens brancas fofinhas disputavam corrida entre si pelo céu azul-bebê e para longe da vista.

*Uluu.*

Kara se virou. O topo do elevador desapareceu para dentro do chão, como se uma área de areia movediça o houvesse engolido. Ela seguiu David para baixo de um aclive que levava a uma área populosa no meio do deserto vermelho. Seus pés afundavam na areia a cada passo, enquanto se aproximavam. Logo, ela estava caminhando através de um labirinto de altas pirâmides brancas. Ela franziu os olhos.

— O que é isto? — Kara deu uns passos para chegar mais perto e estendeu a mão. Seus dedos o atravessaram. Ela franziu o cenho. — É algum tipo de areia branca?

— Não. É sal — respondeu David.

Kara apanhou um punhado. Ela abriu os dedos e observou os minúsculos cristais brancos escapando pelos vãos. Ela limpou a mão em sua calça jeans e correu para acompanhar David.

— Por que todo este sal está aqui?

— É para as piscinas.

— Certo. E... por que mesmo? — perguntou Kara.

David sorriu.

— Para proteção.

Ele encarou Kara.

— Sal é uma arma contra os demônios. Ele age como repelente, mais ou menos. Ele os fere — e podemos usar para matá-los também.

Kara aquiesceu.

— Bom saber.

Barulhos altos e sons de rangido os cercaram. Kara espiou ao redor de uma das pirâmides. Centenas de grandes caminhões de construção depositavam grandes quantidades de sal no chão. Os veículos se dirigiam diretamente para as pirâmides de sal e sugavam o sal com longas mangueiras de metal, como aspiradores de pó gigantes. Havia enormes recipientes redondos de vidro sobre suas carrocerias. Eles os enchiam com sal. Seus olhos se fixaram nos motoristas. Eles eram as mesmas crianças com cabelos dourados do Salão das Almas.

David percebeu que Kara encarava os motoristas.

— Estes rapazinhos são querubins.

— Querubins? — repetiu Kara. — Ele não deveriam ter asas e voar por aí como o cupido?

— Não acredite em tudo que lê.

Antes que ela pudesse abrir a boca novamente e fazer mais perguntas, David agarrou Kara pelo cotovelo e a impeliu adiante. Ela o seguiu por entre a selva de pirâmides de sal. Após alguns minutos, eles chegaram a uma clareira com milhares de tendas azuis abertas em fileiras por uma parte mais plana do deserto vermelho. Longos tecidos brancos em hastes tremulavam na brisa no topo de cada tenda, como enormes bandeiras. As tendas estavam movimentadas, com barulho do choque de aço com aço e do clamor da luta. Centenas de anjos da guarda lutavam entre si em práticas de combate. Eles estocavam e cortava com brilhantes espadas de prata. O rumor de madeira acertando madeira cresceu; ela avistou outros anjos atacando e bloqueando entre si com bastões de madeira. Rajadas de areias vermelha subiam no ar. Os combatentes chutavam e metiam o pé no peito do oponente.

— Ai, isto deve doer — Kara estudou o rosto de David. — Eu vou aprender tudo isto? — Ela apontou para a luta.

David virou a cabeça e olhou para ela. Ele sorriu.

— Sim. E... você vai aprender como chutar a bunda de demônio! Hoje é o seu primeiro dia de treinamento de combate.

O rosto de Kara se contorceu em um sorriso. Ela sentiu pequenos lampejos de empolgação.

— Sempre quis aprender como a me defender... como aprender alguma arte marcial, ou coisa assim. Acho que é legal — Ela saltitava ao lado de David e aumentou a velocidade.

Alguns tendas abrigavam escritaninhas, espalhadas em fileiras como numa sala de aula. Anjos da guarda se sentavam nelas com livros abertos. Oráculos estavam sobre bolas de cristal na frente de cada uma destas salas de aula e se dirigiam aos anjos.

A fragrância de oceano salgado pairava no ar. Kara apertou seus sapatos na areia vermelha e seguiu David. Ela alongou o pescoço em cada direção, não querendo perder nada. Grupos de oráculos passaram por eles. Conversavam entre si, carregando grandes livros que deixavam longas trilhas de papel atrás deles.

Após alguns minutos de caminhada, eles chegaram a um barranco onde centenas de piscinas redondas se espalhavam em fileiras e desapareciam para além das dunas vermelhas. Escadas brilhantes de metal se inclinavam sobre elas. Grupos de anjos da guarda pulavam na piscina ao mesmo tempo, como numa competição internacional de mergulho. Lampejos de luz branca pairavam sobre as piscinas, então desapareciam.

Kara e David caminhou pela multidão de anjos e oráculos para uma tenda repleta com todos os tipos de armas imagináveis: espadas, arcos, maças, machados e reluzentes redes brancas. Todas elas estavam penduradas em ganchos parafusados em painéis de madeira, como grandes paredes de ferramenta. As mesas estavam cobertas com brilhantes flechas azuis e orbes brancos de cristal de todos os tamanhos. David soltou duas longas adagas e as escondeu dentro de seu casaco.

— O que devo usar? — Kara olhou as centenas de armas penduradas nos painéis. — Ei... o que eu uso? Sim, muito bem, David.

Com um sorriso estúpido estampado na cara e certificando-se de que tinha Kara como plateia, David fazia malabarismos com três orbes. Ele jogava-os mais e mais alto no ar.

— Escolha uma espada ou adaga... — Ele apanhou os orbes um após o outro e fez uma mesura. — O que preferir.

Kara balançou a cabeça. Ela estava começando a se apegar a ele. Ela viu uma pequena bainha dourada entre as fileiras de espadas grandes. Ela caminhou para o painel e a ergueu de seu gancho. Ela tinha um punho dourado com um grande guarda-mão de asa. Ela segurou com a mão esquerda a bainha e sacou a lâmina com a direita. Um raio de luz brilhou na lâmina dourada. Ela a virou na mão. Estrelas pareciam estar gravadas nela. A espada parecia estranhamente familiar em sua mão, e muito leve.

— Então você escolheu esta, é? — disse David, movendo-se para o lado dela.

Kara observou a espada brilhante e sorriu.

— Sim. Eu gosto dela. Ela *brilha* — Ela a girou em sua mão, como se fosse um de seus pincéis. Ela cortou o ar ao baixá-la. — Estou pronta para cortar alguns demônios.

David apertou sua mão direita contra seu peito e contorceu seu rosto.

— Estou tão orgulho de você que poderia *chorar*.

— Por favor, não... para onde agora?

Ele pulou no ar.

— Agora você está falando como um verdadeiro AG! Por aqui!

David agarrou Kara pelo braço e a puxou para fora da tenda. Ele a arrastou até encontrarem uma tenda vazia. Então ele se equilibrou e tirou as botas com seus pés.

— É melhor você tirar os seus sapatos.

Kara olhou para suas sapatilhas de balé.

— Certo... isto aqui não é exatamente apropriado para combate. — Ela arrancou seus sapatos e mexeu os dedos na areia vermelha. Era maravilhoso sentir a areia macia em seus dedos.

— A Legião tem algumas manobras básicas que todos os AG têm de aprender... coisa realmente fácil — David retirou seu casaco e o jogou em uma mesa de madeira perto do final da tenda. — Vou ensiná-la como atacar, bloquear e como contra-atacar. — Ele caminhou para a área sob a tenda, onde a forma de um círculo havia sido desenhada com um pó branco. Ele permaneceu com as pernas afastadas. — Acima de tudo, você precisa aprender como se proteger. Assim que você houver dominar isto, então eu lhe ensinarei a coisa divertida... como *atingir* e fazer com que os demônios *desapareçam*. — Ele estendeu o braço

e fez um gesto com sua mão para que ela viesse até onde ele estava. — Você tem de saber onde *cortá-los...* onde machuca.

— Não posso acreditar que estou realmente fazendo isto — Kara deu um passo para frente e permaneceu no círculo de frente para David. — Hum... isto deve ser interessante — Ela estudou o rosto sorridente de David. — Devo adverti-lo... Eu era péssima na aula de Educação Física — ela girou a espada na mão dela. — Nunca tive uma boa coordenação entre olhos e mão.

— Você se sairá bem.

— Você pode perder um olho.

— As mulheres adoram um tapa-olho.

— Tudo bem, então, estou pronta, Capitão Gancho.

David abriu um sorriso.

— Primeiro, sempre se certifique de ter bastante distância entre seus pés...

Kara imitou a posição de pés de David e afastou as pernas.

— Bom. E fique atenta a todos os movimentos que seu oponente fizer. Agora, vou lhe mostrar como aparar. Quando aparar, a lâmina deve ficar mais perto do corpo assim...

David segurou a espada com as duas mãos e apontou a lâmina para baixo com seus pulsos pronados.

— ... para auto-defesa. Você deve sempre procurar por uma abertura para contra-atacar. Pronta?

— Acho que sim.

— Tudo bem, vou erguer a minha espada e vir para um ataque. Deixe as espadas se chocarem.

David se moveu para frente e, com um *clang*, ele atingiu a espada de Kara com a sua.

Ele permaneceu fitando-a.

— Agora você deve deslocar-se e girar a sua espada para que a segure sobre a sua cabeça... e pronta para atacar novamente. Assim...

David a circundou, obrigando Kara a seguir seu movimento. Ela deu a volta nele e segurou a espada dela sobre a cabeça, bloqueando o ataque de David.

— Eu consigo fazer isto! — disse Kara. — Eu realmente consigo fazer

isto!

David estudou o rosto dela.

— Viu? Quer tentar de novo?

— Sim! Isto é fantástico. Não posso acreditar..

— Se você não parar logo de sorrir, a sua cara vai ficar assim — riu

David.

Kara lançou um franzir de cenho para David.

— O que há de *errado* em sorrir?

Ele ergueu as sobrancelhas, ele mesmo com um sorriso estampado na cara.

— Nada. Sorrir é a segunda melhor coisa para se fazer com os lábios.

— Ei! — Kara empurrou David, grata por não poder corar as maçãs do rosto. — Vamos! — ela apertou o punho da espada.

David mostrou a Kara como desarmar seu oponente ao girar a lâmina e não deixar-lhe escolha senão largá-la. Ela tropeçou no próprio pé algumas vezes e caiu de cara no chão, o que era totalmente normal. Mas o anormal para Kara era o fato de que ela não transpirava nem se cansava. Ela não precisava de água, comida ou mesmo sono. Como o coelhinho das pilhas alcalinas, ela podia seguir seguir adiante. E pelos dias seguintes — o que Kara pensou ser dias — ela gastou cada hora repetindo técnicas de ataque e bloqueio.

— Levante a sua guarda! — gritou David. Ele cortou o braço de Kara com sua lâmina. Um ferimento profundo.

Imediatamente, Kara se ajoelhou e cobriu o corte com sua mão. Ela encarou boquiaberta o braço dela.

— Você-você me *cortou*? Você cortou o meu braço? — Ela fitou David, que a encarava de volta.

O rosto dele se abriu num sorriso.

— Relaxe, não é nada...

— Nada! Você praticamente cortou meu braço fora! — Kara estreitou os olhos e olhou de volta para seu ferimento. Ela mordeu seu lábio, fechou o olho direito e deu uma espiada com o olho esquerdo por entre sua franja. Ela se preparou para o pior. Mas, quando Kara ergueu sua mão de sobre o ferimento, ela caiu de costas. Um clarão de luz brilhante obscureceu a visão dela. Ela piscou. Raios de luz branca jorravam do ferimento aberto, como se uma lanterna

iluminasse através do corte.

— O quê...? — O ferimento começou a se curar por conta própria. Os cantos do corte se uniram lentamente, não restando sequer uma cicatriz, como se a pele dela houvesse se costurado. — Estou ficando louca! — Ela olhou para o braço. — Caral..."

— Ah! Sem *isto* por aqui — David riu — você não vai querer que o Gabriel a ouça, *confie* em mim.

— Mas, meu.... meu braço? A minha pele? Ela se... consertou sozinha! — Kara não conseguia acreditar em seus olhos; ela sentia como se houvesse testemunhado um truque muito bom de efeitos especiais.

David a ajudou a pôr-se de pé.

— Você é um *anjo*, o que você esperava, sangue? Você não tem sangue — você não é mais *humana*.

— Certo... Eu... Eu me esqueci. Não sou mais humana — Kara olhou para seu braço onde o corte havia desaparecido. Ela passou a mão por sobre a pele. Ela deu um sorrisinho. — Uau. Sou como uma super-heroína! Eu posso me curar.

Kara estava surpresa por descobrir que ela gostava das sessões de treinamento com David. Seus muitos ferimentos se curaram por conta própria, e curiosamente, ela desenvolveu um dom para isto. Os movimentos subitamente fizeram sentido. Seus reflexos eram bons e ela conseguia acompanhar David.

Uma multidão de AGs lentamente cresceu e formou um círculo ao redor de Kara e David. Os neurônios dela agiam. Ela sentia formigamento por todo seu corpo. Ela odiava atrair este tipo de atenção para si. Um alto e forte anjo da guarda adolescente mais velho distingui-se da multidão. Ele caminhou até David e Kara com um sorriso sardônico no rosto. Sua sobrancheinha refletia sob o sol. Havia duas estrelas douradas em sua testa.

— Uau, muito bom para uma novata. Porém, outra vez, seu professor carece de disciplina... qualquer novato poderia derrotá-lo. — ele riu, virando-se para multidão e encorajando-a a rir também. Ele voltou seu belo rosto para Kara, que estava com os olhos arregalados.

— Se importa de testar suas habilidades comigo? A não ser, é claro, que *seu* Oficial esteja com medo que eu prejudique a imagem dele na frente dos colegas?

Ele exibiu seus dentes brancos reluzentes para David. Alguns AGs soltaram risinhos.

David contraiu os lábios. Kara viu ódio no olhar dele quando se aproximou do anjo.

— Você não tem uma hora marcada no cabeleireiro ou algo assim, Benson? Pare de perder seu tempo, seu mala — ele disse, alternando ameaçadoramente sua espada de mãos. Ele olhou para Kara momentaneamente e deu uma piscadela.

Um segundo depois, Benson sacou sua reluzente espada de prata.

— Sempre um espertalhão.

A multidão ao redor dele se dispersou. Seu rosto de contorceu em concentração. Ele revelou seus dentes em um rosnado com seus olhos colados em David.

— O que é isto, uma luta de testosterona em Horizonte? — Kara deu um passo em direção a eles, erguendo as mãos no ar com suas palmas apontadas para fora. — Tudo bem, rapazes, não vamos fazer nada estúpido. Estamos num lugar *feliz*, certo? Não há necessidade disto.

Benson voltou sua atenção para Kara. Seus olhos vinhosos cintilavam enquanto a encarava. Ele a estudou com um olhar estranho.

— Entendo porque você a escolheu... ela é *bonita*. Todos sabemos o que você faz com as bonitas.

Kara franziu o cenho e observou a reação de David. Ela não conseguia ler as expressões dele sob todas as rugas de raiva.

— Eu cuidaria da minha própria vida se fosse você — David rosnou.

— É da minha conta. Ela era minha *amiga*. Eu sabia o que você estava fazendo com ela!

— O que? — disse Kara. — David... do que ele está falando? — Uma súbita sensação de ciúmes a inundou. Ela tentou repeli-la, mas, de algum modo, estava piorando.

E, sem aviso, Benson avançou e chutou David com força no estômago. Kara observou horrorizada quando David cambaleou para trás. Ele recuperou o equilíbrio rapidamente e voltou para o círculo de combate, empunhando sua lâmina.

Um sorriso dissimulado se abriu no rosto de Benson.

— Estou surpreso que a Legião tenha lhe dado uma novata, depois do que aconteceu com a Sarah. Sempre disse que você conseguiria matar um de nós! O que você fez com ela foi imperdoável. Você quebrou a nossa lei mais *sagrada*!

Ele virou a cabeça e leu a perplexidade no rosto de Kara.

— Oh? Então ela não sabe? É melhor você procurar outro Oficial, Novata. *Romances* são proibidos em Horizonte.

Kara olhou para David e viu um vislumbre de fúria nos olhos dele, enquanto se lançava sobre Benson.

— ANJOS! — gritou um oráculo — O que está acontecendo aqui? — Kara observou o oráculo rolar em direção a eles. Ela nunca havia visto um oráculo tão ultrajado.

— Nada, oráculo — respondeu Benson, com a cara angelical. — Estávamos praticando manobras de combate... só isto.

Os olhos azuis do oráculo passaram de Benson para Kara para David, antes de voltarem para Benson. O oráculo contraiu os lábios e ergueu uma sobrancheira.

— Não parecia uma prática de onde eu estava... eu já *vi* isto muitas vezes antes! Um pouco *agressivo*, não acha? Não somos selvagens... somos anjos! Está na hora de se comportar como um.

— Precisamos ser capazes de nos defender... em condições extremas... — disse Benson — Nada que não possamos lidar.

— Você não *consegue* lidar com qualquer coisa — o olhar de David se encontrou com o de Benson.

— *O seus métodos não são seguros! Eles são insanos! A sua novata morrerá por sua causa!* — desembuchou David enquanto segurava a espada. Os nós de seus dedos empalideceram.

— Basta! — gritou o oráculo.

O chão tremeu. A luz no interior da bola de cristal pareceu ter ficado mais escura.

O oráculo mexeu na sua barba com os dedos.

— Todos para fora! Vocês têm trabalhos para fazer e almas para salvar. Vamos! — Imediatamente a multidão se dispersou.

Benson apontou um dedo para David.

— Você vai *pagar* pela morte dela! Imundície como você não pertence à Legião.

Kara observou em silêncio enquanto Benson marchou para fora da tenda e para longe da vista. Alguns de seus companheiros AGs o seguiram como filhotinhos tristes.

— Eu fico realmente triste ao ver que vocês anjos não se dão bem — disse o oráculo. — E, quanto a vocês dois — ele disse, apontando um dedo magro — vocês têm de apanhar um ônibus. — Ele manobrou sua esfera de vidro e partiu.

David fitava seus pés. Sua expressão mudou como nuvens antes de uma tempestade. Kara queria perguntar a David quem havia morrido, mas algo lhe dizia que agora não era a hora. Ao invés disto, ela se conformou com o óbvio. Ela inclinou seu corpo lateralmente e procurou pelo rosto de David.

— Por que Benson o odeia tanto?

— Você é ridícula. Sabia?

O rosto de David se abriu num sorriso.

— E é por isto que eu *adoro* você.

— Ó, *por favor*. Ele o acertou na cabeça ou algo assim? Acho que você está sofrendo de um pouco de vento nos miolos.

— Talvez — David riu — Tudo bem, acho que basta de treino por enquanto. Você está mais do que pronta para sua próxima atribuição.

Eles caminharam em silêncio através do deserto vermelho. A mente de Kara estava cheia de questões sem resposta. Mas uma em particular ficava voltando. Quem diabos era esta Sarah? O que aconteceu com ela?

## Capítulo 7

### Redes de Pesca e Saleiros

David conduziu Kara para baixo de uma pequena colina no coração do deserto. Ele se encaminharam para uma grande tenda localizada no meio do oceano de areia vermelha. Um grande homem poderoso com cabelo preto curto estava sentado numa cadeira.

— É outro Arcanjo? — perguntou Kara.

— Sim.

— Foi o que pensei. Eles são todos realmente... *grandes*.

— Homens grandes com grandes egos.

A pele escura do Arcanjo contrastava com seus trajes de linho. Os olhos dela se moveram para o rosto dele. Era bonito, como se um poder superior o houvesse esculpido até a perfeição. Ela se obrigou a desviar o olhar.

No vento suave, folhas de papel tremulavam pelo tampo da grande mesa de madeira que percorria a extensão da tenda. Kara contou dez oráculos manobrando seus globos de vidro, revirando pastas sobre a mesa. Uma fila de aproximadamente cinquenta anjos de guarda aguardavam pacientemente do outro lado. Alguns anjos estava na frente da mesa. Cada um deles conversava com um oráculo. Depois de um momento, um dos oráculos deu uma pasta a um anjo, então ele aquiesceu e marchou para fora da tenda. Ele caminhou para um barranco e se dirigiu à área da piscina. Alguns minutos depois, o anjo da guarda subiu a escada de metal e pulou sem hesitar.

O som alto de *tique-taque* atingiu os ouvidos de Kara. Um grande relógio de pé estava no fundo... marcava duas da tarde.

Ela seguiu David para o final da fila e olhou para ele. Seu rosto se abriu em um sorriso. Ela revirou os olhos e virou a cabeça para as piscinas. Silhuetas de AGs pulavam nas águas para suas próximas atribuições. Kara e David permanecerem em silêncio por um momento. A espera a estava deixando louca.

— Então... qual é a próxima atribuição? — Kara perguntou.

— Não sei ainda. Saberemos o que é assim que o oráculo nos der a pasta com o trabalho.

Kara suspirou.

— Certo... você acha que será mais fácil ou mais difícil desta vez?

David balançou a cabeça lentamente.

— Não estou certo.

— Hum.

A mente de Kara se voltou para a misteriosa Sarah. Ela não conseguia tirá-la da cabeça. Quem era ela? Havia David quebrado as leis sagradas de Horizonte e tido um caso com ela? Anjos podiam se apaixonar? Ela lutou contra os estranhos sentimentos de ciúmes crescendo dentro dela. Quando Kara olhou para a grande mesa, eles finalmente estavam no começo da fila e David se dirigiu ao Arcanjo.

— Ei... e aí, Gabe? — David exibiu seus dentes.

Houve uma longa pausa antes que o Arcanjo erguesse seus olhos de seu papel e fitasse David. Kara pôde vê-lo completamente. Alto e maravilhoso, com penetrantes olhos negros que parecia atravessá-la. Seus rosto era negro e imperativo; um magnífico homem e perigoso como um urso cinzento. Seu rosto estava contorcido em uma carranca.

— É *Gabriel* — rosnou o Arcanjo, enquanto seu humor piorava — Ah, e aqui está o nosso *famoso* delinquente — O Arcanjo Gabriel ergueu-se sobre eles, estreitando os olhos.

Kara mordeu o interior da bochecha. Alguém gosta de David em Horizonte?

— Ha, ha, ha... muito engraçado, Gabe — David disse e se virou para dar sua típica piscada para Kara. Ele voltou a cabeça para Gabriel. — Então... tem alguma coisa boa pra gente?

Os olhos castanho-escuros de Gabriel cintilaram com ressentimento.

— Isto depende do que você chama de *bom*. Mas chegou algo que talvez seja apropriado para você, e do seu modo *particular* para fazer seu trabalho.

Kara sentiu um cutucão nas costelas. David ergueu as sobrancelhas. Com um tolo sorriso na cara, ele ergueu os dois polegares para ela. Ela sorriu de volta e concordou. Enquanto David se movia com empolgação, Kara estudou

Gabriel. Ele se levantou da cadeira e caminhou para um oráculo à sua direita. Eles trocaram algumas palavras e, depois de um tempo, Gabriel retornou com uma pasta em sua mão. Ele fitou Kara pela primeira vez, por uns dois segundos, então olhou de volta para David.

— Esta atribuição deve estar de acordo com a sua novata — externou Gabriel — pois é simples e não deve ter nenhuma *complicação* — Kara reparou na ênfase na palavra *complicação*. Gabriel deu um passo adiante e lançou a pasta para David.

— Parece bastante simples — disse David, após um instante, com os cantos da boca ligeiramente erguidos. — E bem na sua rua — Ele fechou o arquivo.

As mãos de Gabriel se fecharam em punhos.

— Lembre-se de nossa última conversa, David.

Kara percebeu que isto não era uma pergunta.

— Sem brincadeiras, entendeu? Estou cansado de acobertar sua bagunça. Se você não começar a se espertar e levar este trabalho a sério, você será destituído de seu posto de AG — Ele apontou um dedo comprido para David. — Este é o seu último aviso!

David continuava sorrindo.

— Está tudo bem, Gabe.

— Estou falando realmente a sério, David!

David virou os olhos.

— Ha, você é sempre sério! — Ele pôs a mão direito sobre o peito. — Não se preocupe, Gabe. Serei um bom soldado — prometo.

— David, pare com isto! Você vai nos meter em problemas — sussurrou Kara.

— Não se preocupe... Gabe me adora — David sussurrou por entre os dentes para Kara.

— Você é tão cheio de si! Oh, não...

O Arcanjo voltou sua atenção para Kara. Seus olhos se concentraram nela de maneira pouco natural, como se estivesse tentando penetrar na mente dela. Ele piscou e olhou de volta para David.

— Após esta *atribuição* simples, quero que você e sua novata se reportem a mim. Entendeu? Ela ainda precisa de mais treinamento de combate.

Kara seguiu o olhar de Gabriel para a tenda azul mais próxima, onde dois anjos da guarda lutavam um contra o outro com espadas. Seus pés se moviam rapidamente pela areia, chutando nuvenzinhas de poeira vermelha. Suas armas colidiam com ruidoso clamor.

A voz do oráculo a despertou de seu transe.

— O que você está esperando? Não! — ele gritou e bateu suas pequenas mãos sujas. — Sem tempo a perder! Há *vidas* para serem salvas! — E se virou e olhou para o relógio. — Rápido agora, vocês têm menos de uma hora! — Ele balançou seus braços curtos no ar, enquanto os exortava.

David se virou e encarou Kara.

— Vamos. — Ele caminhou para fora da tenda vermelha com Kara em seus calcanhares.

— DAVID! — gritou Gabriel. — Lembre-se do que discutimos!

— Com certeza, Gabe — respondeu David ao se virar para trás. Ele agarrou Kara pelo cotovelo e a guiou para fora da tenda.

Kara olhou para trás e encontrou os olhos de Gabriel e viu uma ponta de suspeita neles. Ela rapidamente olhou para outro lado.

Depois de se reabastecerem com armas na tenda de armas, Kara seguiu David para baixo de uma pequena ribanceira para uma das várias piscinas. Podia-se ouvir altos *plops* vindos de todas as direções das centenas de anjos da guarda mergulhando nelas. Kara deu um sorrisinho. Salpicos de água salgada atingiram seu rosto. Ela ouviu o ruído de um motor e se voltou para ver uma geringonça que parecia como um aspirador de pó gigante. Ele se moveu para uma piscina próxima e cuspiu o sal de seu interior na água.

— Este lugar ficar cada vez mais esquisito — disse Kara.

David se posicionou atrás de uma curta fila de anjos da guarda e esperou para subir no deque da piscina.

— Está pronta?

Um velho cinco piscinas mais para adiante apertava as mãos juntas à sua frente, agachou-se, e com grande esforço pulou no ar e caiu de barriga na água com um enorme sorriso no rosto.

— Não estou certa — disse Kara. Água espirrou para fora e ao redor da piscina. — O que acontecerá se eu fracassar novamente? — Agora Kara observava um casal asiático de mãos dadas pulando juntos na piscina, gritando.

— Uhu!

— Você não vai. Confie em mim — David cutucou Kara no braço com seu punho.

Mas, de algum modo, ela não estava convencida. Ela tinha uma premonição de que este novo trabalho não seria tão fácil como ela havia imaginado inicialmente e muito mais perigoso.

David procurou pelo rosto de Kara por um instante, então se empurrou para cima da escada de metal conectada à piscina.

— Você verá, vai melhorar, prometo. Fique comigo e eu lhe mostrarei o que é diversão — Ele se ajoelhou e passou sua mão na água. — Entre, a água está ótima! — Ele resplandecia.

Benson estava na beirada da piscina vizinha. Ele encarava David com uma expressão de desgosto, como se houvesse mordido uma fruta azeda. Ele ficou ali, com seu corpo rígido e imóvel, como uma estátua. Apenas os olhos dele se moviam enquanto observavam David subir e descer. Então David avistou Benson. Para surpresa de Kara, ele também expressou desgosto. Os dois homens se encaravam de longe, como em um duelo de pistola do faroeste. Mas Kara viu ódio puro nos olhos de David enquanto ele olhava para Benson. Ele virou a sua cabeça para outra direção e olhou para Kara.

— Tudo bem, você está pronta?

— Hã — o que foi isto? — Kara disse, ainda encarando Benson. — Vocês parecem que querem arrancar a garganta um do outro — ela se virou e olhou para David.

Os olhos dele se encontraram com os de Kara.

— Nada que mereça se mencionado. Benson é um idiota.

Em segundos, Benson comprimiu as narinas, dobrou os joelhos e pulou na água. Seu corpo pairou por um momento sobre as águas em movimento, então ele começou a girar horizontalmente. Segundos depois, todo o corpo dele resplandecia em brilhante luz branca. Então Benson desapareceu. Não muito tempo depois que ele realizou seu ato de desaparecimento, outro anjo da guarda subiu no terraço e mergulhou. Era como assistir a uma fileira de dominós caindo — anjos continuavam pulando nas piscinas um atrás do outro.

— Nós realmente temos de ir — disse David. Ele caminhou adiante, pronto para mergulhar. — Temos de pular ao mesmo tempo. Podemos nos dar as

mãos, se você quiser...?

— Não, obrigada. Está tudo bem. Você pode parar de sorrir, por favor?

— Kara esticou os braços lateralmente e mordeu o lábio inferior. — Vamos pular ao mesmo tempo.

— Tudo bem, então. Quando eu contar três.

Kara concordou. Ela fitou os reflexos na superfície da água. A água era um lençol de diamantes, cintilando na luz do sol.

— Um... diz David.

*Um*, ecoou na cabeça de Kara enquanto ela tentava controlar os nervos.

— Dois...

Kara sentiu pequenos choques elétricos se movendo ao redor do corpo dela—seu não-existente sistema nervoso em ação.

— Três!

David e Kara pularam no ar e mergulharam na piscina ao mesmo tempo. Água espirrou para todos os lados enquanto eles afundavam. Kara abriu os olhos e virou a cabeça para a direita. David estava coberto por luz. Um som abafado escapava da boca dele enquanto seus lábios se moviam. Ele ergueu a mão esquerda e deu um joia. Então a visão de Kara ficou borrada enquanto ela sentia seu corpo começar a girar. Ela manteve os olhos abertos. Bolhas esbranquiçadas flutuavam na frente dela e luz branca iluminava seu corpo. Partículas brilhantes se soltavam uma por uma do corpo dela — então tudo a seu redor desapareceu.

Kara abriu os olhos instantes depois. Ela estava sentada no banco de trás de um carro estacionado. Couro marrom rachado cobria os assentos. A única luz vinha das janelas, que estavam praticamente completamente cobertas com poeira branca. Ela enrugou o nariz. O cheiro era como de sujos sapatos velhos e cigarros. Ela piscou. A visão dela se ajustou aos seus novos arredores. David se sentava confortavelmente no banco da frente. O assento de couro guinchou quando ele se virou para encará-la.

— Como você está se sentindo? — ele perguntou, com expressão preocupada. — Está bem — Ele estava quase angelical com aquela luz suave, nada a ver com o soldado atrevido que ela estava começando a conhecer, mas uma linda criatura dos céus. Ela desejou que ele parasse de ser tão preocupado.

Kara contraiu os lábios e concordou.

— Estarei bem depois que a vertigem parar.

Ela levou um tempo para se acostumar com a tontura.

— É estranho — Ela disse depois de um momento. — A tontura se foi... Não estou girando mais. Mas que...? — Ela moveu as mãos. — Eu me sinto mais no controle deste corpo do que da primeira vez. Ainda é estranho —  
bizarramente estranho — mas é muito melhor desta vez. Muito melhor — Os lábios dela se curvaram em um sorriso.

— Isto é ótimo. A tontura vai embora depois de você ter feito por volta de uns cinco Vegas — depois disto, moleza. Você não sentirá nada — David sorriu para ela, mostrando os dentes.

Kara esfregou o antebraço e apertou a mão contra sua carne mortal.

— Uau, isto é tão estranho! — Ela passou sua mão gentilmente pela pele. — Ela parece sintética. Como uma camada de filme plástico no topo. Bizarro — ela riu. Ela soltou o braço e olhou ao redor do carro. — Então... onde estamos? — Ela apertou os olhos para ver fora das janelas do carro.

— Vamos descobrir — David agarrou a pasta de dentro de sua jaqueta de couro. Ele a abriu sobre seus joelhos. — Tudo bem — ele disse depois de um tempo e olhou para fora da janela do passageiro. — Acho que estamos na Saint Hubert Street... sim, eu consigo ver! Precisamos chegar à esquina da Notre Dame com a Gosford Street em... — David olhou para o relógio — ... em aproximadamente quarenta minutos.

Kara olhou pela janela.

— Sei onde estamos. Estamos na Velha Montreal! A maioria das minhas aulas de arte eram nesta área. Todas as melhores galerias de arte da cidade estão aqui — Ela apertou o nariz contra o vidro sujo.

— Você era uma artista? Antes de...

— Sim. Bem... era mais como uma aspirante a artista. — Kara se virou e encontrou os olhos de David. — Eu estava a caminho de uma importante competição... quando fui esmagada pelo ônibus.

— Ai... isto é terrível. — David olhou para outra direção. — O seu namorado estava esperando por você... na competição?

Kara abriu a boca, mas não disse nada. Ela se recompôs.

— Hã... não, eu não tinha namorado. O meu melhor amigo Mat estava esperando por mim, na verdade — Ela notou uma estranha expressão no rosto de

David.

— Vocês eram próximos?

— Próximos? Bem, sim. Ele era praticamente o único amigo de verdade que eu tinha. Sempre que eu trazia novos amigos para casa, eles geralmente saíam correndo gritando.

— Por causa de sua mãe e dos demônios dela?

— Sim, mas esta não era a única razão. Não sei como explicar — e você provavelmente vai pensar que sou louca — mas, às vezes, minha mãe *desaparecia* diante dos meus olhos e reaparecia segundos depois... em outro lugar. Tipo, numa hora ela está na cozinha, em outra no banheiro. Posso ver por seu olhar que você deve achar que sou louca.

David balançou a cabeça.

— Não. Estou tentando entender o que você está dizendo. A sua mãe simplesmente... desaparecia?

— Sim. A única explicação que fazia sentido que era que eu provavelmente sofria de apagões recorrentes, Você sabe, como perda de tempo? Tenho quase certeza que meu cérebro estava me protegendo do comportamento insano de minha mãe. No momento, eu não sabia nada sobre os Sensitivos. Toda esta coisa de demônios era, provavelmente, demais para mim.

David folheou o arquivo com seus polegares.

— Não acho que fossem apagões.

— O quê? — Kara se inclinou para frente. — O que você quer dizer?

— Na verdade, não acho que *you* tinha alguma coisa a ver com os desaparecimentos de sua mãe — David coçou o queixo. — Terei de conferir com o Gabe... mas, se o que você está me contando for verdade... a sua mãe é um anjo da guarda.

A cabeça de Kara deu voltas. As palavras de David a atingiram com força. Ela se debateu com seus pensamentos.

— O... O quê? Mas... não... isto é impossível. Minha mãe nunca *morreu*. Ela não pode ser um anjo.

— Sim, ela pode — David sorriu para ela calidamente. — Você apenas não sabia.

Levou um tempo para Kara falar novamente.

— Eu... eu não enten... o que você está dizendo?

— Acho que sua mãe é um anjo da guarda. Como você e eu. Você não teria percebido quando ela morreu. A alma dela foi direto para Horizonte. E eles provavelmente a enviaram de volta no tempo... antes de ela morrer, e isto fez parecer que ela não houvesse morrido.

— Certo, estou confusa.

— Tente não pensar sobre isto agora; vamos descobrir isto depois.

Concentremo-nos em nossa missão — ele olhou para seu relógio outra vez. — Temos menos de trinta e cinco minutos.

— Como eu devo me concentrar quando você me diz que a minha mãe pode ser um anjo da guarda?! — Kara escondeu seu rosto entre as mãos. — Todos estes anos eu pensando que ela era louca. Até desejei poder fugir... fugir daquela loucura. E... durante... todo este tempo... ela estava ajudando pessoas e lutando contra demônios. Eu me sinto como uma imbecil.

— Não. Você não sabia. E eu posso estar errado. Kara, escute-me. Vamos ver isto quando voltarmos para Horizonte... Prometo. Mas agora realmente temos ir.

— Tudo bem — disse Kara. Ela teria muito tempo para sentir pena de si própria depois. Ela afastou a franja dos olhos. — Hum, qual é a missão... o trabalho?

David passou o arquivo para ela. Ela leu:

*Oficial: David McGowan*

*Anjo da Guarda: Kara Nightingale*

*Ordem de classe nº 4321*

*Patente: Novata Primeiro ano, Esquadrão da Guarda W-1 (patente mais baixa)*

*Atribuição: Sr. Jean Tremblay, na esquina da Notre Dame com Gosford Street, calçada. 15:07.*

*Esmagado por um bloco de concreto de duas toneladas, ao se romper o cabo de um guindaste gigante.*

— Vamos — Ele estendeu as pernas para fora do carro e se empurrou para cima e para fora.

Kara se debateu para sair do carro e devolveu a pasta para David.

— Hã, você sabe... se não conseguirmos evitar que o guindaste caia, vai ser uma bagunça.

— Quando maior a bagunça, melhor! — David estava reluzente. Ele fechou a porta onde estava Kara.

— Estamos apenas a alguns minutos de caminhada. Siga-me — E, assim, ele se virou e caminhou para o sul pela Saint Hubert Street. Kara o seguia de perto, com sua mente repleta de pensamentos sobre sua mãe.

Eles chegaram à esquina da Notre D'Amé e viraram à direita, seguindo para oeste. A rua estava cheia com os usuais tipos de empresários: mulheres e homens em trajes caros, carregando *café lattes* em uma mão enquanto falavam no celular com a outra. Táxis buzonavam alto, enquanto Kara e David zigzagueavam por entre carros em movimento e a rua cheia. Os taxistas faziam gestos obscenos pela janela para os pedestres cruzando fora da faixa.

Kara sentiu o cheiro dos escapamentos.

— Humm... é bom estar de volta.

David riu.

— Não há nada igual ao cheiro das ruas da cidade para fazê-la sentir saudades de casa.

Ele chegaram à Gosford Street uns dez minutos depois. Um guindaste gigante erguia-se sobre os edifícios da cidade. Seu longo pescoço metal estendia-se para o céu. Ele girava lentamente, carregando uma grande carga enganchada em seu cabo metálico. Homens em uniformes azul-escuros e com capacetes de proteção laranja-vivos gritavam sobre os barulhos de marretadas e dos motores rugindo. O canteiro de obras ocupava um quarteirão inteiro.

Kara assistia enquanto um único homem com capacete laranja gesticulava para os pedestre com uma bandeirola branca e preta. Seu rosto era bronzeado, e se contraiu em um milhão de rugas quando ele deu uma tragada em seu cigarro. Uma imensa barriga redonda brotava dele, pendendo baixa acima de suas pernas tortas. Para Kara, ele parecia uma mulher grávida muito feia.

— Bem, temos uns vinte minutos para enrolar — disse David, olhando para o relógio. — Tempo o bastante para nos aprontarmos — Ele olhou de cima a baixo o guindaste gigante, estudando-o por um momento. — O guindaste provavelmente girará para esta direção... então o cabo vai arrebentar por ali — Ele apontou para norte. — O bloco de concreto é grande o bastante para

destroçar alguém. Uau, isto vai doer.

Kara permaneceu parada e observava os passantes, aguardando pelo evento do dia. Ela batia o pé no chão.

— David — você realmente pensa que, com o meu novo treinamento, serei capaz de lidar com os demônios? Quero dizer — eu me sinto mais forte e tenho estas novas habilidades... mas serão o suficiente? David...?

David acenava para duas voluptuosas mulheres mortais, que, por acaso, acenavam e sorriam de volta para ele.

— Você só pode estar brincando! David! — Kara deu um soco nele.

— AI! — gritou David, esfregando o braço.

— Isto não doeu, seu mentiroso — Ela não conseguia evitar de sorrir.

David continuou esfregando seu braço, enquanto dava um amplo sorriso.

— Sim, bem, você tem mãos de *homem*!

As duas mulheres observavam David com suspeita em seus olhos. Então elas encararam Kara e sussurram uma para a outra, com os olhos arregalados. Depois de um tempo, elas foram embora, mas não sem antes lançar um olhar mal-encarado para David.

Secretamente, Kara odiou aquelas mulheres — do tipo voluptuoso, esculpidas pelas mãos de um poder superior, perfeitas em cada aspecto, de uma beleza impossível: longos cabelos sedosos e saudáveis curvas nos locais certos, o exato oposto das linhas retas de seu corpo de moleque. A fada do peito nunca havia visitado Kara, mesmo com todo o dinheiro que ela havia coletado e escondido debaixo de seu travesseiro. A fada do peito havia pulado a sua casa e encantado todas as outras garotas de sua escola com peitos bonitos. Não era de estranhar que David olhasse para outras garotas... não havia nada para ver aqui.

O que aconteceu em seguida foi puramente acidental. Ela não sabia o que a havia possuído; as palavras simplesmente saltaram para fora de sua boca, e antes que ela se desse conta do que estava acontecendo já era tarde demais.

— Quem é Sarah?

*Ops.*

David estremeceu, claramente sem esperar por isto.

— Hã? — ele se virou para encará-la, com seu rosto contorcido de angústia.

Kara desejou não ter perguntado e olhou para um ponto no ombro dele.

— Eu e a minha boca grande. Desculpa, eu não devia ter perguntado.

— Não, está tudo bem — David suspirou e ficou em silêncio por um tempo. — Sarah era uma novata, como você... e minha amiga. Trabalhamos em missões juntos. E éramos muito próximos.

— Entendo.

— Não, não *assim*. Éramos apenas *amigos*. Mas então começaram a se espalhar boatos sobre o nosso suposto caso — que não era verdade. Romance é proibido em Horizonte. Dizem-nos para sermos soldados, não amantes. Se você for pego, é banido da Legião para sempre — ouvi histórias de que eles até levam a sua alma. Então, de qualquer modo... a Legião se envolveu. Eles tentaram nos separar, mas sempre conseguimos nos encontrar e ir juntos em trabalhos.

— Então o que aconteceu com ela? — Kara perguntou suavemente. — Ela... morreu?

David fitou o chão.

— Depois de termos completado uma de nossas missões, decidimos ficarmos um pouco mais na Terra. Era sexta-feira à noite, então fomos para alguns clubes. Você tem de entender uma coisa... nós já fomos mortais, e às vezes ainda queremos alguns daqueles sentimentos mortais: a ingenuidade e atitudes descuidadas. Queríamos nos libertar de nossas responsabilidades. De qualquer modo, bebemos demais, fizemos alguns novos amigos mortais do sexo oposto, e nos esquecemos de quem éramos e por quanto tempo ficamos fora — Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de falar novamente. — Então, quando eles vieram, estávamos fracos e despreparados.

— Quem veio, David?

— Demônios. Eu consegui repeli-los, mas quando eu alcancei Sarah... era tarde demais.

As imagens de demônios das sombras devorando Sarah surgiram por detrás dos olhos de Kara. Ela levou um tempo para processar isto.

— Sinto muito, David. Você deve ter sofrido muito.

Ele olhou para a multidão de pessoas vagando pelas ruas.

— Foi muito tempo atrás. Mas eu vivo com isto todos os dias.

Kara não conseguia pensar em nada para dizer. Ela observava o sofrimento dele nos vincos em sua testa e permaneceu quieta.

Algum tempo depois, David avistou o cabo do guindaste começando a

ceder. Pequenos arames arrebentavam e se enrolavam, deixando o cabo mais fino e mais fraco.

— Certo, fique a postos, garota. Lá vem. — Ele apontou para norte para a Gosford. — Tentarei parar o guindaste de mover-se para esta direção — você procura pelo Sr. Tremblay; ele deve estar caminhando pela Notre Dame Street, vindo em nossa direção.

— Certo — Kara olhou para oeste pela Notre Dame Street. — Ajudaria se eu soubesse como diabos é o Sr. Tremblay! — Ela observou as pequenas multidões de pessoas caminhando pela rua.

— Procure alguém com o crachá... Sr. Tremblay.

Kara suspirou.

— Muito engraçado, espertalhão.

— Eu sei.

— David, e s... sobre os demônios das sombras? — resmungou Kara. Ela se lembrou de seu último encontro com eles. — O que devo fazer se encontrar um?

David jogou sua mochila no chão e abriu o zíper. Ele a revirou e entregou a Kara uma pequena rede de pescar e um saleiro.

— O quê...? — disse Kara, atônita. Ela os pegou. — Isto é alguma piada?

— Não.

— Você não pode estar falando a sério? Você viu como são os demônios das sombras? Como vou me proteger com isto? — ela gritou, balançando a rede de pesca no ar. — Vou ser morta!

— Não, não vai; você está comigo. Pare de perder o controle.

— Estou perdendo o controle! Não estou aqui para caçar *borboletas*!

— Simplesmente relaxe...

Kara não conseguia acreditar quão tranquilo estava David. Isto tinha de ser algum tipo de equívoco.

— Por que não posso ter uma espada apropriada como a sua? Por que você não trouxe aquela dourada que usei para treinar?

David fechou o zíper da mochila e a jogou novamente nos ombros.

— Não. Você ainda não tem o treinamento apropriado. Não quero que se machuque.

— Machucar-me! Fala sério! Serei morta!

— Você está exagerando. Pare de gritar... você está fazendo uma ceninha. Veja... os mortais estão olhando — os cantos da boca de David se curvavam. — Ah... mulheres.

— Você viu o que posso fazer... você sabe que posso usar uma espada! Por favor!

— A discussão acabou. Nada vai acontecer, só mantenha o Sr. Tremblay fora do caminho do perigo. Veja, ainda temos tempo o bastante para pararmos o guindaste e...

O queixo de David caiu. Seus olhos estava fixos em algo.

— David? Qual é o problema? — Kara seguiu o olhar dele. Ele estava encarando um homem mortal na Gosford Street. Este homem tinha uns trinta anos, alto com ombros poderosos. Ele vestia um terno cinza que parecia ser caro, feito perfeitamente sob medida para seu corpo musculoso. Seu cabelo branco era curto e bem penteado. Sua pele tinha uma tonalidade cinza azulava como alguém que houvesse morrido há algumas horas. Para Kara, parecia um homem de negócios normal, excetuando que...

*Ele tem olhos negros.*

Como intermináveis poços negros, era como encarar dois buracos negros. E o homem os encarava de volta. No poço de seu estômago não-existente, Kara sentiu que alguma coisa estava errada. Ele ficou lá sem se mover, observando-os.

— David. O homem com os olhos negros... ele é um demônio, certo? Como os que a minha mãe... David?

A expressão horrorizada de David enviou ondas de pânico através do corpo de Kara.

— David! — berrou Kara — Diga alguma coisa! — Ela franziu o cenho. Outro homem vestindo o mesmo terno cinza com o mesmo cabelo branco curto emergiu lentamente da multidão e ficou a poucos metros do outro homem. Seus olhos eram negros como a meia-noite e ele era idêntico em cada aspecto ao outro homem de olhos negros.

— Não compreendo — disse David. — Como eles nos encontraram tão rapidamente...? — Ele voltou sua cabeça pra Kara. — Como isto é possível?

— Por que você está me *olhando assim*? Não fiz nada!

— Não faz sentido...

— O que não faz sentido, David? Você está me assustando!

Ele apertou suas mãos nos ombros de Kara.

— Escute. Não tenho tempo para explicar. Não temos mais tempo para salvar o Sr. Tremblay.... mas nós *temos* de salvar a alma, você me ouviu?

Kara virou a cabeça. Ela podia ver que o braço do guindaste estava apontado para direção deles agora, o cabo suspendendo-se apenas por um fio.

— Mas como? — Ela olhou para baixo e balançou sua triste rede de pesca. — Com isto?

— Faça exatamente o que eu disser e você conseguirá. Entendeu?

Ela concordou. Ela olhou de volta para os homens de olhos negros. Um terceiro surgiu. Ele cruzou a Gosfort Street, vindo na direção deles. Kara olhou para os rostos na multidão. — Os mortais não podem vê-los. David, o que eles são?

— Eles são chamados demônios superiores — disse David — e eu não posso lutar contra eles sozinho com você aqui. Bem, aqui vamos nós...

SNAP!

O cabo se rompeu. Um grande bloco de concreto caiu do céu. Atingiu o homem chamado Jean Tremblay e esmagou o corpo inteiro dele em meio segundo. Era como derrubar um grande livro sobre um ovo. As pessoas gritaram e correram por proteção, para longe do entulho de concreto e partes corporais, pois todos os membros do Sr. Tremblay jaziam decepados do resto de seu corpo, que estava achatado sob o bloco de concreto como uma suculenta panqueca de framboesa. Os mortais vomitaram seus almoços. Eles fitavam os quatro membros perfeitamente cortados que jaziam perto do bloco de concreto, como se houvessem sido cortados por uma tesoura gigante. Em segundos, luz cobriu a pele dos braços e pernas do Sr. Tremblay. Um jorro de pequenas partículas reluzentes fluiu de seu corpo morto e pairou a alguns metros no ar sobre o bloco de concreto. Elas se uniram lentamente e formaram uma bola.

Kara estudou os mortais reunidos ao redor do corpo. A alma era invisível para eles, ela constatou.

David se enveredou por entre a multidão e correu em direção ao bloco.

Um demônio superior se afastou da alma.

— David! — Kara gritou. — Ele está indo atrás de você!

O demônio superior se encaminhou para David, que pulou por sobre o

cadáver e correu para o meio da rua para enfrentá-lo.

— Abra o saleiro! — gritou David. Ele investiu contra o demônio superior, com uma espada longa em sua mão direita. Um pequeno grupo de mortais saltou para fora do caminho de David, com seus olhos grudados à espada dele.

Do outro lado da rua, os outros dois demônios superiores se aproximaram, com seus olhos negros fixos em Kara.

— Bem... vejamos o que acontece! — Ela girou o topo de metal do saleiro e olhou para cima por um segundo. David lutava com o demônio. Ele o empurrava para longe do corpo e de Kara, enquanto ela caminhava em direção à alma.

— Ótimo... Eu vou morrer — de novo — Ela segurou a rede de pesca em sua mão esquerda e o saleiro na outra.

Um dos dois demônios superiores restantes parou a poucos metros dela. Um sorriso maligno surgiu em seu rosto. Ele tinha de apenas dar um salto que estaria sobre ela. Seu corpo duro estava postado em antecipação.

— JOGUE O SAL NELE! — Ela ouviu David gritar por sobre a multidão em pânico.

Sem pensar, Kara jogou a rede de pesca, manuseou o saleiro e jogou a tampa de metal bem no meio da testa do demônio superior.

SMACK!

O demônio congelou, como se estivesse esperando algo acontecer. Depois de um tempo, ele olhou para baixo para a pequena tampa de metal em seus brilhantes sapatos negros e a chutou. Seus largos ombros se moveram para cima e para baixo enquanto ele ria. Então, o demônio olhou para Kara, com seus olhos ébanos cintilando. Ele enrugou o rosto, mostrou os dentes num sorriso malévolo e deu um passo adiante.

— Ops. Isto não é nada bom.

— O SAL! JOGUE O SAL! — ela ouviu David uivando.

Kara jogou o saleiro na cara dele. O sal explodiu sobre ele. O demônio gritou, cobrindo seu rosto com as mãos. Fumaça negra brotou de seus dedos; sua pele se derreteu, expondo carne podre por baixo. O cheiro horrível de carne queimada a cercou.

— A alma! ... Use a rede! — David gritou, ofegante. Ela o viu atacar o

demônio e cortá-lo bem no peito. A criatura gritou de dor e raiva, recuando, abalada por um instante.

Kara se inclinou e agarrou a rede de pesca. Ela abriu caminho por entre a multidão que crescia a cada minuto. Ela matinha seus olhos na alma planando. Pelo canto do olho, ela vislumbrou o outro demônio superior correndo na direção dela. Ela balançou a rede na frente dela com a mão direita.

— Agora! — gritou David.

Kara saltou no ar, sem perceber os estranhos olhares que a multidão mortal lançava ao ver uma estranha garota com uma rede de pesca pular no ar enquanto tentava apanhar borboletas invisíveis. Como um lance por sobre a cabeça de softbol, ela girou o braço e apanhou a bola brilhante de luz em sua rede. Ela pousou com um forte *tum* no topo do bloco de concreto. A alma balançava um pouco em sua rede. Do tamanho de uma toranja grande, ela pesava menos do que um rolo de papel higiênico.

Ela se sentou no bloco e aproximou a rede de seu rosto para inspecioná-la. Com um sol miniatura, a luz da alma aqueceu seu rosto.

— Ei, eu a apanhei! Eu a apanhei! — ela olhou para cima, enquanto os mortais apareciam. Eles gritavam e berravam com ela, seus rostos contorcidos em caretas horrorizadas apontando para a panqueca no chão. — Ah, não.

David apareceu ao lado dela.

— Corra! — Ele disparou.

— Hã? — Ela avistou David fugindo.

Kara girou as pernas sobre o bloco, pulou para baixo e disparou correndo atrás dele. Eles correram pela Gosfort Street até Old Port. Eles viraram à direita na De La Commune Street. Suas pernas mortais não se cansavam. Ela correu rápido, pulando por sobre bancos e latas de lixo no meio do caminho como uma gazela fugindo de um predador e apertando a rede de pesca contra o peito.

— O que acabou de acontecer? — gritou Kara, galopando atrás de David. — Por que eles não tentaram pegar a alma?

— Eles não estão atrás da alma — David gritou de volta. — Eles estão atrás de *nós*! — Ele olhava para cima enquanto corria.

Kara olhou para trás. Ela se indagou se os demônios os estavam seguindo. Dois demônios superiores corriam atrás deles em uma velocidade

inacreditável. Ela virou a cabeça e correu para perto de David, de um modo um tanto esquisito com seu braço direito protegendo a alma junto ao peito.

— David... não somos rápidos o bastante. Eles vão nos pegar!

— Continue correndo!

— Estaremos mortos em uns quinze minutos! Não quero nem pensar no que eles vão fazer com a gente!

— Continue correndo... e pare de falar!

*Treze... doze...* Kara contou de trás para frente em sua mente enquanto corria atrás de David. Ele corria em linha reta pela Promenade Du Vieux-Port. Eles zigzaguearam por entre as crianças andando de patins e turistas. Kara seguiu David, enquanto ele abria caminho pela multidão e seguia direto para...

*Água*, disse Kara para si mesma.

— DAVID! — gritou Kara, ao dar-se conta do que ele estava prestes a fazer.

Mas ele não estava parando. Logo eles alcançariam o fim do Old Port, onde o concreto terminava e onde o Rio Saint-Laurence começava. Um espesso parapeito de metal contornava o porto ao longo do passeio, protegendo as pessoas de caírem acidentalmente e morrerem nas gélidas águas cinzentas. Eles estavam correndo diretamente para isto.

*Três... dois...*

E quando eles estavam quase prestes a atingir o parapeito de metal, Kara sentiu a mão de David se envolver ao redor da dela. Ele apertou com força e pulou, puxando-a com ele... e voaram por sobre a borda.

*Um...*

Kara ouviu gritos de cima enquanto atingia a água e mergulhava seis metros na água escura do Rio Saint-Laurence. Instintivamente, ela olhou para cima, em parte esperando ver os demônios superiores caindo atrás deles. Mas tudo que ela viu foi os raios de sol refletindo-se na superfície da água cima dela. Então tudo ao redor ficou preto.

## Capítulo 8

### David, a celebridade

Kara abriu os olhos. Ela observou o teto de cobre que se dividia em perfeitos quadrados enferrujados. Ela estava deitada no chão de um elevador e segurando contra o peito a rede de pesca com a alma dentro. Ela ergueu a rede de pesca, suspendendo-a diante de seu rosto e observou intensamente a alma. Estava ílesa, iluminando seu rosto com seu brilho. Rolando sobre si, Kara se levantou e olhou para um sorridente David.

— Isto foi incrível! — Ele dava pulinhos, com cara de empolgação — Eu não me divirto tanto em anos!

— Não fique muito animado, caubói. Foi por um fio — Kara segurou uma risada.

Ouviu-se um *ronco* súbito e Kara deu um passo para o lado.

Um macaco cinzento de médio porte estava sentado na cadeira perto do painel de controle atrás de David. Ele tinha ombros grandes e quadrados e um tórax poderoso. Ele coçou seu traseiro púrpura careca enquanto encarava David e Kara. Sua cara longa era sem pelo e ostentava um sobranceira peluda.

— Qual andar? — disse o macaco, soando incomodado.

Kara voltou seus olhos para David.

— Não sei se um dia vou me acostumar com macacos falantes...

— *Babuíno*, não macaco! Babuíno L006, pode favor — sibilou o primata.

David aproveitou a oportunidade.

— Nível quatro, então... *gatão* — ele disse. O babuíno fez uma careta.

— Cuidado — disse Kara — parece que está prestes a cuspir em seu rosto.

— Vocês AGs são todos iguais — disse o babuíno. — Não têm *respeito*!

David limpou a poeira de sua jaqueta, sem prestar atenção alguma ao babuíno. — Com certeza, cara. Nível Quatro... estamos esperando...

Por um tempo, nada aconteceu. Então o babuíno cuspiu no chão, a um centímetro ao lado da bota do David. Ele o encarou, sua cara trincada de ódio. Sorrindo, ele revelou uma fileira de grandes dentes amarelos afiados. Este babuíno parecia perigoso. Ele estufou o peito, exibindo um corpo rígido e se virou em sua cadeira. Erguendo um longo braço, ele pressionou um botão de cobre.

Depois de alguns segundos de desconfortável silêncio, Kara seguiu David para fora do elevador no Nível Quatro, ainda apertando a alma contra o peito como um mãe faria com uma criança recém-nascida. Eles caminharam pelo Salão das Almas. O vasto espaço reluzia e cintilava como se estivesse chovendo diamantes. Milhões de almas planando iluminavam o caminho enquanto se eles caminhavam para o pedestal onde uma grande escrivaninha de vidro brilhava. O Arcanjo Ramiel estava ocupado escrevendo em um grande livro. Ele não olhou para cima.

— Ahã, Ó Santidade! — disse David, dando um sorrisinho e fazendo uma reverência. Kara escondeu seu sorriso com seu cabelo.

Ramiel ergueu seus olhos na direção de David. Uma ruga se materializou em seu cenho. De repente, movendo-se com velocidade incrível, ele empurrou sua cadeira, levantou-se e arremessou um jornal em David, por pouco não acertando o rosto dele.

— SEU TOLO! — ele rugiu. — Você foi VISTO!

Kara pegou o papel do chão. Era a Montreal Gazette de hoje. Ela e David estavam na primeira página de mãos dadas, caindo no Rio Saint-Laurence. A manchete dizia:

### Suicídio de casal!

Um jovem casal apaixonado mergulha para a morte  
em Old Port em Montreal

— Uh oh — disse Kara — isto não deve ser bom.

David agarrou o jornal da mão de Kara.

— Ei... Saí *bem*!

Ramiel bateu com o punho na escrivaninha e um *bum* alto ecoou pela câmara.

— O que você estava *pensando*?! Você conhece as nossas leis! Vocês

não poderiam ser vistos entrando na água! — Se Ramiel tivesse sangue quente, Kara tinha certeza que o seu rosto estaria vermelho vivo com grandes veias pulsando em sua fronte. Ao invés disto, havia uma assustadora frieza pálida. Não era natural.

— Você foi avisado antes, *David McGowan*! Seus dias como anjo da guarda estão contados! — Ele rosnou e apontou um dedo longo para David. Kara tinha quase certeza que feixes de laser estavam prestes a ser lançados dos olhos de Ramiel e atacariam David, derretendo-o no local. O rosto do Arcanjo se contorceu em fúria.

— David, estamos ferrados — sussurrou Kara.

— Não se preocupe... Eu cuido disto — ele sussurrou de volta.

David sorriu e inflou o peito.

— Relaxe, Sua Santidade... está vendo aqui? Minha novata salvou a alma — Ele fez um gesto em direção ao peito de Kara, onde ela mantinha a alma protegida dentro da rede de pesca.

Com a atenção de Ramiel subitamente nela, Kara estremeceu e recuou.

— David! O que você está fazendo? — ela disse pelo canto da boca.

Ela sentiu seus nervos começando a agir. Os olhos azuis flamejantes do Arcanjo a deixavam nervosa, mas ela descobriu que não conseguia desviar o olhar — algum tipo bizarro de hipnose. De súbito, ela se tornou ciente de seu poder, como se ele houvesse revelado a ela de algum modo com a sua mente — algum tipo bizarro de telepatia. Ela tentou falar, mas as palavras não saíam.

O Arcanjo rompeu o silêncio.

— Isto não é *desculpa* para o que você fez. Você quebrou a lei!

Desta vez, o sorriso de David desapareceu. Ele olhou para Kara, então de volta para Ramiel.

— Escute... havia três demônios superiores. Eles nos atacaram. Não havia outro jeito... *tínhamos* de pular.

Ramiel recuou, como se houvesse recebido um golpe de uma força invisível. Ele estreitou os olhos.

— O... O quê? Demônios superiores? Isto é impossível!

— Sim. Três deles. Era como se eles soubessem que estávamos vindo. Você sabe algo sobre isto?

— O quê? É claro que não! — Ramiel gritou, com seu rosto trêmulo.

Kara observava em silêncio enquanto o grande Arcanjo parecia lutar contra algo em seu interior. Ele caminhava de um lado para o outro. Ele coçava a cabeça e seus olhos e sobrancelhas se estreitaram. Ele parecia com mais raiva do que antes, se é que isto era possível. Kara deu outro passo para trás.

Por fim, após algum tempo, Ramiel falou.

— Eu preciso conversar com Miguel sobre isto. Aqui, dê a alma ao querubim — ele disse, enquanto gesticulava para uma das pessoas com cabelo espetado azul, que imediatamente veio com uma jarra de vidro. O querubim pôs a jarra na frente de Kara e aguardou.

— Hã? — disse Kara. Ela apertou os lábios e olhou para o querubim. — Por que eu tenho de dar isto a ele? Eu salvei a alma... e quase morri ao salvá-la. Não... Não vou dá-la a ele. E se ele deixar cair? E aí? — Ela enfiou a mão dentro da rede de pesca e pegou a alma, deixando a luz brilhar por entre seus dedos. Ela olhou para David em busca de ajuda.

Ele bateu no ombro dela.

— Está tudo bem, garota. Você fez um *bom* trabalho. Agora dê a bolha branca brilhante para o querubim — O querubim batia o pé no chão. Ele ergueu uma sobrancelha, claramente irritado com a relutância de Kara em dar-lhe a alma.

Ela baixou os ombros e olhou para a alma. A bola brilhante emanava luz sobre seu rosto franzido. Kara afastou lentamente a mão de seu peito e gentilmente soltou a alma na jarra de vidro. Imediatamente o querubim se virou, afastou-se, pulou em um pequeno veículo e partiu, deixando Kara com o olhar fixo nele. Uma súbita sensação de tristeza a inundou, como se ela houvesse acabado de perder uma parte de si.

— O que vai acontecer com ela? — Kara perguntou, enquanto o querubim desaparecia por entre as paredes de luz.

— Ela renascerá, como qualquer outra alma vivente — respondeu David.

Um pensamento incomodava no fundo a mente de Kara.

— David. Você pode perguntar a Ramiel sobre a minha mãe? Talvez ele saiba alguma coisa?

— Com certeza — David pigarreou. — Com licença, Sua Santidade, mas a Srta. Nightingale aqui tem uma pergunta... sobre a mãe dela.

— Sim? — disse o Arcanjo pesadamente e se inclinou para frente.

— Bem, ela me disse que a mãe dela conseguia ver demônios — então ela provavelmente era uma Sensitiva — mas a parte interessante é que a mãe dela gosta de.... *desaparecer*, às vezes. Reaparecendo em lugares diferentes. Então, entende... Acredito que ela possa ser uma guardiã.

O rosto do Arcanjo estava impassivo, excetuando por um ligeiro movimento em seu lábio.

— Consultarei o perfil dela.

Ele moveu suas mãos sobre o teclado e começou a digitar. Ele olhou para Kara.

— O nome de sua mãe é Danielle Dubois?

O queixo de Kara caiu.

— Sim.

— Ela é, de fato, um anjo da guarda. Ela está de volta à Terra em seu corpo mortal, aguardando sua próxima atribuição.

— Eu sabia! — O rosto de David se iluminou. Ele cutucou Kara no ombro. — Que legal é isto! Meus pais são apenas mortais normais. Meu pai é um mecânico e minha mãe professora... nada especial.

Mas Kara não achou que as novidades eram especiais. As coisas só começaram a fazer muito mais sentido para ela, agora que ela sabia porque sua mãe se comportava tão estranhamente. De algum modo, ela se sentia pior.

— Minha mãe... um anjo da guarda. Isto explica muita coisa. Queria que ela houvesse me contado de algum jeito — Kara baixou os olhos e fitou o chão.

— Ela não podia — disse David com olhos ternos. — Somos proibidos de nos revelar aos mortais. É uma das leis, ou coisa do gênero. Além disto, foi para seu próprio bem. De qualquer modo, duvido que você teria acreditado nela. É como você disse... você pensava que ela era louca.

Mas Kara pensava de outro modo. Ela teria acreditado nela. Ela sabia disto de algum modo. Ela olhou para Ramiel. Com seus olhos cerrados e sua cabeça arcada, ele parecia estar meditando. Ela estudou seu rosto perfeito enquanto ele abria os olhos outra vez e disse.

— O Arcanjo Gabriel está esperando por você. Sua *novata* precisa de mais treinamento. Não o deixe esperando.

— Sem problemas, Sua Divindade... seu desejo é uma ordem! — David fez uma mesura e mostrou os dentes.

Ramiel caminhou adiante, olhando para David com o olhar incendiado. — *Você* só está aqui ainda apenas porque a sua novata é bastante promissora. Não a desaponte agindo como tolo!

— Ah... mas eu sou o melhor tolo em todo o Horizonte — disse David. — Até mais tarde, Sua Santidade.

E, assim, David deu meia volta, agarrou Kara pelo cotovelo e a conduziu de volta para o elevador.

— Você é um imbecil, sabia disto? — Kara riu. Ela sabia que David era pretensioso demais com os Arcanjos, mas pelo menos ele a fazia rir.

— Vou levar isto como um elogio, muito obrigado — Ele ergueu o queixo e sorriu para os céus negros. — Gosto de pensar que sou um empreendedor... um visionário.

— Continue assim e você verá o punho de Ramiel quando ele fizer contato com a sua cara.

A subida no elevador de volta para Operações foi silenciosa, além dos altos ruídos de coçadas de um chimpanzé usando um chapéu de pescador azul que ficava coçando o traseiro. Kara encostou a cabeça no painel de madeira no fundo do elevador, fechou os olhos e pensou em sua mãe.

— No que você está pensando? — perguntou David. Ele se recostava no painel ao lado dela.

— Ó, nada demais... o usual.

— E... o que é o usual?

Kara abriu os olhos.

— Apenas que fui esmagada por um ônibus, que consegui um novo trabalho como anjo da guarda, que as almas são eternas e reencarnam em trajes corporais, que minha mãe é um anjo, que demônios são bizarramente reais... e que alguns, aparentemente, estão aí fora para pegá-lo.

David coçou a nuca.

— Você vai se acostumar com isto.

— É o que você tem me dito.

Eles saíram do elevador e caminharam pela areia vermelha.

— Hum, David? — Kara enfiou uma longa mecha de cabelo atrás da orelha direita. — Hã... aqueles demônios superiores... você disse que eles estavam atrás de *nós*? Por quê? — Ela sentiu um ligeiro tremor percorrer seu corpo. Os olhos negros deles ainda a assombravam.

David olhou intensamente para Kara.

— Não *apenas* atrás de nós, mas atrás de anjos da guarda em geral — especialmente de novatos, pois vocês são alvos fáceis.

Kara franziu o cenho com curiosidade enquanto ela caminhava. Nuvens de areia vermelham escapavam de sob seus pés enquanto ela tentava acompanhar o ritmo de David.

— Então eles estavam atrás da minha mãe também. Mas por quê? Pensava que demônios estavam atrás de *almas* apenas... como, para comer ou algo de gênero?

— Bem, eles as comem, mais ou menos — Ele penteou o topo de seu cabelo com seus dedos. — Demônios superiores, como demônios das sombras, devoram almas. As almas são sua força vital. Quanto mais eles se alimentam delas, mais poderosos eles ficam e isto lhes dá longevidade na Terra. Sem as almas, eles morreriam.

Kara observou as pirâmides de sal, enquanto ela e David caminhavam por entre elas. Ela refletiu sobre esta nova informação. Nuvens brancas fofinhas boiavam num céu azul perfeito, com formas de animais selvagens. Uma fragrância de oceano os cercava.

Kara ergueu a sobrancelha.

— Este lugar é ainda mais bizarro do que eu poderia imaginar — Em sua mente surgiram pensamentos de demônios com olhos negros. — Então, e sobre os monstros de olhos negros? Os demônios superiores? — Enquanto ela dizia isto, um anjo da guarda com duas estrelas tatuadas em sua testa se aproximou deles. Ele sorriu, ergueu a mão e ele e David se cumprimentaram. Eles trocaram algumas palavras. O anjo deu uns tapinhas no ombro de David, então se afastou.

— Então, vejo que você é uma celebridade em Horizonte — Kara riu.

— Hã? — Um sorriso surgiu nos lábios de David. — Certo... demônios superiores. Sim, eles são terríveis — disse David, erguendo o colarinho da jaqueta de couro. — Todo o cuidado é pouco quando eles estão por perto — Ele

deu a Kara sua piscadela oficial.

Ela suspirou e virou os olhos.

— Uau, você é tão cheio de si. Poderia ter dar uma bofetada! — Ela chutou um pouco de areia vermelha com o seu sapato. — Mas por que eles estavam atrás de nós? Atrás de mim?

— Porque você tem algo que eles querem. A sua fonte vital de AG é como mil almas normais. A alma de um anjo da guarda pode fazer de um demônio superior tão poderoso quanto um Arcanjo — e confie em mim, você não vai querer isto — David olhou para outra direção e pareceu perder as palavras.

— Você disse que os demônios superiores pareciam saber onde estávamos? Isto pareceu perturbar Ramiel um pouco... por quê?

— Bem, para começar, isto nunca aconteceu comigo antes. Geralmente leva horas para que demônios superiores — ou qualquer outro demônio — possam nos sentir na Terra. Eles simplesmente não aparecem assim, poucos minutos depois de chegarmos. Não entendo — Ele procurou o rosto de Kara, com a mesma expressão intrigada em seu rosto.

— Não olhe para mim assim! Não é como se eu houvesse *anunciado* a nossa chegada ou coisa do gênero. Além disto, sou nova aqui! Como eu saberia qualquer coisa?

David balançou a cabeça.

— Não sei, mas isto não me cheira bem.

Kara sentiu que isto era provavelmente verdade, mas não havia nada que ela pudesse fazer sobre isto. Este novo trabalho vinha com uma porção de perguntas sem resposta e muitos novos perigos.

David ergueu as sobrancelhas. Seus olhos azuis brilhava.

— Parece quase como se.... alguém da Legião os houvesse contado.

— O quê? Mas isto não faz sentido?

— Faz todo o sentido. Já aconteceu antes — Sua expressão se tornou séria. — Traidores, trabalhando para os demônios de dentro da Legião. Eles são anjos caídos que passam para o lado negro, com suas mentes cheias de desejo por poder.

Kara ficou onde estava, paralisada, com sua mente fazendo esforço para processar toda esta nova informação.

— Por que a gente? Quem faria isto conosco... comigo? E por quê?

— Consigo pensar em alguém — David parou do lado de Kara. Ela vislumbrou raiva nos olhos dele. Ela sabia exatamente a quem ele se referia... alguém alto e poderoso que, por acaso, odiava David.

— Benson? *Não*... tem certeza?

O tom de David era incisivo.

— Positivo. Esta seria a chance dele de livrar-se de mim para sempre. Seria a *vingança* dele pelo que fiz com Sarah.

Se o que David estava dizendo fosse verdade, isto significa que Benson iria fazer com que ela fosse morta também — pega no fogo cruzado — somente para conseguir pegar David. Ela escapou com sua vida angelical por um fio no último trabalho. *Isto só vai piorar*. Uma parte dela se sentia traída. Ela não tinha feito nada para ninguém; ela havia *morrido* recentemente. E agora sua vida estava em perigo. Outra parte dela estava furiosa porque alguém queria machucar David. Ela olhou para os claros olhos azuis dele.

— Então... o que fazemos?

Ele tinha uma aparência feroz.

— Nós o pegamos... antes que algo a mais aconteça. Precisaremos de provas, obviamente, ou apanhá-lo no ato. Eu adoraria ver como Gabriel queimaria o rabo dele!

— Então, devemos segui-lo? — perguntou Kara.

David estreitou os olhos.

— Sim... ele provavelmente tem de se encontrar com os demônios lá na Terra. Temos de descobrir qual é a sua próxima atribuição e segui-lo até lá. Ele deve fazer contato com eles cedo ou tarde.

Imagens de demônios superiores surgiram na mente de Kara e ela começou a se sentir ansiosa.

— Mas não devíamos contar para Gabriel, ou para um dos Arcanjos? Isto é bastante sério, David; não devíamos contar para eles?

Ele olhou para o chão.

— Não, eles pensarão que estou inventando alguma coisa por causa de nossa *história*. Eles não vão acreditar em mim. Não pense que sou o Popular com os Arcanjos — ou ainda não percebeu? E, se Benson descobrir isto de algum modo, eles nunca vão apanhá-lo. Ninguém pode saber disto.

Kara sabia que David tinha razão. Eles nunca acreditariam nele, ou nela. Eles tinham de fazer isto por conta própria.

Eles vagaram por entre fileiras irregulares de tendas azuis, observando os combates ocorrendo. Operações estava cheia de ruídos: gritos de combate, o choque de metal contra metal e vozes altas dos oráculos dando aulas, e depois se esquecendo o que deveriam ensinar. A fragrância de sal esgueirava-se pelo ar.

Ela seguiu David até a tenda das armas. Dois anjos da guarda faziam sua seleção de armas e olharam quando avistaram David e Kara entrando.

— Ei. Dave! E aí? — disse o mais alto. — Ouvimos falar sobre o seu *pulo*. Incrível! Já está se espalhando por toda a Legião.

— Não acho que o Gabriel está muito feliz com isto — riu o mais baixo, olhando para Kara. — Ele está com um péssimo humor. Tem certeza que quer estar aqui agora? — ele deu um tapa no braço de David.

David ergueu o queixo e estufou o peito.

— Gabe me *adora*. Ele só não sabe disto.

Os jovens riram estupidamente enquanto davam socos uns nos outros. Para Kara, era como assistir o final de uma partida ganhadora de basquete, quando todos os rapazes dançam por aí, empolgados, após o jogo. David, pelo que parecia, tinha ganhado um jogo de popularidade — David contra os Arcanjos.

Mais e mais anjos da guarda pararam seu treinamento e vieram parabenizar David por sua fuga selvagem. Alguns parabenizaram inclusive Kara. Ela se virou rapidamente e ficou muito interessada em uma curta adaga de prata. Ela bateu na lâmina com a unha. O som foi abafado por súbitos gritos altos. Ela olhou para trás para a multidão. Viu David pulando de uma das grandes mesas. Ele estava cercado por um animado grupo predominantemente de anjos da guarda homens. Ele encenava o mergulho suicida de Old Port. Seus acólitos riam com empolgação, como uma matilha de hienas selvagens. Ele se curvava após cada performance... que foram muitas.

Kara se perguntou se ela realmente estava presa a este idiota por toda a eternidade.

## Capítulo 9

### Um Traidor entre Nós

Tempo se passou em Horizonte. De tempos em tempos, Kara pensava sobre sua pintura e sobre a vida que deixou para trás. Mas agora sua vida antiga parecia insignificante e pálida em comparação à nova vida ocupada que ela levava agora. De vez em quando, quando pensava sobre sua mãe, os sentimentos de culpa e saudades começavam. Mas com tudo que ela tinha de aprender no treinamento de combate e com suas novas lições com os oráculos, Kara não tinha tempo para sentir pena de si mesma.

Ela aprendeu com Gabriel que a Legião estava nervosa como fato de os demônios superiores ficarem aparecendo sempre que ela estava num trabalho. Eles temia uma conexão entre Kara e os demônios. Se eles suspeitavam de um traidor, não mencionavam isto com ela, nem com David. Ao invés disto, eles passavam horas a fio tentando *conectá-la* a outras almas... o que não estava acontecendo. Só depois que ela xingou um oráculo por errar o nome dela pela centésima vez que ela foi finalmente dispensada até sua próxima lição.

Muito antes, Kara começou a se ajustar melhor à nova vida e trabalho em Horizonte — ela até salvou outras três almas. Mas logo ela descobriu que, de acordo com o Arcanjo Gabriel, isto não era bom o suficiente — ela tinha de tentar salvar os mortais primeiro, antes da alma.

Contudo, suas sessões de treinamento com David provaram ser proveitosas e enriquecedoras em todos os aspectos. Seus sentidos se tornaram mais poderosos e também seus instintos. Kara melhorava a cada lição, e em pouco tempo David começou a ensinar-lhe armas diferentes. Ela até se surpreendeu um pouco quando começou a se divertir e até começou, mesmo que pouquinho, a aceitar seu novo destino como anjo da guarda.

Então David lhe relevou as novidades sobre Benson para Kara.

— Eles está a caminho agora — 566 Saint Catherine Street East — ele informou a ela. — Aparentemente a Legião o pôs em uma missão de Batedor.

— O que é uma missão de batedor?

— Batedores reúnem informações para a Legião... como trabalho de detetive, mas no estilo AG.

— Parece ser legal! — Kara se imaginou em um sobretudo escuro e um chapéu preto, espiando os traidores potenciais em um beco escuro, tirando fotos com seu iPhone novinho em folha.

David fez uma careta.

— Não... pode ser chato, às vezes. Muita papelada... É coisa para *geeky*, se você quer saber. Mas sabemos o que ele está fazendo, né? É muito claro agora! Não posso acreditar que ninguém suspeita dele. Mas vamos pegá-lo — O rosto de David se abriu num sorriso. Seus olhos cintilavam com a antecipação.

Kara gostava como seus lábios se curvavam quando David estava se divertindo. Ele a lembrava um garotinho em uma loja de brinquedos, enlouquecendo enquanto brincava com todos os novos aparelhos que suas mãozinhas conseguissem segurar. Ela não conseguia evitar de sorrir de volta.

— Bom trabalho, inspetor. Ele já está perto das piscinas? — Kara indicou com a cabeça as centenas de piscinas para além das colinas vermelhas.

— Sim... vamos pegá-lo.

Kara trotou atrás de David. Ao se aproximarem das piscinas, ela pode avistar a silhueta de Benson na borda de uma na primeira fileira. Ela o viu agachar, apertar o nariz com os dedos, então pular no ar e desaparecer num mergulho.

Kara estreitou os olhos.

— Dá para acreditar que este esquisitão é o traidor?

— Sem dúvida.

— Queria saber o que se passa na cabeça dele. Como ele pode arriscar as vidas de outros anjos?

— Porque ele é um imbecil.

— Ele deve realmente odiá-lo — Kara mordeu o lábio. — Talvez ele tenha um objetivo inteiramente diferente? Talvez ele me queira morta, e não você?

David balançou a cabeça.

— Não seja ridícula... ele está atrás de *mim*. Você só está envolvida por minha causa.

Depois de um tempo, era a vez de Kara e David e eles pularam nas águas salgadas.

Como se um exército de formigas houvesse saído de suas colinas em busca por comida, a Saint Catherine Street era uma muvuca. Kara piscou. Luzes brilhantes vermelhas, verdes e amarelas iluminavam a movimentada rua. Kara passou por lojas de penhores, clubes de strip-tease e bares, enquanto o ar úmido grudava-se em seu traje M. Um odor de canos de escapamento pairava no ar.

A rua estava viva com a energia dos jovens. Kara sentiu um formigamento em seu traje M. A noite era jovem e, como qualquer outra sexta-feira, a rua vibrava com os sons de motores ligados, derrapadas e a garotada em ritmo de festa.

Garotas adolescentes caminhavam em grupos entrelaçando as cinturas umas das outras, seus rostos pintados com camadas de maquiagem. Com micro tops e saias ainda mais curtas, que Kara gostava de chamar de *calsainha*, elas se dirigiam às discotecas. Elas batiam as sobranceiras para os seguranças que as deixavam entrar sem fazer pergunta alguma. Kara sentiu uma ponta de inveja em seu peito ao observá-las.

Ela afastou o sentimento e seguiu David.

— Então o que é o número 566 da Saint Catherine?

David se virou e olhou para ela antes de se voltar e olhar diretamente para frente.

— É um clube. Tenho o pressentimento que ele está se encontrando com alguém lá — provavelmente um demônio — David deu uma olhada em seu relógio. — Ele já deve estar lá — Ele olhou para cima. — Ah... aqui estamos.

Kara seguiu o olhar dele e viu um torto edifício cinza. As janelas estavam pintadas de preto e uma grande placa de metal pendia do topo. Estava escrito, *The Club*.

— Uau, que original... devem ter levado semanas para pensarem neste nome — Kara virou a cabeça. Uma longa fila de adolescentes esperançosos aguardava para entrar. — Ah, David... aonde você vai? Não vamos esperar naquela fila ali?

David agarrou Kara pela mão e a puxou com ele pela entrada dianteira. Um homem do tamanho de um pequeno SUV esperava com os braços cruzados sobre o peito.

— Ei, cara, e aí? — disse David enquanto entrava. O segurança não prestou atenção nele.

— Uau! Como você fez isto? — perguntou Kara, sendo arrastada por David. — AGs têm algum tipo de habilidades de hipnose?

— Mais ou menos... mas a minha boa aparência nos pôs para dentro.

Eles passaram pela porta dianteira. Música explodiu ao redor deles.

Kara sentiu o chão tremer sob ela, enquanto centenas de pessoas dançavam na pista. Sem querer perder nada, ela virou a cabeça para todos os lados, enquanto David a puxou consigo.

— Nunca estive dentro de um clube antes — ela gritou mais alto que a música.

David virou a cabeça e franziu o cenho.

— Nunca?

— Não. Você tem de ter dezoito anos para poder entrar.

— Sim, mas você nunca falsificaria uma identidade? — gritou David.

Kara balançou a cabeça.

— Não... acho que isto faz de mim uma perdedora, certo?

Os dentes brancos de David reluziram na escuridão.

— Não, nem todos gostam de ir a discotecas. Além disto, você provavelmente devia estar muito ocupada com sua arte para querer se juntar um bando de tolos sem talento pulando para cima e para baixo em um espaço apertado.

Kara sorriu e olhou para baixo.

— Sim, tenho certeza que esta era a razão.

Flashes de luz iluminavam os rostos, enquanto David a puxava por entre a multidão espremida. O odor salgado de sovacos suados e o denso cheiro de bebidas eram como um muro invisível de fedor.

Quanto mais eles se aventuravam para fora da pista de dança, mais Kara conseguia ouvir por sobre a música — tênues sons de garrafas se chocando e resmungos de diálogos.

David a puxava consigo. Ela sentiu seu corpo se enrijecer quando a multidão encostava nela. Mas David apertou gentilmente a mão dela e a pele dela se arrepiou. Ela gostava da sensação da pele M dele encostada na sua. Não era a mesma sensação de quando estava viva, de pele roçando em pele. Isto era

diferente e, para Kara, muito melhor — como se suas sensações fossem dez vezes mais fortes. Ela silenciosamente desejou que pudesse segurar a mão dele para sempre.

Kara fez cara feia para as lindas garotas que encaravam David quando eles passavam. Todas elas davam uma olhada para Kara de o-que-você-está-fazendo-com-este-gostoso. E quando David não estava olhando, Kara dava a volta e mostrava o dedo do meio para elas... seguido do maior sorriso que ela pudesse dar.

David puxou Kara para uma mesa redonda de metal em um canto no fundo do clube, para além da lotada pista de dança e perdida em sombras. Benson estava sentado duas mesas para trás da deles. Ele estava encolhido sobre a mesa, no momento engajado em uma conversa com um homem de cabelo escuro com uns vinte e tantos anos. Eles não olhavam para cima.

— Já volto.

Kara observou David desaparecer na multidão. Ele retornou dois minutos depois com duas bebidas.

— Aqui... gim com tônica. Você já bebeu antes?

Kara balançou a cabeça.

— Hã... não, mas podemos realmente *beber* líquidos?

David riu.

— Na verdade não, mas é divertido fingir. A melhor parte é que você realmente começar a sentir os efeitos do álcool após algumas drinques. Aqui... experimente.

Kara se inclinou e deu um gole. O líquido se evaporou em sua garganta. O vapor de álcool pairou por um tempo, então subiu lentamente para sua cabeça. Não tinha nada ver com beber de verdade líquido, mas ainda assim era bom. Ela sorriu para David.

— Isto foi estranho — Ela lambeu os lábios. — Mas eu gosto.

— Bom, ouça. Vamos nos aproximar para ouvir a conversa deles —

David bebeu todo o conteúdo de seu copo de um único gole. Ele estalou os lábios e bateu o copo na mesa. — Siga-me.

David se esgueirou para mais perto da mesa que Benson e o desconhecido ocupavam. Suas cabeças estavam quase encostadas, em um diálogo profundo. David caminhou com excepcional furtividade por entre a

multidão para ficar perto da mesa sem que Benson percebesse. Ele se sentou de costas para eles e se inclinou no respaldar um pouco para ouvir melhor. Kara pegou uma cadeira vazia perto da de David e se sentou. Ela deu um gole na bebida. Seus olhos estavam na multidão de jovens na frente dela, mas ela se esforçava para ouvir atrás dela. Ela escutou Benson falar primeiro.

— ...não é bom o bastante. Preciso de mais informações — disse Benson.

— É tudo que sei, cara — respondeu uma voz profunda.

— Mas você não tem como se certificar de que era a mesma *criança*?

— Ei, cara, é como eu disse. *Não* tenho certeza.

— Em qual armazém isto aconteceu? Em qual parte da cidade? Preciso saber! — Benson perguntou.

— Eu lhe disse tudo que sei — disse o desconhecido. — Se os demônios souberem que estou falando com você, sou um homem morto.

Houve uma pausa, então Benson falou novamente.

— Sim, eu sei, mas isto é realmente importante.

— Não, você *não sabe*! Não estou sendo *pago* bem o bastante para esta merda — Kara ouviu algo bater na mesa.

Kara não conseguiu ouvir o resto da conversa quando a música trovejou ao redor dela. Ela se eriçou com ansiedade e estava agradavelmente empolgada — ela era a detetive Kara Nightingale, implacável vigilante de perfis. Mas algo a perturbava. O desconhecido havia mencionado uma criança. No que Benson estava envolvido?

Com o canto do olho, Kara viu Benson se levantar. Em um piscar de olhos, David a apertou contra ela. Com seu braço direito sobre o ombro dela, ele apertou seu traje M com o dela, com o rosto perto o bastante para um beijo. Sua pele mortal se arrepiou com esta proximidade. Ela não conseguia olhar para olhos dele, com medo de que ela revelasse seus verdadeiros sentimentos. E quando ela pensou que estouraria, David a soltou e recuou.

— Tudo bem, ele se foi. Acho que está indo em direção ao banheiro... já volto! — E, assim, David desapareceu na multidão.

Kara deu um tapa na testa com a mão. Ela não estava preparada para a sensação intensa que sentiu. Se romance era proibido entre os anjos, então por que ela sentia isto por este rapaz?

Ela moveu as mãos para longe de seu rosto e olhou para o copo.

— Por que não? — Ela bebeu o resto de sua gim com tônica. Ela se sentiu mais calma. Então David se espremeu para fora do muro de mortais, com mais quatro gins com tônica em suas mãos.

Seu rosto de abriu num amplo sorriso.

— Benson foi ao banheiro. Então, a noite ainda é uma criança... não temos motivo para desperdiçá-la. Certo?

— Certo — Kara agarrou um copo e tomou uma bebida. Ela queria ficar aqui com David o máximo possível.

— David... você os ouviu falar algo sobre uma *criança*?

David estalou os lábios.

— Sim... porém, não sei nada sobre criança alguma. Não sei o que isto quer dizer — Ele contorceu o rosto e deu uma olhada na bebida.

Kara girava o canudinho no copo.

— Você acha que podemos estar *errados* sobre Benson? Se eles estiver procurando uma criança, então talvez ele não seja quem está envolvido em tentar nos matar? Não ouvi nada sobre uma trama para *nos* matar. E você?

Depois de uma pausa, David penteou o topo do cabelo com os dedos.

— Não. Não sei. Talvez ele tenha terminado com seus planos antes que chegássemos e só ouvimos parte de outra coisa.

— Ou talvez não seja *ele*. Talvez tenhamos entendido tudo errado.

— Tem de ser... mais ninguém na Legião faria isto conosco! Tenho certeza que é o Benson.

Mas Kara não estava convencida. Se Benson estivesse realmente por detrás dos estranhos ataques demoniacos, por que então ele se arriscaria a se encontrar com um mortal esquisito para falarem apenas sobre uma criança? A história não colava. Mas Kara não queria forçar a barra.

Logo Kara estava acabando sua terceira bebida. Ela gargalhava com as piadas tolas de David, o tipo de risada que normalmente faria com que a barriga dela doesse. Mas sem órgãos, Kara apenas sentia um pequeno formigamento no peito. Ela não se lembrava qual tinha sido a última vez que havia se divertido tanto.

A música mudou, e ela sentiu as mãos de David sobre as dela, enquanto ela a levantava.

— Hora de irmos.

— Hã? Já? — Kara bateu a bebida na mesa.

Ele a puxou para fora do clube e caminharam de volta pela Saint Catherine Street.

— Vamos através do Berri Park, em direção ao chafariz — ele disse a Kara. — O parque estará vazio... perfeito para um mergulho pelado de volta para Horizonte — ai! — gritou David. Ele esfregou a nuca.

Kara contraiu os lábios.

— Você merece, Casanova.

Eles chegaram ao parque após uma breve caminhada. As únicas fontes de luz vinham da luz e de uma lâmpada cintilante na entrada. As árvores lançavam longas e fantasmagóricas sombras no chão. Gafanhotos cantavam na noite para atraírem a fêmea. Um guaxinim do tamanho de um cachorro pequeno desfrutava de uma festa matutina em uma lata de lixo. Ele silvou ao vê-los passar.

— Os animais podem ver quem realmente somos? — perguntou Kara.

— Sim. Os animais são sensíveis para diferentes energias... eles podem nos sentir.

O guaxinim continuou silvando,

— Acho que ele não gosta muito da gente.

David riu.

— Pobrezinho. Provavelmente não quer dividir sua refeição.

— Nojento.

Kara voltou a atenção para David. Ela o observava empertigado ao lado dela, sorrindo. Ela gostava como seus ombros de moviam para frente e para trás ao caminhar, com sua cabeça no ar, como um pavão orgulhoso...

— AH! — Kara gritou, com seu pé preso na raiz de uma árvore. Ela foi direto para o chão. Depois de um tempo, ela se ergueu e se sentou na grama. Ela ria. — Ops.

— Adoro garotas que sabem beber — David riu. Ele agarrou Kara pelo braço e a puxou para si — com um pouco de força demais, então ela voou para seus braços. David a abraçou e a puxou contra si. Ela olhou para cima. Os olhos azuis dele brilhavam com a luz da lua. Kara piscou. Ela pensou que o rosto dele era ainda mais bonito de perto. Os lábios deles se entreabriram um pouco,

enquanto ele fitava a boca dela. Seu rosto estava mais perto agora. Calor se espalhou por seu corpo mortal. Ela estava em fogo. Então ela sentiu os lábios deles no dela; suave, a princípio, e então com mais força.

O beijo foi repentino e rápido.

A próxima coisa que Kara viu, tendo David soltado-a e se afastado, era seu intenso rosto. Ele tinha um olhar feroz. O corpo dela explodia em arrepios e ele abriu um sorriso largo. Ele sabia que ela era dele.

Mas Kara estava chocada.

David ainda a estava segurando, como se estivesse relutante em deixá-la ir. Ela nunca havia beijado antes. Era fantástico. Ela sorriu.

*Que...?* Ela sentiu uma súbita dor em sua nuca.

Ela a tocou e foi subitamente propelida para trás com uma força incrível. Ela se chocou contra o chão duro. Se seu corpo fosse humano, ele teria se quebrado. Ela rolou. Sentiu algo duro apertando-se ao redor de seu pescoço, como uma grossa mangueira de borracha. Seu pescoço queimava, como se a carne mortal estivesse pegando fogo. Seu corpo se ergueu do chão, enquanto ela contorciasse seu traje M, tentando se libertar. Mas o que a segurava era forte demais. Kara olhou para baixo e nem sinal de quem a atacava.

Um demônio das sombras, três vezes maior do que os que ela viu no apartamento da Sra. Wilkins, cintilou ao luar. Ele a havia enrolado pelo pescoço com um de seus tentáculos. Kara conseguiu sentir o fedor horrível de sangue e carne podre. O demônio soltou um berro alto que soava quase como uma risada.

— Solte-a, demônio! — David correu na direção dela, com sua espada brilhando sob o luar. Ele saltou no ar atrás dela. Kara ouviu um *swish*, e se sentiu livre. Ela caiu pesadamente no chão. Ela rolou e puxou o tentáculo horrível de sua garganta. Ela se levantou cambaleando e assistiu enquanto o demônio piscava, e a sua forma sólida desapareceu em uma névoa negra.

— Fique atrás de mim! — gritou David, enquanto corria em direção ao demônio. Kara observou horrorizada ele se lançando na névoa negra, com os braços se movendo ao investir contra a criatura.

— EU... ODEIO... OS DEMÔNIOS! — ele ofegava. Então ele desapareceu na névoa. Por um momento, nada aconteceu, então David se tornou visível, enquanto pulava para fora da névoa negra. O demônio cintilou e piscou para sua forma sólida novamente. Gemendo, ele atacou David com seus muitos

membros e o derrubou. A espada dele voou para fora de sua mão.

— DAVID! — gritou Kara. Com uma velocidade incrível, a criatura enrolou seus tentáculos ao redor do corpo de David. Ele o ergueu... e começou a puxar.

Em pânico, Kara compreendeu que a criatura queria parti-lo no meio. Freneticamente, ela procurou pela espada. *Onde está!?*

— Merda! Merda! MERDA!

Kara avistou algo prateado reluzindo na lua. Como uma bala, ela se lançou até a espada. Ela a agarou, com a lâmina pesada em sua mão, e retornou. Ela correu em direção ao demônio, empunhando alto a espada. Ela não tinha certeza do que faria com ela assim que chegasse lá, mas ela sabia que tinha de salvar David, sem importar as consequências.

O demônio bateu o corpo de David com força no chão. Ele o ergueu e começou a puxar seus membros.

Kara viu a oportunidade dela. Ela a aproveitou.

Ela se empurrou do chão e pulou no ar, pousando nas costas da criatura. Ela enfiou a espada em sua cabeça.

Gosma preta vazou do ferimento como piche espesso, encharcando Kara em sangue negro. Ela se empurrou para trás e pousou de volta no chão. Imediatamente, o demônio gemeu e soltou David. David caiu no chão e rolou na grama. O demônio alcançou para trás e puxou a lâmina. Ele gritava e jogou a espada para o lado. Então o demônio da sombra brilhou, transformando-se em nuvem negra e, com um último fulgor, desapareceu.

Kara correu para David.

— David! Você está bem? — Ela se ajoelhou do lado dele, procurando em seu corpo por algum membro perdido. — O seu corpo mortal parece estar com todas as partes.

Um sorriso tolo se materializou no rosto dele.

— Agora sim — ele disse. — Cara, eu nunca vi uma novata enfrentar um demônio das sombras assim! Kara, você foi feroz! Espere até eu contar para os rapazes o que você fez! Isto foi incrível!

Kara balançou a cabeça.

— O quê, você é *louco*?! Nós quase fomos mortos!

— Mas vivi para contar a história — esta é a melhor sopa que criei com

sangue demoníaco! — David pulou no ar, sem sinais de ferimentos, e começou a dançar. — Formamos um belo time. Todos vão falar da gente!

Kara balançou a cabeça e suspirou.

— O que eu faço com você?

— Nadar pelado, aqui vou eu!

Enquanto caminhavam em direção ao chafariz em silêncio, o rosto de David estava contorcido em um grande sorriso. E a mente de Kara estava ensandecida com pensamentos apenas para o beijo.

## Capítulo 10

### Oodles for Noodles

Nos dias seguintes, nenhum deles mencionou o beijo. Kara não tinha certeza se ela deveria tocar no assunto. Tampouco ela conseguiu sossegar a mente dela sobre isto. Talvez David estivesse arrependido disto? Talvez fosse a consequência do gim com tônica e ele pensasse que estava beijando alguma linda modelo voluptuosa ao invés dela? E agora, percebendo a verdade, talvez ele estivesse constrangido e odiando a si mesmo por ter beijado uma garota cujas curvas femininas haviam sido achatadas por uma espátula gigante. Ela decidiu esperar pelo momento perfeito para tocar no assunto, se ele não o fizesse.

Mesmo assim, ela e David mergulharam no trabalho.

Depois de uma boa sessão de treinamento de combate, eles trotaram para fora da grande tenda branca em Operações para seu próximo trabalho. David entregou a pasta para Kara, e eles se encaminharam para as piscinas.

O queixo de Kara caiu ao olhar o papel.

— Um motorista de ônibus bêbado vai bater seu ônibus em um movimentado restaurante chinês: *Oodles for Noodles*. Dez mortos, incluindo crianças! — Ela olhou para David. — Esta é a minha próxima *atribuição*? Eles estão loucos? Não quero ser responsável por isto!

David pegou a pasta de volta de Kara, fechou-o e o escondeu dentro de sua jaqueta de couro.

— Todos nós passamos por atribuições como esta de vez em quando. É parte do trabalho — Ele agarrou o corrimão de metal e se empurrou para cima dos quatro degraus para a plataforma da piscina. — Nós vamos evitar o acidente, vamos evitar que todas aquelas pessoas morram — David disse, enquanto Kara subia atrás dele.

— Nunca vou me acostumar à esta nova vida — disse Kara. — A vida que tinha antes era *tão* simples... Eu não tinha de salvar ninguém da morte... Eu

apenas... tomava sorvete e pintava... — Ela olhava para a ondulação cáustica ao redor da superfície das águas azuis-claras, enquanto sua mente relembrava sua vida mortal, a vida simples. — ...e demônios não queriam sugar o meu cérebro e almoçá-lo.

David a ignorou e se esticou, preparando-se para o pulo.

— Você tem o seu equipamento?

— Sim — Kara deslizou uma mochila azul e branca de seus ombros e a revirou. — Tenho meu mapa, espada, saleiros e a minha *poderosa* rede de borboletas — Kara riu, pois a ideia dos saleiros e redes de pesca como um equipamento ainda era um pouco ultrajante para ela.

Kara e David caminharam pela Decarie Boulevard. Eles ziguezaguearam por entre a multidão de estudantes que estavam matando aula e alguns compradores idosos que arrastavam os pés ao andar. A rua movimentada sobrecarregava os ouvidos de Kara com buzinas altas e motores de carro. Eles caminhavam para o norte, inalando o fedor de canos de escapamento.

— Qual é o endereço mesmo? — perguntou Kara.

— Número 674 da Decarie Boulevard, perto da esquina da De L'Église Street.

Kara olhou para a rua.

— E temos de estar lá às 3:45 da tarde... que horas são agora?

— São 3:38 — disse David, conferindo o relógio. — E eu posso ver o endereço daqui.

Ele apontou com seu braço direito para um edifício de pedra de um andar, onde o Oodles for Noodles estava espremido por lojas dos dois lados, como o creme de um gigantesco *mille-feuille*. Estava a apenas uma quadra de distância e eles chegariam ali em dois minutos.

Kara observou o tráfego que vinha.

— Sabemos qual ônibus coletivo estamos procurando? O número ou outra informação?

— 204 — disse David. — Deve ser um ônibus fora de serviço.

Ela voltou sua atenção para o sul e procurou o ônibus pela avenida. Ela sentiu adrenalina crescendo em seu peito. A ideia de ser responsável por tantas vidas mortais a deixava verdadeiramente nervosa.

— Hã, David? — perguntou Kara depois de um tempo. — Como vamos realizar isto? Como alguém pode fazer isto? — Ela deixou suas mãos penderem ao seu lado. — Qual é o plano?

David virou o rosto para ela.

— Bem, sabemos que o ônibus perde o controle e bate no edifício da 674 na Decarie, precisamente às 3:45. Então... temos de pará-lo antes que bata.

— Dã, eu *sei*. Mas como? Qual é o *super* plano? — Ela viu os olhos de David cintilarem enquanto pensava.

— Não acho que um ônibus fora de serviço pararia para alguém. E o cara está bêbado, certo? Teremos de obrigá-lo — David coçou a nuca enquanto analisava a avenida, com seu cérebro trabalhando à um milhão de quilômetros por hora. — Temos de evitar que o acidente aconteça — então temos mais ou menos cinco minutos para pensar em algo.

Naquele momento, Kara sentiu uma dor aguda começando a pulsar em seu tornozelo direito. Ela chacoalhou a perna, tentando livrar-se da dor. Depois de um tempo, pareceu funcionar e ela se concentrou novamente no trabalho. Kara escrutinou os carros que vinham. Em sua mente, vislumbres do dia em que ela morreu e quando viu o imenso ônibus vindo direto para ela. Ela forçou o pensamento para fora de sua cabeça e se concentrou na tarefa atual.

— Você está bem? — perguntou David, com seu rosto preocupado. — Você parece um pouco apavorada.

Kara encontrou os olhos dele.

— Sim, estou bem. Só estava pensando no dia em que morri. Não pensava que ver um ônibus coletivo de novo me deixaria tão nervosa.

— É normal. Foi uma experiência bastante traumática — disse David.

— Fico vendo grandes faróis vindo direto para mim — Kara olhou para seus pés. — Então eu me lembro de sentir o metal duro — então as trevas. Eu simplesmente... Simplesmente não consigo parar de pensar... por que eu não olhei antes de atravessar a rua? Poderia estar viva de novo, com toda a minha vida pela frente.

— Eu entendo como esta atribuição a deixou um pouco nervosa. Mas você é um anjo da guarda agora... esta é a sua nova vida.

Kara soltou um suspiro.

— Eu sei. Ficarei bem em um minuto... Vou tentar não pensar no meu

corpo esmagado debaixo de um ônibus.

— Oh sim, eu me lembro disto.

Kara franziu o cenho.

— O quê? Como você sabe disto?

— Porque eu estava lá — David voltou sua atenção para a rua.

Os olhos de Kara se arregalaram.

— O quê? O que você quer dizer com *você* estava lá?

Ela ficou paralisada no lugar, com sua mente fazendo esforço enorme, revivendo os eventos de sua morte na cabeça. Ela se lembrou de uma mão estendendo-se e agarrando-a.

— Era você?

A sua alma era a minha atribuição — estou vendo! — David gritou. — Veja! — Ele apontou para o sul na rua.

Kara seguiu o olhar de Dave e avistou o ônibus. Ele balançava para a esquerda e para a direita enquanto se encaminhava para o norte, a poucas quadras deles.

— David! *Temos* de pensar em alguma coisa rápido! — Ela tirou o cabelo da frente dos olhos. — E se não conseguirmos evitar o acidente... o que... o que acontece depois? Todos aqueles mortos vão atrair uma porção de demônios? David? — gritou Kara.

Em um piscar de olhos, David atravessou a Decarie Boulevard. A mochila dele balançava em suas costas. Ele chegou à calçada e se virou. Ele observou o ônibus vindo, então lançou um olhar para Kara por dois segundos antes de olhar de volta para o ônibus.

— Nós só temos uma opção — ele gritou do outro lado da rua.

— E qual é? — Kara lutava contra seu nervosismo.

— Vou me jogar na frente dele... e torcer para que ele vire na direção oposta e atinja os carros estacionados. Isto deve pará-lo.

— É este o seu plano de *mestre*? — Kara balançou a cabeça. — E se não funcionar? — ela gritou de volta, enquanto um grupo de pessoas a olhava de maneira estranha. — E se ele se chocar contra o tráfego no sentido contrário? Isto não é melhor!

David andava de um lado ao outro no lugar, com as mãos sobre a cabeça.

— Bem, se você pensar em alguma coisa melhor, é melhor me contar em dez segundos, garota, porque aí vem ele!

Kara virou a cabeça. David tinha razão. Ela podia ler o sinal de *Fora de Serviço* no topo. O ônibus estava quase sobre eles. Ela olhou para trás dela para o restaurante e viu as sombras das pessoas no interior, sem saberem que esta poderia ser a última refeição delas. Estava lotado.

Kara esmurrou sua cabeça procurando por uma solução. Ela mordeu o lábio e olhou para a rua. Um hidrante vermelho estava a uns seis metros dela.

Sem expressar uma única palavra para David, Kara se virou e correu em direção ao restaurante. Com o seu super traje M de garota heroína, Kara atravessou a porta de vidro dianteira, que se estilhaçou com um alto *bang*. Pauzinhos caíram nos pratos, enquanto os fregueses pararam de comer e encararam a garota louca com olhos arregalados e boquiaberta que havia interrompido suas refeições. Kara sabia que tinha apenas segundos antes que o ônibus se chocasse, matando todos — incluindo as crianças.

Havia apenas uma coisa que ela podia fazer. Ela rugiu.

— FOGO!!!!!!!!!!

Ninguém se mexeu. Todos eles só observavam.

— FOGO! — Kara gritou de novo. — FOGO! RÁPIDO... PARA FORA! PARA FORA! — Ela pulou e batia no ar com seus braços.

Mas ninguém se moveu.

Kara procurou no pequeno restaurante por qualquer tipo de sistema de alarme e localizou um na parede perto da entrada. Ela disparou na direção da pequena caixa vermelha na parede e puxou a alavanca. Imediatamente, um alarme de estourar os tímpanos envolveu todo o pequeno restaurante. Os fregueses se entreolharam, então todos eles deram um salto e começaram a correr. As mães carregavam seus bebês, apressando-se porta a fora; até mesmo os cozinheiros no fundo do restaurante pularam por sobre as mesas e empurraram para a saída.

— Quinze... quatorze... treze... — contou Kara. Ela aguardou até que todos estivessem a salvo fora do restaurante.

— Cinco... quatro... — Kara correu porta a fora.

— Dois... — a frente do ônibus subiu na calçada e veio direto para ela.

— Um! — Ela pulou para fora do caminho e um monstro de metal de

oito toneladas se enfiou no Oodles for Noodles. Vidro e tijolos voaram para todos os lados, enquanto um *crash* ensurdecedor explodiu ao redor. Estremecendo, o ônibus parou, mas não sem demolir um caminho até o fim do restaurante. O chão tremeu, enquanto as paredes e o teto vieram abaixo. O ônibus estava achatado como uma lata de refrigerante por causa do peso da estrutura.

Kara se levantou. Só havia sobrado entulho do restaurante. Ela limpou a poeira de seu rosto e se virou para olhar os muitos rostos atordoados. Incrivelmente, ninguém estava ferido. Ela inclusive avistou o motorista do ônibus cambaleando para fora do restaurante.

— Para você o recomendado é um programa de doze passos, amigo — ela gritou.

Kara sorriu. Ela havia cumprido a sua missão. Era ótimo. Ela ouviu a voz de David em meio ao caos.

— Ei! Você é *genial*. O alarme de incêndio! Por que não pensei nisto? — David estava reluzente enquanto corria para ela. Ele pôs suas mãos na cintura dela e ergueu uma sobranceira. — Gabe vai ficar  *muito*  feliz. — Ele observava a multidão de pessoas que agora estava tirando fotos dos destroços com seus celulares. — Eu lhe disse que iria melhorar! — Ele deu tapinhas nas costas de Kara, como você faria com um cão que havia cumprido um truque. — Você foi  *realmente*  bem, garota.

Kara sorriu.

— Um bom dia no trabalho, não é? — ela riu. — Estou muito, muito feliz que ninguém se machucou. — Ela olhou ao redor. — E nenhum demônio apareceu... agora isto é um começo.

— Sim. — David largou a mochila no chão. — São horas como esta que faz com que tudo valha a pena, sabe... quase tão bom quanto... trinta gins com tônica.

Kara deu um empurrãozinho em David.

— Você é um idiota. — Um sorriso surgiu em seus lábios. — Mas um idiota — em raras ocasiões — pode estar certo.

A atenção de Kara se voltou para uma mãe reconfortando seu filho chorando.

— Isto é incrível.

— Eu disse pra você.

— Ai! — Um dor aguda surgiu no tornozelo direito dela. Kara se inclinou e apertou a mão sobre ele.

— O que foi?

— Não sei... Tenho esta coisa aqui... — ela ergueu a perna da calça e ouviu David suspirar. A marca havia crescido. Era do tamanho de um punho agora, espalhando-se e ao redor de sua panturrilha como uma mão de aranha. Era insano e feio.

— Você é *Marcada*?

— Eu o quê?

— Você é uma *espiã*! — David sibilou. Ele a empurrou brutalmente para longe dele. Seus olhos arregalados brilhavam com ódio. — Como você pôde? Um demônio espião! *Você* é a traidora! Você tem sido a traidora durante todo este tempo, não é?

— O quê? David, não seja ridículo... Eu não sou uma *espiã*.

Eles gritava agora.

— VOCÊ É MARCADA! Apenas demônios *espiões* são Marcados!

Kara franziu o cenho.

— Pare com isto! Você não sabe o que está dizendo. Eu não posso ser uma espiã... Acabei de chegar aqui! Isto deve ser algum erro... provavelmente nem é uma Marca, como você disse... talvez seja outra coisa?

A expressão de David se tornou sombria.

— Não tente me *enganar* novamente, traidora!

As palavras dele traspassaram Kara como uma faca. O que estava acontecendo? Seu novo mundo angelical esta ruindo logo agora que ela estava se sentindo parte dele.

Kara sentiu sua alma se partindo.

— Isto não pode estar acontecendo comigo. — Ela fechou os olhos e os reabriu. — David. Eu... Eu não sou uma traidora. — Ela balbuciou, com a garganta apertada. — David... escute-me, por favor...

— Quando isto aconteceu, *hã*? Quando você *vendeu* a sua *alma* para os demônios? — Ele balançava a cabeça. Seu rosto estava enrugado de nojo, como se Kara fosse a coisa mais repugnante que ele já houvesse visto.

— Por favor, pare! Escute-me. Não sei de onde saiu isto. Senti dor na minha perna, então havia esta marquinha... mas não doía, então me esqueci disto.

Não doe até hoje. — Ela se aproximou de David.

— Afaste-se de mim!

Kara recuou, ela sentiu como se houvesse sido esmurrada no estômago.

— David, por favor. Isto é um equívoco... Eu nunca faria nada para feri-lo.

David estudou o rosto dela.

— Todo este tempo eu me perguntava como era possível que os demônios nos sentissem. Por que os demônios superiores estavam na nossa cola todo este tempo? Você esteve jogando comigo todo este tempo, não é? Você é Marcada, e você os conduziu até nós.

Pânico a consumia ao perceber que David não iria acreditar nela.

— Não. Por que você não acredita em mim? Sou inocente! Não sei porque tenho esta coisa. Não é minha culpa!

— Não finja ser inocente comigo, *Kara*. A Legião vai cuidar de você.

Grave estas palavras.

Alguns dias atrás, David a havia beijado, agora ele olhava para ela com tamanha aversão... ela queria deixar de existir completamente. Ela fechou os olhos.

— Ah... seus amigos chegaram! — disse David.

Kara abriu os olhos e olhou ao redor.

— O quê? Quem está aí?

— Você os enviou para me matar!? Para acabar o trabalho!? — Ele gritava atrás de um grupo de pessoas, enquanto se afastava dela.

— David! Espere! — Kara deu um passo em direção a David e parou. Dois demônios superiores caminhavam na direção dela. Eles empurravam e forçavam por entre a multidão comprimida, com seus olhos negros fixos nela. Ela sentiu uma onda de pânico varrê-la por dentro enquanto recuava. Ela procurou pela mochila no ombro — mas ela havia sumido.

Kara pulou para cima. Ela procurou David por sobre as muitas cabeças. Ela o avistou. Ele estava encarando-a, com o cenho franzido. Ele deu uma espiada nos demônios antes de voltar o olhar para Kara. Uma sombra de confusão atravessou o rosto dele. Ele lia o pânico verdadeiro dela. Então, ele começou a lutar de volta por entre a multidão, na direção dela. Três outros demônios superiores irromperam por entre a massa de pessoas e se

encaminharam para David.

— David! — ela gritou. Ele desapareceu sob uma onda de mortais.

Kara tremeu ao recuar, com os olhos nos dois demônios superiores marchando em direção a ela. O mundo ao redor se paralisou. Ela se sentiu indefesa e presa, como um rato apanhado em uma armadilha, enquanto encarava os monstros de olhos negros.

Um dos demônios puxou uma longa lâmina negra de sua jaqueta. Era opaca e uma névoa negra emanava dela, como uma ondulante fumaça negra. Ela sentiu um estranho formigamento em seu interior, como se pequenos choques elétricos estivessem sendo disparados dentro de seu corpo mortal. Os demônios começaram a correr.

— DAVID! — ela gritou desesperadamente. Ela esperou por dez segundos. Então, ela correu.

Kara disparou pela Decarie Boulevard. Ela correu sem olhar para trás e forçou suas pernas mortais o máximo possível. Acabou que seu traje M era melhor do que ela poderia esperar. Suas pernas poderosas se moviam com uma velocidade incrível. Ela olhou para atrás e quase caiu, o fato de os demônios superiores estarem tão perto dela a pegou de surpresa. Eles era mais rápidos do que ela.

Kara apertou o passo. Ela sabia que não havia sido treinada para lutar contra aqueles demônios... ainda não. Ela imaginou a tortura demoníaca. Isto lhe deu gás para continuar correndo.

Ela correu sem parar por tanto tempo que sentiu que seu espírito estava começando a se amortecer. Seu traje M não se cansava, mas ela não sabia por quanto tempo conseguiria manter este ritmo. Quando tempo conseguia ficar em seu traje? Ela sabia que eles não duravam por muito tempo. O que aconteceria quando ele se fosse? Ela sabia que tinha de fazer algo rapidamente. O medo a consumia todas as vezes que olhava para trás e encontrava aqueles olhos negros malignos. E David a odiava agora. A injustiça disto a enchia de raiva.

Um brilhante letreiro de néon vermelho, Stan's Diner, apareceu na frente dela. Kara viu a sua oportunidade e a agarrou. Ela correu para um grande grupo de garotas adolescentes, roubou uma jaqueta azul de uma delas, empurrou e entrou, enfiando-se no meio delas. Ela se escondeu com as garotas risonhas até que ela estivesse bem na frente do restaurante. Abaixando a cabeça, ela correu

direto para a porta da frente e quase caiu ao entrar. Ela esbarrou em algumas pessoas.

— Ops, desculpa! Com licença! — Kara rodava e olhava para a porta dianteira de vidro.

Os demônios superiores passara pelo Stan's Diner. Eles corriam pela calçada, então pararam. Suas cabeças se moveram, como se estivessem seguindo um cheiro.

Ela correu para o fundo. Uma garçonete caminhava pelo corredor.

— Banheiro! — gritou Kara. — Preciso de um banheiro — rápido!

A garçonete parou e ajustou os óculos. Seu cabelo branco estava preso em um coque.

— Tudo bem. Segure as suas calças — ela riu. — Os banheiros são logo ali — ela apontou para trás — mas eles não estão funcionando.

Kara a encarou.

— Você está brincando?

— Você terá de tentar no Stone Grill, mais adiante na rua — a garçonete lhe disse.

— Não vou conseguir.

A garçonete piscou.

— Você está passando mal?

— Mais ou menos isto — Kara correu pela garçonete e parou na frente de uma porta de madeira. Duas pinturas pequenas de um homem e de uma mulher com cada um sentado no vaso sanitário lendo o jornal estavam pregadas na porta. Um cartaz colado na frente dizia: *Fora de Serviço*. Ela tentou forçar a porta, mas ela não se abria.

— Oh, não, isto não pode estar acontecendo! — Kara gritou. Ela empurrou com o máximo de força — e perdeu três dedos.

— AHHHHHHH! — gritou Kara. Ela viu os três dedos caírem no chão e quicarem até parar. Seu indicador, dedo médio e anular estavam perto de seus sapatos, como se fossem algumas salsichas merguez. Um lampejo de luz branca irradiou-se da mão ferida, iluminando todo o corredor como se alguém houvesse acabado de ligar um holofote.

Kara se agachou e apanhou seus dedos mortais com as mãos trêmulas. Ela os apertava com a mão esquerda. Pareciam feitos de borracha. Eles eram

ocos, como conchas vazias. Ela os pôs nos bolsos dianteiro da calça. Então enfiou a mão reluzente dentro de sua camiseta e se virou para conferir se ela havia sido vista.

Um homem na casa dos cinquenta anos e cabelo ruivo apareceu no corredor. Ele sorriu para Kara ao passar por ela. Kara deu seu melhor sorriso amarelo e fingiu estar falando no celular. Ele desapareceu na cozinha, onde o cheiro de gordura era espesso como piche. Havia um porta casaco de metal na parede, perto da entrada da cozinha. Kara correu até ele e agarrou um cachecol rosa de seda. Ela rapidamente enrolou o cachecol sobre seus dedos brilhantes.

Kara trotou pelo corredor até a frente do restaurante. Um tênue ruído vinha do salão, onde os fregueses desfrutavam de suas gordurosas refeições. Ela viu uma jovem garçonete pondo uma mesa limpa. Kara olhou pelas altas janelas de vidro que percorriam toda a extensão do restaurante. Um demônio superior vasculhava o terreno lá fora. Ele rondava a quadra, procurando, como um animal selvagem farejando sua presa.

Ela escondeu sua mão rosa sob a camiseta e se recostou na parede. A garçonete enchia os saleiros com um grande saco de sal.

Kara correu para uma mesa vazia. Ela pegou um saleiro e o enfiou no bolso. Ela sabia o que um pouco de sal podia fazer com um demônio superior. Mas, desta vez, ela estava sozinha. E havia dois deles. Ela correu para a próxima mesa vazia e pegou outro saleiro. Havia apenas duas mesas vazias no restaurante. Mas ela precisava de sal.

Os homens e mulheres no restaurante a observavam com suspeitas. Kara lhes deu um sorriso.

— Tenho baixo teor de sal — E, assim, Kara correu para uma cabine na qual estava sentada confortavelmente uma família.

— Oi — ela disse, pegando o saleiro — você se importa? O meu acabou. Obrigada — Ela enfiou o saleiro no outro bolso da calça jeans. E quando ela estava prestes a se virar — sua orelha direita caiu na mesa.

— Merda! — Kara gritou, apanhando a orelha. Ela olhou para a família horrorizada.

— Ah... é só uma orelha de borracha — ela sorriu — nada para se preocupar. É só uma pegadinha estúpida.

Mas um feixe de luz havia explodido no lado direito de sua cabeça. Uma

expressão de completo espanto estampava os rostos da família. Eles estavam com os olhos grudados na cabeça dela, para o buraco brilhante onde sua orelha costumava ficar.

De olhos arregalados, Kara tapou o lado direito de sua cabeça. Ela apertou a mão contra o buraco.

— Estou tendo um dia *ruim* pra valer!

Ela se lançou para fora da cabine e jogou a sua orelha mortal no chão. Ela correu para outra cabine e apanhou outros três saleiros. Satisfeita, ela se encaminhou para os fundos do restaurante, mas não sem antes agarrar uma faca de uma das mesas.

Um sino tocou e ela se virou para ver um demônio abrindo a porta dianteira. Ele entrou no restaurante. Seus olhos negros se fixaram nos dela e ele sorriu. Kara abriu a porta dos fundos e correu para um beco.

O outro demônio superior estava no beco. Com as mãos nos bolsos, ele esperava calmamente por ela. Seu rosto pálido se abriu em um sorriso maligno. Seus olhos negros observavam cada movimento dela.

— Eu não estou *nada* preparada para isto! — Kara punha a maior distância possível entre ela e o demônio. Ela sabia que correr não era mais uma opção. Seu corpo mortal estava se desligando. Com sua faca de manteiga em uma mão e um saleiro na outra, ela esperava o demônio atacá-la.

Uma porta se abriu atrás dela. O segundo demônio saiu para o beco com uma lâmina branca fumegando em sua mão. Kara piscou e recuou.

— Que tal jogar pelas regras? — disse Kara — Dois contra uma, isto não é bem justo!

Girando sua adaga com habilidade entre seus dedos, o demônio deu um passo adiante. Kara observa silenciosamente, posicionando seu corpo em antecipação.

Então ele atacou.

Mas Kara estava pronta. O demônio investiu, com sua arma mirando na barriga dela. Kara deu um passo para o lado e enfiou sua faca no flanco dele, cortando sua carne. Ela rolou e deu um passo para trás, assistindo em horror ao sangue negro vazando do corte. O demônio tapou o ferimento com a mão, com uma expressão surpresa na cara. Sangue negro pingava por entre seus dedos. Então ele veio na direção dela, atacando.

Kara entrou no modo de defesa; posicionando seu pé direito na frente, enquanto ajustava seu peso para a esquerda, bloqueando o ataque dele. O impacto quase a pôs de joelhos — mas ela aguentou. Ela sentiu seu corpo mortal se esforçando... ela sabia que ele não duraria muito. Com toda sua força, ela o empurrou e recuou, observando a face corrompida do demônio se contorcendo em raiva, com o lábio superior tremendo.

O demônio atacou novamente. Ele brandiu sua lâmina com força brutal, mirando na cabeça dela. Ela bloqueou, mas a força do ataque a jogou no chão. Sua faca de manteiga voou de sua mão. Piscando, ela olhou para cima para o demônio, com os olhos cheios de com um misto de ódio e fome. Ela sentiu uma febre fria atravessando-a. Ela temeu. Sentiu o traje M se enfraquecendo, derretendo-se. Sua visão se tornou turva. Ela piscou desesperadamente, tentando ver com clareza. O segundo demônio caminhou lentamente para ela, com um sorriso se materializando em seu rosto. Ele abriu a boca para falar.

— O fim está próximo, *anjo* — sibilou o demônio superior.

Kara abriu um saleiro.

— Você já pode *sentir*. Nós *beberemos* a sua essência, pequenina... e você deixará de existir! — A mandíbula dele se deslocava e abria de maneira anormalmente longa, chegando até o peito, como a boca de um boneco de madeira de um ventríloquo. Kara só conseguia encará-lo. Ele investiu contra ela...

Kara lançou o saleiro dentro da boca dele. O demônio caiu e gritou. Tendo convulsões no chão, sua boca fervilhava e estourava. Fumaça negra se ergueu do corpo dele como uma torrada queimada. Ele uivou de dor.

Kara pegou outro saleiro e se preparou, enquanto o outro demônio atacava. Ela jogou o sal nele, mas o demônio o repeliu com sua lâmina. Com velocidade da luz, o demônio atacou e cortou o braço dela fora.

— Ahhh! — dor agonizante passou por seu traje M. Seu corpo queimava, com o veneno da lâmina comendo a alma dela. Ela olhou para o buraco onde costumava estar seu braço; uma névoa negra brotava do ferimento como fumaça de uma vela. Um tipo de ácido circundava o corte, devorando ao redor do coto, enegrecendo-o. A dor era tão intensa que Kara fechou os olhos e rolou no chão. Ela estava queimando viva de dentro para fora. Ela sentiu o veneno da lâmina se espalhar por seu traje M... e em sua alma. Ela estava

morrendo, por uma segunda vez.

*Kara... Kara...*

Kara se virou e olhou para os demônios. Os lábios deles não se moviam.

*Kara... seja forte...*

— Quem — onde está você...? — Ela virou a cabeça para os lados.

*Estamos aqui com você...*

Kara tremeu.

— Não consigo v... ver você. A... Ajude-me. Por favor.

*Sinta a sua força, Kara. Não tenha medo...*

— O que v... você q... quer dizer? — Ela tremia incontrolavelmente.

— Com quem você está falando, *anjinha*? — O demônio superior jogou o braço cortado dela no ar? — Ninguém pode ajudá-la agora.

O demônio arreganhou a boca e engoliu o braço dela. Subitamente, os olhos dele se tornaram branco reluzente, antes de voltarem para pretos. O demônio sorriu. Ele voltou sua atenção para as partes remanescentes de Kara.

— A sua essência tem um ótimo sabor — disse o demônio. — Você me deixará muito poderoso, *anjinha*. Você devia se alegrar porque a sua *insignificante alma* angelical terá servido para um propósito.

Kara piscava, tentando se sentar. Ela segurava seu coto de braço. Parte dela queria morrer, para parar a dor excruciante. Ela esperou.

*Kara... não desista... você consegue... agente mais um pouco...*

— M... minha cabeça — Kara ofegava — estou ouvindo vozes em minha cabeça.

Uma porta se abriu com um alto ruído no lado oposto do beco. Um homem vestido de branco jogou alguns grandes sacos pretos de lixo no chão, largou um grande balde com água e sabão com um esfregão ao lado e bateu a porta, fechando-a.

— Hm... — continuou o demônio, aproximando dela — quão esplêndido será o seu gosto.

*O balde, Kara, disseram as vozes. A água... corra para ela. Sinta a força em você, Kara, corra!*

Kara não conseguia explicar, mas ela repentinamente se sentiu mais forte, como se a força de centenas de pessoas houvesse explodido dentro dela. A mandíbula do demônio superior se soltou grotescamente enquanto se preparava

para comê-la, e Kara reuniu o resto de suas forças e correu para o balde.

Ela enfiou a cabeça na água. Um dor aguda brotou em suas pernas — e as trevas a envolveram.

## Capítulo 11

### Divisão de Milagres

Era como se houvessem passado dias quando Kara finalmente abriu os olhos.

O corpo dela estava envolvido em algo suave. Isto seguia cada movimento dela como se fosse um colchão d'água, como aquele que ela havia testado uma vez na casa da Tia Tracy. Kara virou sua cabeça para cada lado e só viu cor a cor laranja. Ao se mover, uma substância meio líquida se apertava contra a coisa que parecia uma gelatina. Ela estendeu o braço. Suas mãos pararam sobre uma superfície mais dura. Ela apalpou para cima e para baixo e para os lados. Ela estava dentro de um glóbulo. Ela abriu a boca para gritar e o líquido entrou em sua boca. Ela a fechou de novo.

Kara se esforçou para ver através da cápsula semitransparente. Sombras de bolhas flutuavam a seu redor. Ela olhou para si; suas roupas haviam desaparecido. Ela estava completamente nua. Ela girou dentro da bolha, chutando e balançando os braços.

Então ouviu-se um *pop* alto... Kara sentiu que a bolha estourava sob ela, e ela escorregou e caiu em uma poça de água. Ela se debateu até a superfície, onde baldes de substância gelatinosa vertiam sobre ela.

— Nojento! — ela gritou, enquanto limpava os olhos. Ela estava dentro de um imenso edifício parecido a um armazém feito de um metal brilhante como cobre. Uma grande geringonça de metal com canos e fios entrelaçados estava à sua esquerda, chegando até o topo... como a garagem de seu tio, mas sem o cheiro oleoso de cigarro. A piscina percorria todo o edifício e refletia a luz do sol, que vazava das clarabóias acima.

Milhares de suaves esferas laranjas do tamanho de uma pessoa planavam no ar, como gigantescas bolhas de sabão. Elas quicavam umas nas outras no espaço cheio.

Kara ouviu um barulho de passos e se virou para ver um querubim com uma jarra de vidro cheia de almas parar no painel operacional à esquerda. Com

algum esforço, o querubim parou na ponta dos dedos e jogou as almas em uma abertura. Elas passaram por um cano, por onde ela não conseguia vê-las, até um gigantesco tubo translúcido que saía do topo da máquina. As almas rolavam por dentro da máquina por um momento, então saía, uma a uma, envolvidas em bolhas laranja. Ela podia distinguir a silhueta de AGs boiando dentro destas bolhas, enquanto cresciam lentamente para suas formas humanas.

Algo se moveu na visão periférica de Kara. Um grupo de anjos da guarda parou sob um dos glóbulos, olhando para cima. Repentinamente, a bolsa se rompeu e, com um *splash*, um AG nu caiu na piscina. Ela ouviu o zunido enquanto lia um grande letreiro de néon, Cura Express.

Kara fez uma careta.

— Uua... Acho que engoli demais daquela coisa laranja.

Kara trouxe as mãos até o rosto. Seu corpo tinha um forte cheiro cítrico, como se a substância laranja fosse algum de ponche de fruta. Ela ouviu o ruído tênue de passos atrás dela. Ela se virou e olhou para olhos azuis brilhantes.

— Aqui... — David jogou uma toalha para ela e virou as costas. — Você pode se cobrir com isto até que consigamos para você algumas roupas.

A boca de Kara parecia costurada. Ela lutava para abri-la.

— Obrigada — ela resmungou. Ela se ergueu para cima da borda, ficando de pé. Ela limpou o corpo. — E você tem estado aqui por quanto tempo... olhando o meu corpo nu, se é que estou entendendo bem? — Ela limpou o rosto com a toalha, então cuidadosamente se enrolou nela.

— Acabei de chegar.

Kara estudou as costas de David. Ele tinha visto para vê-la. Talvez ele acreditasse nela agora?

Ela puxou uma mecha melequenta de cabelo para atrás da orelha. Ela sentia formigamento por toda as costas, enquanto tentava pensar em alguma coisa para dizer. Ela nunca foi boa neste tipo de situação constrangedora. Mas, mais uma vez, *ela* estava morta, e estava nua e coberta com uma gosma pegajosa laranja; o que poderia ser mais constrangedor do que isto?

— Você pode se virar agora — Kara observou enquanto o corpo dele se virava.

— Hum... — David estreitou os lábios, com uma ruga se materializando em sua testa.

Ela estudou o rosto dele por um instante. Ela nunca havia visto David tão preocupado. É como se ele estivesse lutando contra algo dentro dele. Quando ela não podia mais suportar, ela fez a pergunta que estava morrendo para fazer desde que ele chegou.

— Então... você acredita em mim agora? Sobre a marca do demônio na minha perna?

David olhava fixamente para o chão, com um rosto inexpressivo.

— Não importa o que *eu* penso. A Legião está dividida sobre o que aconteceu. Eles ainda não chegaram a uma decisão. Nem todos acreditam que você é inocente.

Kara olhou para o rosto dele. Ela queria que David acreditasse nela. Era a verdade, afinal de contas.

— Você ainda não acredita em mim... e você acha que eu sou uma espiã? — ela disse, com raiva.

— Não importa o que penso — O tom baixo da voz dele era pior do que se ele estivesse gritando.

— Certo... você já disse isto. Então porque você está aqui?

Os olhos de David se encontraram com os dela, com um expressão indecifrável em seu rosto.

— Eu ainda sou o seu Oficial... é o meu trabalho garantir que você esteja bem.

— Certo — Kara estreitou os olhos e balançou a cabeça. — Você disse que a Legião estava *dividida* — a Legião — todo o mundo sabe sobre isto? Os anjos escolheram suas posições?

Um *splash* ruidoso interrompeu o silêncio desconfortável entre eles. Mais AGs caíram na piscina, com seus corpos nus debatendo-se para ficar na posição sentada, enquanto eles limpavam o líquido laranja de suas peles sobrenaturais.

Após uma longa pausa, Kara voltou sua atenção para David.

— Então, como eu cheguei aqui — nestas *bolsas*? — Ela apontou para as bolhas laranjas flutuantes. — A última coisa que me lembro era de ser atacada por demônios superiores e tentando alcançar o balde d'água. Então tudo ficou preto.

David olhou para acima enquanto mais AGs caíam na piscina.

— A sua alma estava em um péssimo estado... você precisava ser curada. Aqui é onde todos os anjos vêm para serem consertados.

— Oh — Kara se sentiu como um carro que precisava trocar de óleo. Ela pigarreou.

— Hum, David? Alguma coisa... alguma coisa *estranha* aconteceu comigo quando... quando eu pensei que fosse morrer... quando a minha alma estava morrendo.

— O que você quer dizer, *estranha*?

Kara piscou. Ela não tinha certeza se ouvir vozes no pensamento em Horizonte queria dizer a mesma coisa que ouvi-las na Terra.

— O que é? — disse David. — Você parece que viu um fantasma.

— Mais ou menos — Kara suspirou e fechou os olhos. — Você vai achar que estou enlouquecendo, mas eu... eu ouvi vozes.

Ela abriu o olho esquerdo e espiou David.

— O quê? — David ergueu uma sobrancelha. — Talvez você tenha batido a cabeça ou coisa do gênero.

— Não acho que seja isto. Eu *realmente* ouvi vozes dentro da minha cabeça... elas... elas me ajudaram a fugir. Você acha que estou louca, não?

A expressão de David era distante.

— Nunca ouvi dizer que anjos da guarda ouvissem vozes. Tenho quase certeza que era sua própria voz, Kara. Lembre-se... você estava fraca, e você pensou que fosse morrer. Nossas mentes fazem coisas estranhas quando estamos prestes a morrer.

Ele estendeu a mão.

— Venha — ele disse, fazendo um gesto para ela. — O Arcanjo Rafael quer vê-la.

Kara segurou a mão de David e se levantou. Ela compreendeu que tinha de ser mais cuidadosa sobre o que dissesse de agora em diante. Ouvir vozes não era comum entre anjos. Ela temeu que pudesse fazê-la parecer mais como uma traidora. Ela abandonou o assunto.

— Quem é Rafael? — ela perguntou, ao invés disto. Ela puxou sua toalha mais firmemente a seu redor.

— Um Arcanjo — David apertou a mão dela.

— Eu sei... mas quem é ele? O que ele faz?

— Você verá.

Eles deixaram o edifício da Cura Express através de enormes portas de metal, e Kara observou o céu vermelho e laranja. Como um arco-íris, as cores perseguiam umas às outras, girando e agitando-se, espalhando-se para cima e para além. Na floresta diante deles, altas árvores verdes farfalhavam com a brisa leve.

Surpreendentemente, Kara se sentia ótima. Ela manteve a toalha enrolada bem apertada em seu corpo e seguiu David pela floresta. A trilha conduzia a uma clareira, de onde eles podia ver um vale para uma montanha que se erguia para cima e se perdia entre um mar de nuvens vermelhas. Ao se aproximarem da base da montanha, Kara percebeu que havia uma cidade esculpida no meio da montanha. Grupos de oráculos e anjos da guarda brotavam dos muitos edifícios de pedra, indo para seus afazeres.

— Que lugar é este? — perguntou Kara.

David pareceu relaxar um pouco.

— Divisão de Milagres... é onde a *magia* acontece.

— Hã?

— Apenas um punhado de AGs consegue trabalhar aqui — explicou David. — Às vezes — mas muito raramente — temos de realizar milhares. Geralmente curando doentes. O que os mortais não conseguem explicar com sua ciência... como uma pessoa é subitamente curada de câncer... somos nós.

Kara pensou em todas as pessoas doentes que ela tinha visto no hospital no ano passado quando se cortou e precisou de alguns pontos... quando ainda estava viva. Ela se lembrava de um *monte* de pessoas doentes.

— Mas... ainda há tanta gente doente no mundo? Por que elas não são curadas?

— Não sei — respondeu David. Ele passou a mão pelo cabelo. — Tudo que sei que são apenas alguns casos especiais... e as ordens vêm do próprio Chefe.

— Oh — Kara seguia David por um pequeno aclave. Seus pés pisavam sobre um suave caminho de pedra. — Eu me sinto meio estranha só de toalha... todos estão vestidos. — Ela puxou o topo da toalha e o segurou no lugar com a mão direita.

— Você não é a única... veja — David apontou para outro grupo de AGs

passeando por um caminho em toalhas brancas.

— Graças a Deus. Não me sinto mais tão idiota agora.

Quando eles chegaram à entrada da cidade, duas esculturas gigantes com forma humana estavam em cada lado da entrada, como soldados guardando a entrada do palácio. Seus rostos duros foram esculpido com sorrisos voltados para baixo.

Kara observou a selva de passagens sinuosas e curvas que se enveredavam por entre edifícios esculpido a partir de grandes paredes de rocha, como se houvessem sido cinzeladas por mãos gigantes. Outros prédios eram de madeira e pedra, moldados com desenho perfeitamente equilibrado.

Kara seguiu David para o interior de uma enorme estrutura de pedra, por um corredor, então finalmente para uma grande câmara. Raios vermelhos de sol atravessavam aberturas quadradas no topo, como vitrais. Cinco anjos da guarda com jalecos azuis trabalhavam em mesas de madeira entalhadas com plantas e vasos, misturando e medindo elementos em recipientes de vidro. Os líquidos se misturavam em cores verde e laranja.

Uma linda mulher com visual asiático, enrolada em vestuário branco, examinava o conteúdo de um grande recipiente quadrado de vidro, que parecia para Kara como um pequeno arco-íris encarcerado. Reflexos vermelhos se projetavam no cabelo negro que descia por todas as costas dela. Ela se elevava por sobre David e Kara.

— Então esta é Rafael? — sussurrou Kara. — Ela é uma mulher.

David tinha um grande sorriso estampado na cara, seus olhos fixos na linda mulher.

Kara virou os olhos.

— Você é tão previsível.

— Ah, David — Ela pôs o recipiente de vidro em uma mesa e caminhou em direção a eles. — Estou feliz de vê-lo novamente — Ela estendeu os braços e o abraçou.

Kara percebeu um escudo dourado com duas espadas de prata cruzadas marcado na testa dela.

— Também estou muito feliz em vê-la, Rafael — David sufocava nos braços de Rafael ao falar. Ela o soltou e Kara pensou que podia ver as bochechas dele coradas.

Os olhos marrons de Rafael se concentraram em Kara.

— Então esta deve ser Kara... vamos dar uma olhada.

Ela segurou as mãos de Kara nas suas e a examinou de perto. Kara sentiu um estranho formigamento atravessar seu corpo, como ela houvesse passado por um raio-X interno.

— Bem, então... vou pôr minhas mãos em seu rosto, tudo bem? Preciso me certificar de que não há traços da lâmina da morte dentro de você.

— Qual tipo de lâmina? — Kara enrugou o rosto.

— Uma lâmina da morte... uma lâmina demoníaca. É venenosa para qualquer anjo — respondeu Rafael — pode matá-la.

— Certo... eu me lembro disto.

O Arcanjo estudou o rosto de Kara de perto.

— Você está pronta, Kara?

Kara piscou e olhou para David. Ele a reconfortou concordando com a cabeça, então os olhos dele se voltaram para Rafael. Kara mordeu o lábio e voltou o rosto para o Arcanjo.

— Eu me sinto um pouco estranha com você me encarando deste jeito — ela disse.

Rafael sorriu.

— Não se preocupe. Não vai demorar — ela riu — prometo que vou parar de encará-la em um minuto.

Os olhos castanhos de Rafael hipnotizavam Kara, e ela só conseguia concordar.

Rafael pressionou suas mãos ao redor do rosto de Kara, então ela fechou os olhos. Imediatamente, Kara sentiu um calor reconfortante se espalhar da cabeça para o resto de seu corpo, como se alguém houvesse jogado um balde de água quente sobre sua cabeça. A sensação se tornou pequenos formigamentos dentro dela, como pequenos raios ricocheteando nas paredes internas de seu âmago.

Então parou.

Rafael deu um passo para trás e seu rosto se abriu num sorriso.

— Maravilha. Você não apresenta nenhum sinal de veneno. E a Marca do demônio se foi. *Isto* é uma *ótima* notícia, Kara. — Ela se virou graciosamente e caminhou para a grande mesa de madeira.

Kara se inclinou e pôs para fora sua perna direita. Ela a virou para fora para que pudesse ter uma clara visão da parte inferior. Ela sorriu. Ela com cor de oliva, suave e limpa. A marca havia desaparecido. Ela dançou no lugar, exibindo sua perna limpa. Ela fixou o olhar em David e sorriu. Mas ele não devolveu o sorriso. Ao invés disto, ele se concentrou em Rafael.

Rafael revirou uma pilha de roupas postas sobre longas prateleiras de madeira. Kara estudou seu rosto angelical, indagando-se se ela pensou se ela era uma espia ou não. Rafael não agiu como se pensasse que Kara era uma traidora. Rafael foi gentil com ela e não estava lhe dando um gelo como David.

— Rafael, há algum jeito de você sentir... Por acaso eu sou uma traidora? Estou dizendo a verdade quando eu digo que não sou uma espia?

O Arcanjo voltou o olhar para Kara. Seus olhos alternaram para David temporariamente, então de volta para Kara.

— Receio que não posso ajudá-la com isto. Sou uma curandeira. Não me envolvo com as políticas de Horizonte — Ela sorriu. — Não consigo ler a sua mente.

Kara suspirou.

— Oh. Bem... obrigada de qualquer modo — Ela fitava o chão.

Rafael empilhou algumas roupas e as entregou para Kara.

— Aqui estão suas novas roupas. Você pode se trocar nos fundos — sua voz era calma e maternal; só de estar perto de Rafael fazia com que ela se sentisse como se estivesse com sua própria mãe.

— Obrigada. Mal posso esperar para me livrar desta toalha.

Kara apanhou as roupas e foi se trocar numa pequena sala com uma porta redonda e sem teto. Luz vermelha a banhava desde acima e o odor de umidade enchia o ar. Ela vestiu a roupa íntima, uma camiseta, calças jeans e um blusão cinza com capuz e caminhou de volta para se juntar aos outros. Ela sorriu enquanto via David com o Arcanjo Rafael, praticando seus melhores atos: as piscadas, o famoso sorriso, a erguida de sobranceira. Kara teve um pouco de ciúmes.

— Estou de volta — anunciou Kara — mas preciso de sapatos — Ela mexia os dedos.

— Aqui... — David entregou um par de tênis de corrida para ela.

Rafael uniu as mãos à sua frente e pigarreou.

— O Arcanjo Gabriel está esperando por vocês de volta em Operações.  
Há muitos trabalhos para vocês dois.

Seus olhos se voltaram para David e não se moveram novamente.

— E, por favor, *tente* ser legal, David.

David contraiu os lábios.

— Serei, se ele for.

O Arcanjo suspirou alto e balançou seu lindo cabelo negro. Ela olhou para Kara.

— Por favor, tente pôr algum bom senso neste aqui? Ele não está ajudando a si próprio sendo insubordinado com o comandante da Legião.

— Ele é um imbecil — disse David.

— Mas ele também tem três vezes o seu tamanho — disse Kara. Ela enfiou nos pés seu novo tênis.

Rafael pôs as mãos nos quadris.

— Gabriel é um pouco intenso, às vezes, mas ele é o seu superior. Venha agora. Ele está esperando. Vou acompanhá-los de volta aos elevadores.

Seu longo vestido branco de linho balançava atrás dela.

— Oh, quase me esqueci — disse Rafael, virando-se. — Ele também me informou que vocês dois serão convocados para o Conselho dos Ministros.

David trotou para acompanhar o passo dela.

— O Conselho dos Ministros? Tem certeza?

— Sim — respondeu Rafael e continuou caminhando.

Kara correu para perto de David.

— Por que você parece tão descontrolado? — Ela estudou o rosto dele.  
— E brabo? O que está acontecendo, David? Você está me deixando nervosa! O que é este conselho?

David se virou para olhá-la.

— É onde todas as grandes decisões são feitas em Horizonte.

— E isto é ruim?

O rosto de David era lúgubre.

— É, quando você é *convocado*.

## Capítulo 12

### O Conselho dos Ministros

Depois que Kara e David deixaram a Divisão de Milagres, eles retornaram para Operações. Tinha que lhes restava era esperar até que o Conselho dos Ministros resolvesse convocá-los. Ao invés disto, Gabriel lhes entregou uma pilha de novos trabalhos, sem nunca mencionar o Marca do demônio. Era como se isto nunca houvesse ocorrido.

A primeira atribuição deles: Sr. John Yong, número 1240 da Peel Street, calçada, 1:24 da tarde. Sufocamento por causa de severa reação alérgica a chiclete de cereja. E enquanto David estava à procura por demônios sob a sombra de um prédio, Kara se esgueirou para trás do Sr. Yong enquanto ele engolia o chiclete e fez a manobra de Heimlich nele salvando-lhe a vida. O chiclete foi projetado como um míssil para fora da boca dele e pousou no cabelo de uma mulher. Chocado e confuso demais para falar, os olhos saltados do Sr. Yong eram provas o suficiente de que ele estava vivo e que o trabalho havia sido concluído.

Seguindo adiante, então eles lidaram com: Sra. Rose Roy, no nº 359 da Messier Street Ap. 34, 6:12 da tarde, que fritou o cérebro usando o forninho elétrico para secar seu novo permanente. Passando-se por estudantes vendendo o jornal local, Kara e David conseguiram se infiltrar na casa de repouso, subir ao terceiro andar e convencer a Sra. Roy a não usar o forninho para secar o cabelo.

Durante este tempo no trabalho, David deu um gelo em Kara. Ela se ateu a papo-furado e conversas relacionadas a trabalho. Um dia, ela o odiava, no outro estava caidinha por ele. Ela se odiava por ser tão *sensível*, tão tipicamente *fêmea*.

Às vezes, ela queria desistir e deixá-lo odiando-a e solicitar um novo Oficial. Mas Kara estava determinada a provar sua inocência a David e para o resto da Legião.

Kara e David saltaram para fora do elevador no Nível Dois quando

havam terminado suas missões de resgate. Gabriel os saudou com o cenho franzido.

— Pastas! — ele bradou. Apanhou as pastas de trabalho de David e esperou que o oráculo rolasse e as levasse embora. Kara observou o Arcanjo enquanto seus olhos negros fitavam David, depois ela e de volta para ele. A expressão em seus olhos era feroz, e isto a assustava.

— É hora — disse Gabriel, com seu rosto perfeito sem revelar emoção alguma.

— É hora do quê, Grande G? — David exibiu seus dentes brancos como pérolas.

Gabriel fitou Kara. Ela tremeu, enquanto sentia uma coceira dentro de si, movendo-se do topo da cabeça até os pés. Então sua testa ficou muito fria, como quando você toma sorvete bem rápido e até seu cérebro congela. Ela olhou para Gabriel. Ele não estava piscando, era como se estivesse em um transe. De algum modo, ela podia sentir uma parte dele dentro dela, vasculhando o seu âmago. E por um longo momento, ele não falou. Ele voltou a sua atenção de volta para David ao falar.

— O Arcanjo Uriel está pronto para vocês. O conselho os verá amanhã — E assim Gabriel se virou e deixou Kara e David para contemplarem seu destino.

— Por que ele estava me encarando daquele *jeito*? — ela estremeceu.  
— Me sinto violada. Era como se ele estivesse tentando ver através de mim — um pouco bizarro.

David ergueu o colarinho da jaqueta de couro.

— Não sei, mas é melhor irmos.

Kara procurou o rosto de David.

— Então o que é que o Conselho de Ministros vai fazer?

David se virou e começou a caminhar de volta para o elevador.

Kara correu para acompanhá-lo.

— Você sabe por que temos de ir?

— É um *conselho*. Vamos porque temos de ir — disse David, de volta à seu jogo usual de evitar Kara.

— Certo... mas por quê? Isto tem alguma coisa a ver com a Marca do demônio, não é?

David observava suas botas enquanto pisava para frente.

— Tenho certeza que é por causa da Marca. Você não é convocado pelo conselho para tomar chá.

— Eu sabia! Todos pensam que sou uma traidora! — Kara podia sentir que estava começando a tremer. — Estou começando a ter um *treco* aqui... o que eles vão fazer comigo?

— Não sei.

— É como um julgamento? Poderei me defender?

— Não sei.

— Ótimo. Me sinto muito melhor.

A subida até o Nível Seis, o Conselho dos Ministros, foi silenciosa. Kara dava olhadas furiosas para David. Ele parecia como se estivesse assustado também. Ele fitava o chão com os braços cruzados sobre o peito.

Um grande macaco marrom era o operador do elevador. Seus olhos alaranjados iam e voltavam de Kara para David. Ele ajustou sua gravata-borboleta púrpura ao redor do pescoço, resmungando consigo. Depois de um tempo, o macaco cutucou seu rabo e jogou coisas que ela não conseguia ver na boca. Ele conferiu as unhas, então coçou o traseiro.

— Você é nojento, sabia? — Kara fez uma careta.

O macaco levantou o queixo.

— Você só está dizendo isto porque não pode comer o que estou comendo.

— Não quero isto, é aí que está. É nojento.

O macaco estalou os lábios.

— Você não sabe o que está perdendo!

Quando Kara se virou e olhou para David, as sobrancelhas dele estavam enrugadas e ele estava fitando o chão novamente... *isto* não era ele. Ela sentia falta do velho David... o novo era detestável.

— O que acontece com os traidores na Legião? — ela perguntou.

David fitava o chão.

— Eles são expulsos, banidos para todo o sempre... para nunca voltarem. Eles são abandonados para servirem a seus mestres demônios.

Kara uniu as mãos trêmulas atrás das costas.

— Nível Seis! Conselho dos Ministros — disse o macaco no painel de

controle.

O elevador deu um solavanco. Kara olhava para frente quando as portas se abriram. Luz branca cegante inundou o elevador e ela teve de fechar os olhos. Gradualmente, ela se habituou à luz e conseguiu enxergar. Ela pisou para fora da porta e deu uma espiada. Ela olhou para baixo. Pequenas nuvens se espalhavam esporadicamente sobre um vasto plano de verdes e beges, divididos em retângulos. Curvas azul-escuras serpenteavam pela paisagem e para fora da vista. Cidades minúsculas estavam cercadas por casas do Banco Imobiliário que desapareciam no horizonte.

A parte inferior do elevador estava parada em uma suave nuvem branca, do tamanho de um carro pequeno. Eles estavam flutuando no ar. Kara começou a se sentir instável e agarrou-se na lateral para se apoiar. Ela se sentia *realmente* tonta. Ao longe, montanhas planavam no ar, flutuando por causa de algum tipo de magia.

— Você está bem? Você parece que está prestes a ficar nauseada — David disse, pondo a mão sobre o ombro dela. Ela estremeceu, completamente despreparada para o toque tão súbito dele. Ela formigou com o toque dele.

Kara aquiesceu, mantendo os olhos para frente no céu azulíssimo.

— Não se preocupe, não vamos *cair*. Só estamos esperando o carro celeste.

Kara franziu o cenho e se virou para olhar David, sem ter certeza se havia ouvido corretamente.

— O quê?

— O carro celeste — David apontou para o céu.

Kara seguiu o olhar dele. Uma coisa branca e pequena fluuava na direção deles. Ela manobrava com facilidade no ar aberto em grande velocidade. Kara conseguia ouvir o som suave de *tat tat ta* de um motor ficando mais e mais alto, até que finalmente o carro celeste parou na porta deles. Era uma nuvem com forma oval, do tamanho de um carro normal, com assentos estofados azuis em duas fileiras no meio. Um manche em forma de T ficava na frente. O carro soltava pufes de nuvens brancas da traseira, como uma arremessadora automática de bolas de tênis.

— Então, como é que esta coisa — que...? — Kara identificou o motorista.

— Carro do céu 2555, à *sua* disposição! — disse o motorista.

Um grande pássaro negro e branco estava empoleirado no manche. No topo de sua cabeça havia um chapéu vermelho com os números 2555 bordados com letras douradas.

O pássaro estufou o peito e abriu o bico.

— Entrem, entrem! Senhoras e senhores! — Ele falava perfeitamente. Ele ergueu a asa esquerda e a dobrou no cotovelo, batendo-a, fazendo um gesto para que eles embarcassem.

David pulou para dentro com facilidade com um alto *tum*. Ele se virou e estendeu a mão para Kara.

— Você não vai cair. Basta não olhar para baixo, se você estiver com medo.

— Não estou com medo! — Kara se esforçou para olhar somente para o carro celeste. — Só não estou acostumada a entrar em carros voadores, é isto. — Ela agarrou a armação da porta. — Não me lembro de ter visto isto na descrição do trabalho.

— Vamos, Senhorita — disse o pássaro. — Tenho outros compromissos...

— Está bem, está bem! — disse Kara. — E se seu cair... vou reaparecer no elevador, certo? — ela sussurrou para si. Ela pegou a mão de David e pulou para dentro do carro celeste. Ela estava aliviada por pisar em solo firme.

— Meu nome é Sam. — disse o pássaro. Ele pulou e girou no ar, pousando com suas costas voltadas para eles. Com seus pés segurando firmemente o manche, ele se virou de ponta-cabeça e esticou sua asa direita em saudação.

— Prazer em conhecê-los. — ele piscou várias vezes.

David apertou a asa.

— Eu sou David e esta é Kara. — ele disse para o pássaro de ponta-cabeça.

— Tudo bem então! Agora que nos conhecemos... — Sam bateu as asas, girou o corpo de volta para a posição correta no manche, ajeitou-se e disse formalmente.

— Tomem assento! Tomem assento!

Kara e David se sentaram juntos.

— Há cintos de segurança nesta coisa? Por quê?

David pôs o cinto.

— Confie em mim... aperte o cinto. — Ele ergueu as sobrancelas. Kara fechou o cinto e o apertou.

— Agora eu devo ficar com medo?

Sam batias as asas com empolgação. Ele ajustou o chapéu.

— Prontos?

Sam utilizou todo o seu peso para empurrar o acelerador.

— Segurem-se em seus *lugares!* — O motor começou a funcionar e o carro celeste disparou em direção às montanhas flutuantes.

— CARAAAAAAMBAAAA!!!

A cabeça de Kara ficou grudada no encosto, como se ela estivesse numa montanha-russa. O vento assoviava em seus ouvidos e ela apertou os olhos. O carro celeste voou através do céu. Logo, as montanhas ficaram mais em foco e Kara percebeu que ela estava equivocada. O que acreditava ser montanhas imensas eram, na verdade, partes de uma cidade gigante, flutuando em nuvens individuais.

Quando eles chegaram à cidade flutuante, Kara sentiu uma fria brisa de primavera. Carros celestes entravam e saíam de edifícios e desapareciam entre as nuvens, pegando e deixando anjos da guarda e oráculos. A cidade imensa resplandecia no sol como grandes peças de joia. O carro celeste balançava e planava sobre uma grande zona de pouso de concreto, então pousou e parou na plataforma.

— Você está bem? Está verde. — David sorriu e penteou o cabelo com os dedos.

— Ótima — resmungou Kara, enquanto cambaleava no lugar.

Sam, o pássaro, girou ao redor do manche.

— Não se esqueçam da gorjeta do motorista.

Ele bateu suas asas negras, voltou para a posição normal e segurou uma lata diante de si.

— Temos de deixar uma gorjeta? É sério?

— Ah sim... quase me esqueci. — David arrancou um botão de sua camisa. Ele o jogou na lata.

— Botões são gorjetas?

David ajeitou a frente da camisa.

— Qualquer coisa pode ser gorjeta... desde que você dê alguma coisa.  
Sam balançou a lata, alegremente.

— Até logo!

O carro celeste se levantou, planou por um tempo e sumiu.

— E eu pensando que os macacos que eram os doidões! — Kara observou o carro voador até que fosse apenas um pontinho cinza no vasto céu azul.

Ouviu-se um *clique* súbito e uma porta na extremidade oposta da plataforma se abriu. Um oráculo apareceu e manobrou seu gigantesco cristal até eles.

— Ah! Aqui estão vocês, enfim — Ele amarrotou a frente de seu traje com a empolgação.

— Rápido agora... vocês dois devem estar cientes que serão interrogados sobre a situação da Marca do demônio... o conselho está esperando... por aqui, por favor — O oráculo guiou o cristal e seguiu em direção à porta no final da plataforma.

David suspirou e seguiu o oráculo.

Kara trotava ao lado dele.

— Então... o que você acha que vai acontecer comigo? — perguntou Kara, estudando o rosto de David.

David olhou nos olhos de Kara ao caminhar.

— Eu... eu não tenho certeza. Mas sei que tem a ver com a Marca do demônio. Um espião na Legião... é coisa séria.

Kara sentiu a raiva crescer dentro de si.

— Mas eu não sou *uma* espiã! — ela sibilou por entre os dentes. — Não fiz nada de errado.

David se virou lentamente para o outro lado.

— Quem decidirá isto serão *eles*. Você terá de convencê-los, não a mim. Eu não sou o conselho.

— Certo. Eu me esqueci. Você me *odeia*.

David agarrou Kara pelo cotovelo e a puxou para que ficasse de frente para ele.

— Você me *traiu!* — ele rosnou, tentando ficar calmo.

— *Eu traí você?* — Kara estreitou os olhos. — Você não acredita em

mim quando estou dizendo a verdade! Você finge que eu não existo!

— A verdade é que você é *Marcada*! — disse David.

Kara fechou os punhos.

— Não é minha culpa! Eu não sabia que eu estava *Marcada*! Quando vezes terei de repetir?

— Você *brincou* com as minhas emoções — disse David, recobrando a compostura. — Você me usou — A voz dele era quase um sussurro.

— O quê...? — Surpresa, Kara apenas encarava David, sem acreditar no que havia acabado de ouvir vindo da boca dele.

— Ahã... estou *interrompendo* alguma coisa? Você estão em *controle* de seus sentimentos? — O oráculo batia o pé na esfera de vidro.

David se recompôs.

— Sim, oráculo.

O oráculo olhou para os dois por meio segundo. Então seu rosto se abriu num sorriso.

— Isto foi convincente o bastante? Eu costumava pensar... se eu houvesse nascido mortal... que eu seria um baita ator.

— Foi ótimo.

— Sim, você foi realmente convincente — disse Kara com um sorriso falso. Ela ainda estava chocada com as palavras de David.

— Bem, eu me vi fazendo este ato centenas de vezes — ó, Deus — O oráculo contorceu o rosto. — Não consigo me lembrar o que tinha de dizer agora... Me deu um branco. Estamos a caminho de qual exibição?

— Não, você está nos levando para o Alto Conselho — disse David.

Os olhos do oráculo se arregalaram.

— Certo, isto ainda não aconteceu. Tão confuso, tão confuso. Bem então, vamos prosseguir. O conselho não vai ficar esperando por vocês. — Ele jogou a barba por sobre o ombro, girou e saiu rolando, resmungando com ele mesmo.

David ficou em silêncio e Kara seguiu-o e ao oráculo através de um porta cinza de metal no final da plataforma. A mente dela estava amortecida e com corpo trêmulo com as palavras que ele havia acabado de dizer. Eles se moveram por um grande salão com carpetes coloridos e retratos de oráculos, AGs, e Arcanjos com visuais importantes pendurados alto nas paredes. Olhos

assombrados os fitavam. Eles passaram por muitas portas com sinais dourados pregados sobre eles, gravados com letras negras. Kara parou para ler: Oficial do Conselho nº 78-ORC. Ela espiou pela porta aberta e avistou um oráculo sentado em sua bola de cristal diante de uma longa mesa de madeira, revirando alguns papéis. Eles prosseguiram até o final do corredor, onde encontraram uma enorme porta-dupla de cobre.

— Bem então, estamos aqui — disse o oráculo, abrindo as portas. — O Ministro os verá agora — Ele desapareceu atrás deles, deixando Kara e David parados ali sozinhos.

Kara suspirou.

Quatorze olhos a fitavam. Ela piscou. Um grupo de sete Arcanjos com aspecto determinado estava sentado em uma plataforma na extremidade oposta de uma grande câmara redonda. A sala tinha um domo redondo de vidro e Kara podia ver o céu azul e centelhas dos outros altos edifícios flutuando ao redor deles. Raios de luz atravessam o vidro. Os Arcanjos estavam sentados ao redor de uma mesa em meio-círculo, que brilhava na luz como um grande diamante negro.

Kara cambaleava atrás de David, enquanto caminhavam através do magistral arco da porta. A suas costas se arrepiaram, enquanto sentia que toda a sala havia se paralisado ao redor dela. Apenas o som de seus passos ecoando.

Fileiras de bancos de madeira estavam organizadas ao redor da câmara, como assentos em um estádio, mas desta vez estavam todos vazios. Ela começou a se sentir extremamente ansiosa. Um grande banco estava posicionado a uns três metros da plataforma, antecipando a chegada deles. David caminhou casualmente para o banco e encarou o grupo, dizendo para Kara fazer o mesmo. Ela ajeitou o cabelo atrás das orelhas e esperou. Ao olhar para cima, sete pares de olhos ainda observavam cada movimento dela. Kara mordeu o lábio, sentindo-se pequena e insignificante. *Estou ferrada.* Ela não se lembrava de ter se sentido tão nervosa antes, mesmo quando expôs suas primeiras pinturas. Ela desejou poder vomitar.

O maior dos Arcanjos homens, que estava sentado no meio, levantou-se e disse.

— Bem-vindos, anjos da guarda, ao Conselho dos Ministros. Sou Uriel, o Ministro da Ministração da Paz.

A voz de Uriel era suave e quase musical, nada como a voz trovejante de Ramiel e de Gabriel. Seu cabelo ondulado marrom-escuro refletia a luz. Havia algo tranquilizante na presença dele. Kara se sentiu um pouco mais relaxada. Ele também tinha calma nos olhos. Um longo traje dourado balançava e fazia um ruído quando ele erguia os braços.

— Vamos começar — ele anunciou. — Por favor, sentem-se — Ele estendeu o braço, fazendo um gesto para que Kara e David se sentassem.

Kara se jogou na cadeira com um *tum* que ecoou. O som percorreu o espesso muro de silêncio como uma faca. Os pelos da nuca dela se eriçaram. Ela sentia a energia do foco do conselho sobre ela. Kara hesitou.

— Ahã... membros — disse Uriel — aqui há dois assuntos a serem discutidos sobre o anjo da guarda, Kara Nightingale, da ordem de classe nº 4321. Primeiro, vamos começar com o assunto delicado da Marca do demônio.

Kara ergueu os olhos e observou o orador. Uriel se sentou e uniu as mãos diante de si. Por um instante, ele analisou o conselho, com o rosto maculado com descontentamento.

Um Arcanjo com a cabeça raspada e vestido com um longo traje cinza empurrou a cadeira para trás e se levantou, com as mãos juntas diante dele.

— Deixe-me ser o primeiro a objetar por termos trazido-a para o conselho. Ela é um demônio espião! Ela usa a *Marca* deles! Ela deveria ser expulsa para unir-se à sua imundície! — Ele voltou a atenção para Kara e a encarou com olhos profundos.

Kara mordeu o lábio.

— Isto não é bom — ela sussurrou.

Uma mulher se levantou. Seu cabelo cacheado ruivo descia por toda as suas costas. Seus trajes eram verdes e sua pele tinha um brilho leitoso.

— Compreendemos a sua preocupação, Zadkiel. Mas sob estas novas circunstâncias, acho que é a nossa obrigação como anciãos deste conselho procurar a verdade e acreditar em nossos guardiões. Segundo o que Gabriel nos contou, ela não tinha conhecimento prévio da Marca. Não há evidência que a implica em nenhuma atividade demoníaca. Os demônios poderiam tê-la marcado sem o conhecimento dela. Sem provas, devo acreditar que ela seja inocente.

Ouviu-se alguns resmungos de consenso entre os membros do conselho.

Zadkiel comprimiu os lábios.

— Camael, não seja enganada. Os Marcados são os melhores em se esconder... eles são verdadeiros camaleões. Ela é um perigo para todos nós. Tê-la aqui só trará morte para o nosso mundo! Não consegue ver isto? A alma dela é maligna!

Estes últimas palavras reverberaram na mente de Kara. Ela se sentiu afundando no banco.

Camael ergueu a mão de uma maneira pacificadora.

— Não há porque grita. Compreendo os perigos envolvidos se estivermos errados. Mas acredito que ela seja inocente. Não há evidência que indique que ela esteja nos enganando.

A ansiedade de Kara cresceu a um nível incontrolável; sua cabeça estava girando. Ela balançava para frente e para trás na cadeira, mexendo nos dedos.

— Isto é contra todas as leis do Alto Conselho. Nunca antes permitimos que um anjo Marcado permanecesse em Horizonte. Não pode ser! Eu proíbo isto! — gritou Zadkiel. Seus lábios tremiam, enquanto seu cenho franzido mascarava o seu semblante.

Outro membro do Conselho se levantou. Sua pele negra contrastava com o seu traje vermelho sangue. Seu rosto estava contorcido com desprezo.

— Concordo com Zadkiel. Deixar este anjo entre nós só resultará em nossa *ruína*. Não devemos permitir que ela fique!

— Ela será morta se a expulsarmos. Devemos permitir que ela fique! — protestou Camiel.

Kara ouviu alguns membros suspirarem.

— Membros — disse Zadkiel. O tom dele mudou para uma apaziguadora melodia de palavras.

— Como podemos confiar neste anjo? Não sabemos nada sobre ela. Quem aqui pode afirmar que ela não é uma espiã? Ela pode não parecer má, mas não deixe que seus olhos os enganem... o mal tem muitos rostos.

— Gostaria de ouvir o que o Oficial David McGowan tem a dizer sobre isto — a voz de Uriel silenciou todos na sala. Kara sentiu o poder dele. Os olhos dele se fixaram em David. — Ele tem estado com ela desde que chegou em Horizonte, há pouco tempo. Ele a observou. Tenho certeza que ele nos dará uma

melhor compreensão do temperamento dela. David?

Com os olhos arregalados, Kara deu uma olhada para David. A expressão dele era indecifrável.

David se levantou.

— Hum... ela parece ser uma garota de dezesseis anos normal — um pouco mais solitária, às vezes — mas não vi nada suspeito... ou contra os nossos caminhos. Não sinto qualquer mal no coração dela.

Kara franziu o cenho. Ele a havia chamado de solitária? Ela procurou o rosto de David.

— Como você pode ter certeza? Você não tem como saber o que há no coração dela! Não! Não podemos permitir isto! — Zadkiel bateu com o punho na mesa.

— Este anjo é inocente! — disse Camael. — Não há provas para apoiar a sua acusação!

— Ela é uma *traidora*! Você já se esqueceu que ela foi Marcada?! — gritou Zadkiel.

— BASTA! — disse Uriel. A sua voz trovejou pelo grande domo. — Vamos votar sobre o assunto agora. Todos a favor de banir Kara Nightingale de Horizonte, ergam a mão direita.

Pânico atravessou o seu corpo lentamente. Kara contou as mãos. Três.

— Todos a favor de mantê-la em Horizonte, para que ela continue a se sobressair como uma proeminente AG? — continuou Uriel, e ele ergueu a mão. Ele ergueu os cantos do lábio e mostrou os dentes a ela.

Kara esperou pacientemente, vendo as mãos se levantarem. Quatro.

— O conselho se pronunciou... Kara Nightingale permanecerá em Horizonte. Sem evidência conclusiva, não encontramos culpa nas ações dela, nem em seu Oficial.

Uriel olhou para Kara, analisando-a com seus profundos olhos. Ela sentiu como se ele estivesse tentando ver através dela. Uriel ergueu a sobrancelha.

— E agora, o conselho encerrou o assunto... vamos prosseguir para o próximo.

Kara havia acabado de se acalmar novamente quando percebeu que ainda não tinha terminado. Os Arcanjos que estavam de pé se sentaram. Ela

olhou para David por auxílio. Mas ele não estava olhando para ela. Ele fitava o chão.

Outra mulher Arcanjo do conselho se levantou. Seu longo cabelo louro cobria a parte da frente de seu traje. Ela estava olhando para Kara.

— O conselho foi informado sobre um grave assunto. Uma criança elemental, nascida de pais mortais e anjos, desapareceu. Os elementais são criaturas muito poderosas. Eles possuem poder de grande magnitude. A mistura de mortais com anjos é proibida, mas infelizmente ocorreu e temos de lidar com as consequências. E para tornar este assunto ainda pior, agora descobrimos que a criança foi sequestrada. Esta criança é muito especial, tanto para nós quanto para o governante dos demônios, Asmodeus — pois o poder que ela pode dar aos demônios é inimaginável. Asmodeus e seu reino de demônios podem perpetuar sua presença no mundo dos mortais. Ele quer criar destruição e tomar posse da Terra. Acreditamos que esta criança esta sendo mantida cativa por algumas tropas demoníacas, escondidas no mundo mortal. Quando chegar a hora, Asmodeus vai matar esta criança e usar seu poder para governar o mundo mortal.

Houve poucos comentários entre o conselho.

A cabeça de Kara estava girando. Uma criança elemental? Esta era a mesma criança que Benson havia mencionado? Imagens distorcidas de demônios torturando uma criança surgiram diante de seus olhos, enquanto um tênue eco de um choro de bebê lhe deu calafrios. Um sentimento de horror surgiu dentro dela. Ela olhou para os membros do conselho. Seus olhos pousaram em Uriel; o rosto dele era enigmático. Entre todos aqueles homens e mulheres sábios, ela se sentia insignificante, como se seu corpo houvesse se derretido no banco.

O Arcanjo Uriel deu uma olhada para a oradora e fez um gesto para que ela se sentasse.

— Obrigado, Jofiel — ele disse, pondo suas mãos abertas diante de si. — E agora, desta vez, você foi convocada pelo conselho, Kara Nightingale, para receber uma *missão de vida*.

Diante destas palavras, ela ouviu David suspirar. Ela se virou para ver os olhos deles saltando da cara. Ele fez com a boca, *O quê!*

Ela ouviu outro suspiro atrás dela, então um *tum*. Quando ela se virou, ela pôde ver que o oráculo tinha caído de seu orbe. Ela escalou de volta o cristal e

abriu os braços ao redor dele.

Kara balançou a cabeça.

— David! — ela sussurrou — O que é uma *missão de vida*?

David falou com o canto da boca.

— É uma atribuição especial. Se você for bem-sucedida, você recebe a sua vida de volta... a sua vida mortal antes de você ter morrido!

Kara só conseguia piscar.

— É muito raro — ele continuou sussurrando.

O queixo de Kara caiu, enquanto ela deixou as palavras de David mergulharem em seu cérebro. *Sua vida mortal de volta... eles estão falando a sério...?*

— Kara Nightingale — disse Uriel baixinho. — A sua jornada de vida é recuperar a criança elemental. Nós a conclamamos para cumprir com os seus deveres como um anjo da guarda e para completar a missão de vida que agora lhe foi designada.

Seus olhos negros cintilavam e ele aguardou que os olhos de Kara se encontrassem com os dele.

— Você aceita esta missão?

Kara perdeu a voz. Ela observou o conselho, com os olhos arregalados, com os lábios selados. Ela olhou para Uriel. O rosto dele estava perdido na sombra. Visões de sua vida pretérita desabaram sobre ela, quase a desequilibrando do banco.

— Eu... Eu vou poder ter a minha vida de volta? Isto é verdade? — a voz dela saiu desafinada.

— É bastante real — respondeu Uriel. Uma ponta de sorriso surgiu nos lábios dele.

— E eu vou poder ver a minha mãe de novo? — Ela torcia por uma oportunidade para consertar os erros do passado.

— Sim. Você terá toda sua vida diante de si.

Por mais maluco que parecesse, ela já tinha tomado a decisão. Ela não conseguia pronunciar as palavras. Ela se esforçou para abrir a boca e gaguejou.

— S... sim? Sim. Vou fazer isto.

Uriel concordou, aparentemente satisfeito com a decisão dela.

— Bom. E, para sua informação, a busca de vida também foi designada

a outros cinco anjos da guarda. Isto será um *desafio* difícil, e você precisará do maior número possível de anjos escolhidos. Cada guardião foi escolhido por suas habilidades específicas. Elementais são muito raros — e muito perigosos — ele continuou. — Eles não nascem maus, mas seus poderes o inclinam para as trevas, a não ser que possamos evitar isto. Mas devo adverti-la: elementais só podem ser tocados por mortais. Se um anjo ou um demônio tocar um elemental, ele morrerá. Você receberá um par de luvas para vestir. Com estas luvas, o toque do elemental não a machucará.

Todos os olhos estavam em Kara. Ela odiava ser o centro das atenções. Ela se sentia como uma esquisitona. Ela lançou um rápido olhar na direção de David, mas seu olhar não se encontrou com o dele. Ela não sabia o que aconteceriam em seguida. Ela sentiu o seu corpo tremer como se um choque elétrico a queimasse da ponta dos dedos até o topo da cabeça.

Uriel pigarreou.

— Como o ministro eleito deste conselho, eu encerro esta sessão. Aguardaremos o seu progresso nesta busca, Kara Nightingale. Você se reportará ao Arcanjo Gabriel para a sua instrução com os outros. É tudo.

Kara observou David se levantando. Ela ouviu o eco do orbe do oráculo rolando na frente deles.

— Bem, isto não foi tão ruim. Por aqui, por favor — disse o oráculo com seus pequenos braços abertos — não há porque ficarmos aqui... a sessão terminou.

Ele apontou para a porta.

— Vamos embora, anjos. Há trabalho a ser feito! — O oráculo rolou para fora.

Kara se levantou da cadeira e seguiu David. Antes de deixar a sala, Kara se virou e olhou para o conselho uma última vez. Uriel revirava alguns papéis, mas não olhou para cima.

Silenciosos como num cemitério, os três caminhavam e rolavam pelo corredor para a zona de pouso. Kara deu uma espiada em David. Ela podia ver que ele estava preocupado em seus pensamentos. E ela também estava refletindo. Atordoada com o que havia acabado de acontecer, a mente de Kara só tinha um pensamento... estar com sua mãe novamente.

## Capítulo 13

### Busca de Vida

Na volta a Operações, viajando com o carro celeste e depois com o elevador, Kara reviveu os eventos do conselho em sua mente. Se ela fosse bem-sucedida em sua nova missão, ela estaria em breve com a mãe dela. Era a sua única chance para fazer as coisas bem. Fracassar não era uma opção.

Mas alguns dos eventos com o Alto Conselho haviam deixado-a com a sensação de incompleta felicidade perfeita. Claramente, alguns dos membros não acreditavam nela e a queriam *morta*, o que queria dizer que uma grande parte da Legião estava também em dúvida. Mas Kara estava ainda mais determinada a provar sua inocência. Ela não era uma mentirosa, ou uma traidora. Sua nova missão, esta busca de vida, era a perfeita oportunidade para provar a todos eles... incluindo David.

Kara pensou em todas as possibilidades que ter de volta sua vida poderia lhe oferecer: ela estaria com a sua mãe novamente. Ela tinha uma oportunidade na carreira como um artista e ela até poderia ter um pequeno romance? Ela deu uma olhada para David e se sentiu seu corpo amolecer. Ela foi acusada de brincar com as emoções dele — de usá-lo — isto queria dizer que ele se importava com ela? Agora ele estava lhe dando gelo de novo. E algo estava diferente no modo que ele olhava para ela. Ela pensou ter visto um vislumbre de medo nos olhos dele algumas vezes. Mas por quê? Do que ele tinha medo?

Eles caminharam pela areia rubi no caminho para a grande tenda. Gabriel planava sobre uma mesa e examinava alguns documentos. Cinco outros anjos da guarda estavam ao redor e conversavam entre si. Nenhum deles se virou para saudar Kara e David. Todos a ignoraram. Alguns sorriram para David, mas a maioria deles evitaram contato visual com Kara.

Ela sentiu uma pontada no peito.

— Toda a Legião sabe sobre a Marca? — ela perguntou a David.

— Os boatos correm depressa. Tenho certeza que todos sabiam disto

antes que fôssemos chamados para o encontro do conselho.

— Ótimo — ela suspirou. — Todos eles estão me tratando como se eu fosse culpada. Mas não sou!

— Não desperdice seu tempo com eles... você precisa estar concentrada para a sua nova missão.

Ela observou a pequena reunião de anjos.

— Ei? Eu sou a única novata aqui... todos são Oficiais aqui? Isto é normal?

— Não sei.

— Veja... Benson está aqui.

David franziu o cenho.

— Bem, bem... o meu idiota favorito. Quais eram as probabilidades de ele aparecer? — Benson olhou para David com desprezo. Ele estufou o peito e ajeitou os ombros.

Kara mordeu o lábio e seguiu David em direção ao grupo. Gabriel ergueu a cabeça, enquanto eles se aproximavam e seu olhar se cruzou com o dela. Ela desviou o olhar rapidamente e parou perto de David.

— Kara Nightingale — disse o Arcaño — obrigado por unir-se a nós.

Ele moveu a grande mão sobre o grupo. Sua atenção se voltou, então, para David. — Você não precisa ficar com Kara, David. Cuidaremos bem dela.

David chutou um pouco de areia vermelha e olhou para cima.

— Estou aqui para dar apoio *moral*, Gaby — ele sorriu. Ele encontrou o olhar de Benson e mandou um beijo para ele.

Um tempo depois, Benson escapou do grupo e se aproximou de David para que apenas ele e Kara pudessem ouvir o que ele tinha para dizer.

— Não sabia que você gostava de suas mulheres *sujas*, David? —

Benson abriu um sorriso.

Kara viu a mandíbula de David se enrijecer.

— Você tem cinco segundos para dar no pé.

— Nunca tinha imaginado você *brincando* com o inimigo — disse

Benson, erguendo uma sobrancelha e encarando Kara, antes de olhar de volta para David. — Eu não achava que fosse o seu *estilo*.

Um sorriso gélido surgiu nos lábios de David.

— O meu *estilo* é meu pé na sua bunda se você não sair daqui.

Kara sentiu uma onda de raiva brotando dentro dela.

— Pare! Por que você está fazendo isto? Eu não fiz nada para você...

— Eu não falo com traidoras... E os mato — Benson bateu o punho na mão e o seu rosto de contorceu em uma expressão quase animalésca. Ele olhou para David.

— Eu me cuidaria, se fosse você.

Fúria surgiu nos olhos de David.

— Obrigado pelo conselho, seu *imbecil*, por que você não cai fora agora... Ouvi a sua mãe chamando.

— Ela vai fazer com que você seja morto, sabia? — E, com isto, Benson retornou para o grupo.

Era pior do que Kara esperava. Se Benson a atacou abertamente, quem mais? David parecia estar com um humor muito pior do que quando eles deixaram o conselho. A expressão dele era lívida ao olhar para o chão.

— Você... você nunca vai acreditar em mim, não é? — A voz de Kara começou a esganiçar. — Você ainda pensa que sou uma traidora... não é?

— Não sei mais o que pensar — disse David com suavidade.

Mais assustador do que a perigosa busca de vida era perder a amizade de David. Kara o sentia se afastando dela. Ela se obrigou a desviar o olhar de David. Gabriel estava prestes a começar sua instrução.

Gabriel se endireitou, com o cenho franzido enquanto enrugava os lábios. Ele pôs suas duas mãos na mesa encarando os anjos e se dirigindo a eles.

— Ouçam, anjos da guarda! Você estão reunidos aqui porque foram todos escolhidos para realizar uma busca de vida. Não se enganem. Esta não é uma atribuição *ordinária* — e alguns de vocês podem não retornar..

Nesta hora houve um súbito silêncio coletivo. Kara olhou ao redor para a expressão de surpresa dos cinco anjos da guarda disseminada por seus rostos enquanto eles observavam Gabriel.

— Nós obtivemos informações sobre o paradeiro da criança elemental — continuou Gabriel, seus olhos negros fulminando de cara a cara. — Nossos Batedores nos informaram que a criança está nas mãos de alguns demônios superiores e que está cativa em um dos muitos abrigos dos demônios. Eles mudam a criança de casa para casa... e eles usam artifícios para que não tenhamos certeza em qual abrigo a criança pode estar — Gabriel fez uma pausa,

concentrando-se.

— Você serão dispostos em duplas e designados a três diferentes locais — continuou Gabriel após um breve momento. — Todos você serão equipados com armas e ferramentas necessárias para sobreviver. Sabemos que esta será provavelmente a atribuição mais difícil de suas carreiras de AG, mas lembrem-se, você foram escolhidos entre milhares porque *sabemos* que vocês podem ser bem-sucedidos. Vocês têm o que é necessário.

Da última vez que conferiu, Kara não tinha nenhuma habilidade especial. Ela podia pintar um demônio até a morte? Afogá-lo em guache?

— Tenham em mente que vocês são responsáveis por seus parceiros. Não vamos tornar isto mais difícil do que já é. Boa sorte — Gabriel deu um passo para trás e segurou as mãos à sua frente.

Um oráculo manobrou sua grande bola de cristal para a frente da mesa carregando um papel dobrado. Ele abriu o papel e pigarreou.

— Os grupos são os seguintes — ele chamou, segundo o papel à sua frente.

— Benson Henderson e Ravi Aruna! — Kara observou enquanto Benson caminhou para perto de um indiano na casa dos trinta anos.

— Lindsey Steel e Carlos Lopez! — Lindsey era uma morena roliça, com uns quarenta anos, que tinha por volta de um metro e oitenta. Para Kara, ela parecia mais uma amazona do que um anjo da guarda. Ela virou a cabeça enquanto Carlos caminhou para Lindsey, com sua armação de um metro e sessenta e cinco parecendo frágil ao lado dela.

Kara piscou ao olhar ao redor, percebendo que só havia um anjo da guarda remanescente para formar par com ela: uma mulher de vinte e poucos anos, que provavelmente devia estar arrependida da busca de vida agora.

As sobrancelhas do oráculo se ergueram em sua frente ao continuar.

— E, para o nosso último grupo, Brooke Miller e Kara Nightingale!

Kara mordeu o lábio e lançou um olhar para David, que lhe devolveu sua reconfortante balançada de cabeça. Inquieta no lugar, ela se moveu para a sua nova parceira que estava caminhando em sua direção. Kara viu um reflexo de desapontamento nos olhos de Brooke, por apenas um segundo, mas por tempo o suficiente para Kara perceber. Então o rosto de Brooke se abriu em um amplo sorriso e ela estendeu a mão.

— Oi! Sou Brooke — ela disse. Seu rabo-de-cavalo loiro balançava atrás dela.

— Kara — as duas garotas se cumprimentaram e se voltaram para o oráculo.

Kara piscou ao ver Gabriel dando um passo adiante.

— Mais uma coisa — declarou Gabriel. — Como vocês sabem, se forem bem-sucedidos nesta busca de vida, vocês receberão a sua vida mortal de volta como ela era. Mas se vocês decidirem ficar em Horizonte, a Legião os promoverão a Primeiro Oficial. Então vocês terão uma escolha — Ele deu um passo para trás, com as mãos unidas atrás das costas, e ergueu o queixo.

O oráculo se inquietou no lugar e pigarreou novamente.

— Anjos da guarda... cada grupo terá *precisamente* duas horas para completar suas missões. Se vocês ficarem por mais tempo que isto — prestem atenção agora — seus trajes M *expirarão*... me ouviram bem? Bom — Seus olhos azuis cintilavam com desconcerto.

Por um instante, ele estudou os três grupos, então agarrou três pastas separadas que estavam empilhadas uma sobre o outro na mesa. Ele abriu o primeiro arquivo e olhou rapidamente dentro antes de fechá-lo.

— Grupo 1 — Benson Henderson e Ravi Aruna. Aqui está a sua atribuição — disse o oráculo, enquanto esticava o seu pequeno braço e balançava a pasta fechada em sua direção. Ravi caminhou até o oráculo e pegou a pasta dele, abriu-a, e a leu enquanto retornava para seu lugar. Assim que Ravi terminou de lê-la, ele a entregou para Benson. Kara observava os olhos de Benson se arregalarem enquanto continuava lendo.

— Grupo 2 — Lindsey Steel and Carlos Lopez! — ele chamou. Lindsey se afastou de Carlos e pegou a pasta com o oráculo. Ela abriu a pasta apenas quando ela estava de volta ao lado de Carlos. Seus cabeças quase se tocavam enquanto absorviam a informação na pasta.

*Um grupo restante*, pensou Kara. Seus olhos se voltaram para David. Ele ficou com os braços cruzados, franzindo o cenho para o oráculo.

— Por fim, Grupo 3! — o oráculo chamou, enquanto abria a pasta remanescente. Ele deu uma rápida olhada dentro antes de fechá-la novamente.

— Brooke Miller e Kara Nightingale... aqui está sua atribuição.

Kara não se moveu. Brooke fez um movimento de cabeça para Kara,

então saltitou até o oráculo. Ela agarrou a pasta e voltou pulando, com seus grandes olhos azuis cintilando, enquanto ela se postou ao lado de Kara. Ela e Kara a abriram e leram:

*Grupo 3: Busca de Vida*

*Anjos da Guarda: Brooke Miller, Kara Nightingale*

*Patente: Oficial W-2, Novata 1º ano, W-1 Esquadrão da Guarda*

*Atribuição: Resgatar criança elemental de abrigo demoníaco #3;  
1228 Pine Avenue West. 9:00 da noite.*

Kara tirou uma planta da casa.

— Por favor, reporte-se de volta aqui em duas horas — o oráculo disse aos grupos. — Você serão interrogados e enviados novamente se a criança ainda estiver desaparecida. Rápido agora... reportar à tenda de armas para o equipamento agora mesmo!

O homem velho uniu as mãos.

— Vão agora! Vão agora!

Kara observou os outros grupos de separando e marchando em direção à tenda de armas. David correu para ela.

— Então... você sabe o que fazer? — ele disse, enquanto enfiou as mãos nos bolsos dianteiros da calça jeans, evitando contato visual. — Você acha que consegue lidar com isto?

— Acho que eu me viro — Kara observava David enquanto ele dava uma olhada na pasta em suas mãos. — Hã... você quer dar uma olhada?

— Isto não será necessário — Gabriel se dirigiu até eles. — Esta não é sua atribuição, David. E o local não é da sua conta.

David se virou para encarar Gabriel.

— É da minha conta enquanto *eu* for o Oficial dela, Gabe!

— Você não está nesta atribuição — Gabriel se elevou sobre David, com seus olhos negros ameaçando enquanto ele retesava a mandíbula.

— Hã... está tudo bem — Kara ergueu as mãos protestando. — Eu não me importo que David dê uma olhada... sério, está tudo bem.

David retirou as mãos dos bolsos e os fechou em punhos.

— Você sabe tão bem quanto eu que esta é uma missão *impossível!* —

ele gritou com Gabriel, com seu rosto crispado de descontentamento.

— *Você* nem deveria estar aqui, David.

— VOCÊ OS ESTÁ ENVIANDO PARA A MORTE! — disse David, com raiva.

Kara pensou ser estranho que ele estava apontando somente para ela quando *os* mencionou. Ela podia ver que David estava realmente preocupado.

— O quê? — perguntou Kara, intrigada. — O que você está dizendo, David? A Legião não nos enviaria em uma missão suicida, não é?

Gabriel esticou uma mão enorme e agarrou David pelo braço com tamanha força que o ergueu do chão, como se fosse um soldadinho de brinquedo.

— Já estou saturado de você por hoje! Será um prazer escoltá-lo para fora pessoalmente.

Kara recuou quando Gabriel começou a emanar um brilho dourado. O ar ao redor deles se tornou mais espesso e a luz mais tênue.

David chacoalhou as pernas e lançou um olhar perigoso para Gabriel.

— Vá em frente, *Sua Santidade*... Gostaria de ver você tentar.

— Chega! — gritou Kara, com os olhos arregalados, chocada que palavras tenham de fato escapado de sua boca. — Hã, desculpa... Sr. Arcanjo, senhor, hã, Sua Majestade — ela gaguejou. — Hum... Eu gostaria que o David me ajudasse a escolher as minhas armas... por favor? — Kara contraiu os lábios, enrugou a testa e deu o melhor de si para fazer a cara de cachorro que caiu da mudança.

Gabriel estudou Kara por um instante, ainda segurando David acima do chão com um braço.

— Se você acha que *ele* pode ajudá-la... então vou deixá-lo ficar — Ele soltou David no chão e se inclinou sobre ele. — Abra a sua boca outra vez e eu arranco a sua língua.

David pôs a língua para fora na cara do Gabriel, quando ele olhou para o outro lado por um segundo.

Kara se aproximou e ergueu David.

— Muito maduro, sabia? Dá para pensar que você tem doze anos — Ela olhou para a tenda de armas e podia ver que Brooke já estava se equipando. — Vamos, preciso de algumas armas... E estou ficando sem tempo.

— Claro — David disse. Ele e Kara marcharam para a tenda de armas,

com Gabriel seguindo-os logo atrás.

Kara podia ver que os AGs do primeiro grupo já haviam terminado de se equiparem e estavam se encaminhando para as piscinas. Ela observou o Grupo 2 enfiando flechas azuis e adagas em suas bolsas. E no canto oposto da barraca, Brooke estava testando uma longa adaga de prata. Ela cortava o ar com ela. Ela olhou para cima e viu Kara e David se aproximando. Em seu rosto se abriu um sorriso.

— Ei, o que você acha desta aqui? — Brooke pulou no ar e atacou um inimigo invisível na frente dela. Ela pousou com um ligeiro *tum* e olhou para eles, com os olhos incendiados. — Acho que posso fatiar algum demônio das sombras com esta belezinha aqui!

Kara teve a forte sensação de que ela e Brooke se dariam bem.

— Incrível — disse Kara, com os cantos da boca erguidos. Brooke parecia fera com aquela adaga em sua mão, e ela se movia com grande habilidade. Como uma Oficial, ela tinha muitos anos a mais do que Kara em termos de treinamento de combate. Ela também era forte e atlética.

Com horas e horas de treinamento de combate, Kara se sentia bastante confiante que ela e Brooke podiam resgatar esta criança elemental. Quão difícil seria, de fato? Ela torcia para que elas tivessem o abrigo real, onde a criança estava presa. Seus instintos e seu forte desejo de reaver a sua vida de volta eram motivações fortes para resgatar a criança.

Kara sorriu, enquanto pegou uma longa espada curvada de prata do estande de armas. Ela a trouxe para perto do rosto e que viu as estrelas gravadas ao longo da lâmina formavam setes pequenos círculos. Ela girou o punho e viu a lâmina reluzir. Era leve como uma pena e fria ao tocar a pele.

— É uma lâmina da alma. Geralmente os novatos não são autorizados a usá-las — poderosa demais — mas acho que no *seu* caso, eles abrirão uma exceção — David olhou para Gabriel e ergueu a voz para garantir que ele o ouvisse.

Gabriel, que parecia muito interessado em um globo branco sobre uma das muitas mesas entulhadas, não olhou para cima.

— Você vai precisar de alguns destes também — David puxou a mochila de Kara e começou a enchê-la com orbes vermelhos e brancos. Ele segurou um dos orbes vermelhos. — Os vermelhos são chamados de pedras do

fogo — quebre uma perto de um demônio da sombra e ele implodirá, engolindo o demônio consigo — Ele arqueou as sobrancelhas e esperou que Kara respondesse.

— Certo — ela disse.

Ele pôs o orbe vermelho na mochila, então segurou um orbe branco.

— Os brancos são pedras da lua — eles emitem raios de luz que ferem qualquer demônio, até demônios superiores. Assim... — David ergueu alto o braço no ar com o orbe na mão. — Você não precisa estar muito perto; já usei a quase cinco metros de distância e funcionou.

— Também peguei um bocado também! — Brooke apareceu, com seu rabo de cavalo balançando atrás dela. — E... um destes! — Ela retirou uma rede branca, do tamanho de um grande sobretudo. Ela olhou para Kara e David, com seus olhos azuis brilhando — Correntes da sombra. Usei uma destas antes e são *maravilhosas!* Prendemos um demônio das sombras com ela e ele não podia se transformar mais em sombra... e nós o matamos!

Ela abriu um sorriso para David, estendendo a mão.

— Ei, sou Brooke.

David deu um passo adiante e apertou a mão de Brooke.

— David — ele disse, dando a sua piscada famosa. — David McGowan.

Kara ficou com ciúmes da atenção que ele dava para Brooke. Ele costumava bombardeá-la com suas piscadas, mas ele não havia dado uma única piscada para ela desde que viu a marca em sua perna. Ela estava se sentindo desligada dele como nunca antes, como se houvesse perdido um amigo. Ela olhou para o rosto e lábios belos dele. A memória do beijo apareceu diante dela. Ela balançou a cabeça, tentando afastá-la, mas outras imagens inundaram... imagens de seus fortes braços envolvendo seu corpo, dele segurando-a perto de si. Era demais. Ela olhou para o outro lado.

— Você é o David? — Brooke ergueu as sobrancelhas. — Não brinca! — Ela deixou cair as correntes das sombras e apertou as mãos em sua cabeça que balançava. — Não posso acreditar que seja realmente *você!* — Ela estudou o rosto dele. — Sou uma *grande fã!*

David ergueu o colarinho da jaqueta de couro e enfiou as mãos nos bolsos.

— Sim... sou eu. — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Certo, garanhão... nós... — disse Kara, apontando para si mesma e para Brooke — temos de ir salvar a criança! Busca de vida, lembra? As escolhidas?

— Eu sei, eu sei.

David ajudou Kara a terminar de empacotar sua mala com alguns saleiros extras e uma lâmina da alma extra, do tamanho de uma adaga. Ela a escondeu em sua calça jeans, presa ao redor da panturrilha.

— Kara Nightingale! Brooke Miller! — Um oráculo rolou na direção delas. Um tecido branco brilhava em suas mãos. — Suas Centelhas... aqui — Ele estendeu seus pequenos braços e entregou a elas suas luvas. — Apressem-se agora! Vocês não têm muito tempo de sobra. Vão! Vão! — Ele balançou os braços impacientemente.

Kara observou suas Centelhas. Brilhando como diamantes, elas quase não pesavam nada.

— Pronta? — disse Brooke.

Kara enfiou as luvas em sua mochila, fechou o zíper e a pôs nos ombros.

— Pronta.

Ela seguiu Brooke e David e os três caminharam para as piscinas. Eles passaram por tendas com grupos de anjos da guarda praticando seus treinamentos de combate. Ela podia ouvir o clamor de metal contra metal.

Eles se aproximaram da primeira fileira de piscinas. O ar estava espesso com sal e altos *splashes* e *plops* os circundavam. Kara olhou para cima e viu o Grupo 2, Lindsey Steel e Carlos Lopez, parados perto da borda de uma piscina. Seus lábios se moveram em uníssono... então eles pularam. Com um *ualop*, eles caíram na água no exato mesmo instante. Um segundo depois, uma luz brilhante foi projetada pela água e eles desapareceram.

Kara mordeu o lábio e seguiu Brooke até a escada de metal, David estava atrás dela. Brooke escalou os degraus com facilidade e esperou por ela na plataforma.

David segurou o braço de Kara.

— Ei — David virou Kara para encará-la. — Lembra-se do que eu ensinei para você no treinamento de combate... como bloquear, como esquivar e como atacar?

Ela concordou.

— Sim.

— Tem muito que ainda não estudamos... você é apenas uma novata —  
O rosto de David se franziu. — Você não devia estar fazendo isto!

— Eu *quero* fazer isto, David. Estou feliz por ter sido escolhida. Esta é a minha oportunidade para voltar para casa... para concluir a minha vida... para ter a minha vida de volta. Há tantas coisas que ainda quero... vivenciar. Você não entende como isto é importante para mim? — Ela procurou por seus olhos azuis. — Além disto, por que *você* se importa? Sou uma *traidora*, lembra?

David estremeceu e recuou, com seu rosto enrugado. Eles ficaram se encarando por um tempo sem se mover, sem dizer nada. Kara viu uma sombra de dor cintilando por detrás dos olhos azuis dele.

— Só tenha cuidado — ele disse suavemente.

Kara estudou o rosto de David por um instante. Ela ainda podia sentir a suspeita dele, como se ele a vestisse como um casaco pesado.

— Terei — ela respondeu.

Protegendo a sua mochila, Kara segurou no corrimão de metal e subiu. Ela parou do lado da sorridente Brooke. Os reflexos da piscina ondulavam sobre a superfície da água. O odor de sal preencheu suas narinas.

— Pronta? — disse Brooke.

Kara deu uma última olhada em David. Ela o observou enquanto ele concordou com a cabeça. Seu rosto estava inexpressivo.

— Estou pronta — ela disse, virando-se para olhar Brooke, e limpou a sua mente de pensamentos sobre David.

Brooke exibiu os dentes.

— Certo, no três?

— Um...

Ela piscou.

— Dois...

Se ela tivesse saliva, ela teria engolido.

— TRÊS...—"

## Capítulo 14

### Elemental

Kara abriu seus olhos e piscou na escuridão. Vega ainda a fazia se sentir um pouco tonta, mas agora era a escuridão que a apavorava. Ela tentou piscou para afastar as trevas, mas não funcionou. Ela mexeu as mãos de seu traje mortal diante de seu rosto, mas não conseguia vê-las. Havia apenas as trevas. O ar era espesso e ela podia ouvir sutis gotas pingando de um cano.

— Brooke? — sussurrou Kara. Seus olhos se esforçavam para se ajustarem às trevas que não conseguiam penetrar.

— Estou aqui — Brooke sussurrou de volta.

Kara ouviu o arrastar de pés no concreto e, depois de um tempo, sentiu o toque de uma mão em seu ombro.

— Acho que estamos em um porão. Veja se consegue encontrar um interruptor na parede à sua esquerda... Vou tentar na da direita — Brooke soltou o ombro de Kara e ela ouviu os passos dela na direção oposta.

— Certo — Kara estava na escuridão completa. Ela se obrigou a se acalmar e pensou no que ela iria fazer quando voltasse à vida de novo. Quando seu nervosismo havia se acalmado, ela lutou para mover os pés. Depois de cinco passos, seus pés tocaram uma dura superfície fria.

— Encontrei uma parede — Kara deslizou suas mãos para cima e para sentir um interruptor de algum tipo. Ela ouviu um tímido *clique* atrás dela e as luzes de acenderam.

— Encontrei — declarou Brooke, na extremidade oposta do porão.

O porão estava inacabado, com um chão de concreto cheio de sujeira e paredes abertas com isolamento exposto. Teias de aranha caíam do telhado como cortinas transparentes e cobriam alguns pedaços de mobília velhas que estavam empilhados nos cantos. A sala parecia esquecida.

— Ali há uma escada — Brooke apontou para sua direita e fez um gesto para que Kara a seguisse. — Vamos sair daqui.

— Espere! — disse Kara. — Aqui é o número 1228 da Pine Avenue? Brooke balançou a cabeça.

— Não. A Legião não nos transportaria diretamente para o abrigo. Mas provavelmente estamos bastante perto.

Elas subiram para fora do porão, empurrando uma pesada porta de madeira, e encontraram um corredor. O velho piso de carvalho rangeu quando as garotas se infiltraram pela sala. Um cheiro de tapete mofado pairava no ar... exatamente como na casa da avó de Kara. Ela amava este cheiro. Tinha certeza que esta casa pertencia a uma pessoa idosa. Elas chegaram a uma sala, que se abria para a porta principal. Mesmo no escuro, Kara podia distinguir o papel de parede florido cobrindo as paredes. Brooke fez com a boca — Por aqui — e correu em direção à porta. Ela virou a maçaneta muito lentamente e abriu a porta da frente.

Elas desceram três degraus de concreto até a calçada. Uma lua cheia brilhava no céu negro. O vento frio de setembro, trazendo o cheiro do asfalto molhado, acariciou as bochechas de Kara, enquanto um chuvisco tocava seu cabelo. Ela enxugou as bochechas e se virou para Brooke.

Brooke virou a cabeça.

— Veja... estamos no número 1194 da Pine Avenue West — ela apontou para os números negros que estavam pregados na frente da casa estilo Cape Cod de onde elas haviam acabado de sair. — Estamos a apenas algumas quadras de distância.

Kara olhou para seu relógio de pulso.

— É 8:40 da noite. Temos 20 minutos para chegarmos lá.

Naquele instante, um trovão explodiu sobre as cabeças delas e soltou um dilúvio. Os céus raivosos tinham sugado a luz da lua e apenas as velhas lâmpadas das ruas mostravam o caminho a elas.

*Squish, squish.*

Seus sapatos pisavam para frente, espirrando a água enquanto caminhavam pela rua. Contorcidas árvores de bordo acinzentadas balançavam com o vento.

Após poucos minutos, Kara estava encharcada. A sensação da chuva em seu traje mortal era estranha. Era fria, mas era como se a umidade não penetrasse, como se parasse na metade do caminho. Olhando para baixo para a

calçada enquanto caminhava, ela viu dois pássaros mortos: cardeais vermelhos, com seus pescoços torcidos, repousando em pequenas poças de água. Uma sensação de medo brotou dentro dela. Ela continuava pensando no que David havia dito para ela... que esta era uma missão impossível e que a Legião as estava enviando para a morte.

Brooke parou abruptamente e Kara quase a atravessou. Elas haviam chegado a uma esquina. A chuva pesada havia se tornado um suave chuveiro. Kara olhou para cima e leu a placa da rua: Cedar Avenue. Elas estavam perto.

Uma sensação de formigamento se espalhou dentro dela ao vasculhar a área. Ela imaginou sua antiga vida, quando ela pintava e tinha uma família. *Vou ter minha família de volta logo.* Um grupo de adolescentes apareceu no lado oposto da rua, rindo sem uma única preocupação na vida. *Aqueles serão eu em breve.*

Elas cruzaram a Cedar Avenue e estavam de volta na Pine Avenue. Depois de quatro passos, Brooke parou de novo. Ela fixou o olhar adiante dela. Kara seguiu seu olhar.

O número 1228 da Pine Avenue as encarava de volta. Era uma velha casa estilo Tudor com um desgastado caminho coberto por poças negras. Um quintal descuidado cobria a maior parte da frente da casa. Não havia luzes vindo de dentro nem de fora. Ela estava sozinha no escuro. Todas as cortinas estavam fechadas.

— Venha... — sussurrou Brooke, enquanto conduziu Kara pelo cotovelo em direção ao quintal da casa vizinha. Ela se agachou, espiando por entre as árvores. Kara seguiu o seu exemplo. Não havia movimento dentro da casa, segundo Kara podia perceber. Brooke deslizou sua mochila das costas, pondo-a sobre a grama molhada. Ela a abriu e tirou a planta da casa. Kara se inclinou para ver mais de perto. Ela podia distinguir que havia três andares na casa: um porão, o térreo e um primeiro andar. Ela podia ver uma porta saindo para a área da cozinha.

— Duas saídas — sussurrou Kara. — As portas da frente e de trás. Depois de um instante, Brooke olhou para cima e encontrou os olhos de Kara.

— O que você acha de nos separarmos? — ela sussurrou. — Se o elemental estiver aqui, provavelmente eles devem tê-lo posto no porão — ela

apontou para a forma retangular azul no papel com "Porão" escrito abaixo.

— Demônios gostam de lugares escuros e sujos, e pressinto que ele deve estar aí.

Kara olhou para baixo e estudou a planta.

— Ok

Brooke ergueu as sobrancelhas.

— Então, como você ainda é uma novata, estava pensando que você deveria conferir o térreo... — Sua mão se moveu alguns centímetros, apontando para a próxima figura. — Confira a área, então nos encontramos de volta perto da porta da frente em dez minutos. A criança pode não estar aqui nesta casa. Mas se você vir a criança, retorne para o ponto de encontro, espere por mim, que voltaremos juntas com as nossas Centelhas — Um olhar intenso apareceu nos olhos azuis de Brooke, enquanto ela olhava para Kara. — Você acha que consegue fazer isto?

Uma lufada de vento soprou a franja de Kara sobre seus olhos.

— Sim — ela sussurrou de volta, olhando para seu relógio. Ela sentiu que Brooke confiava em suas habilidades e se indagou se deveria contar para ela sobre a Marca do demônio — que ela era inocente — mas decidiu que não. Pequenas gotas de chuva começaram a cair novamente.

— Estou pronta — disse Kara após um tempo. — Posso fazer isto. Sei que posso.

Ela estudou o rosto de Brooke.

— Mas você tem certeza que consegue cuidar sozinha do porão?

— Não se preocupe comigo. Eu não perdi nenhuma luta até agora!

Com determinação estampada no rosto, Brooke enfiou a planta de volta na mochila. Ela a revirou e puxou a longa lâmina da alma e duas pedras de fogo. Ela enfiou as pedras de fogo nos bolsos da calça jeans e segurou a lâmina da alma com sua mão direita. Kara a imitou e puxou sua lâmina da alma de sua mochila. Ela socou duas pedras de fogo no grande bolsão frontal de seu moletom.

Brooke aquiesceu e a dupla lançou suas mochilas nas costas e entrou no quintal. Olhando ao redor, Brooke subiu as escadas dianteiras. Kara a seguia logo atrás, com os pelos da nuca se arrepiando. Com sua mão gentilmente posta sobre a maçaneta, Brooke a virou lentamente no sentido anti-horário, com um suave *pop*, ela abriu a porta.

Seus olhos já estavam se ajustando às trevas ao redor delas, e elas podiam ver o interior da casa em sombras de cinza. Elas caminharam para dentro de uma grande sala, que se abria em um corredor com dois quartos em cada lado dele. O ar estava parado, com um ligeiro fedor de mofo pairando. Apesar de estar escuro dentro, Kara podia afirmar que a casa estava abandonada. As escadas para o primeiro andar partiam do final da sala. Ela sabia, ao ter estudado a planta da casa, que a entrada do porão ficava pela cozinha. Ela se virou e olhou para Brooke, que concordou com a cabeça. Kara aquiesceu de volta e com sua lâmina da alma na mão direita, ela sacou uma pedra de fogo do bolso, segurou-a firmemente e entrou no quarto à direita. Ela sentiu Brooke se movendo à sua esquerda, mas ela era silenciosa como um gato.

Kara olhou para seu relógio: 9:02 da noite. Ela tinha dez minutos para vasculhar o térreo e encontrá-la na sala. Ela se infiltrou na grande sala. Ela podia distinguir um grande sofá e cadeiras. O ar estava parado quando ela entrou. Mantendo-se perto das paredes, Kara viu uma abertura no canto esquerdo da sala. Caminhou cuidadosamente até ela. Ela segurou a lâmina da alma com mais força em sua mão... se forçasse mais, ela tinha certeza que seus dedos mortais sairiam voando. Ela caminhou para a abertura à sua esquerda e estava em um corredor. Ela piscou. À sua direita estava a cozinha. Um suave raio de luz do poste da rua atravessava a janela da cozinha sobre a pia... o suficiente para poder ver a velha cozinha no estilo dos anos cinquenta com a mesa de metal e vinil combinando e cadeiras de metal. Ela ergueu o pulso até perto do rosto e viu a hora. 9:06 — ela ainda tinha cinco minutos.

9:15.

Kara piscou e olhou para as escadas que levavam para o outro andar.

9:22.

A chuva batia contra as janelas da sala com suaves batidas contínuas.

Kara começou a se sentir ansiosa. Brooke já deveria ter voltado.

9:31.

Algo estava definitivamente errado. *Você é responsável por seus parceiros*, ela se lembrou de ouvir o oráculo dizer.

**CRASH!**

O barulho alto vinha do porão, como se uma parede estivesse caindo.

Kara correu pela sala e entrou na cozinha. Ela se virou para sua direita e

viu a porta para o porão. Ela correu até lá e começou a descer para o porão. Ela podia ouvir vozes abafadas... vozes masculinas. Rapidamente, ela desceu o restante das escadas. Estava mais escuro no porão. As janelas haviam sido revestidas com jornal. Ela seguiu as vozes, com sua lâmina da alma diante dela ao entrar mais fundo na escuridão.

*BAM!*

Kara deu um pulo. Ela ouviu uma mulher gritar. Eles a estavam torturando. Kara correu às cegas para as trevas, seguindo as vozes. Uma ténue luz brilhava em uma sala no final do corredor. Ela correu para aí; a porta estava entreaberta. As vozes era mais nítidas agora.

— Comandante Urobach... mate o anjo mulher! Eu quero *provar* a alma dela... — disse uma voz grossa. Kara podia ouvir alguém gemendo. Brooke.

Botas pesadas pisavam no chão.

— Ainda não, Zelar — disse outra voz, suave como seda. — Seja paciente. Ela ainda não nos contou o que precisamos saber.

— Você quer que eu arranque o outro braço dela, Comandante? — disse uma terceira voz aguda.

Tremendo, Kara avançou e se escorou na parede. Ela se moveu um centímetro para frente. Escondida nas sombras, ela assistia aterrorizada. Brooke estava deitada semi-inconsciente, esticada no chão. O braço esquerdo dela estava faltando, com um buraco luminoso perto de seu ombro. Três homens estavam parados perto dela. Mesmo de longe, Kara podia ver seus olhos negros — demônios superiores. Dois estavam vestidos com o mesmo terno cinza que Kara havia visto antes, e os dois portavam lâminas da morte. Névoa negra emanava das bainhas. Mas o terceiro homem se destacava. Sua longa jaqueta de couro balançava em seus calcanhares, enquanto ele caminhava perto de Brooke. Medindo dois metros de altura, ele era mais alto do que os outros dois. Seu cabelo negro oleoso pendia solto sobre seus ombros. Ele não carregava armas. Ele se agachou perto da cabeça de Brooke, com seu cabelo roçando no rosto dela.

— Vamos lá agora, *anjinha*... diga-me, quem mais está vindo? — perguntou a mesma voz sedosa. — Quantos anjos da guarda a Legião enviou atrás do elemental? — Urobach voltou a sua atenção para Brooke por um instante e olhou para o lado oposto da sala. Uma gaiola de metal enferrujada do tamanho de um grande pássaro jazia no chão.

Dentro da gaiola, Kara viu uma criança pequena. Ela estava vestindo apenas um fino pijama branco e azul. Ela podia vê-lo tremendo. Seus olhos estava vermelhos, e lágrimas secas manchavam seu rosto sujo.

Urobach voltou sua atenção para Brooke.

— Como a Legião sabia onde nos encontrar, hã? — Ele permaneceu agachado sobre ela, com seus olhos negros perscrutando-a.

— Se você não me responder, eu vou machucá-la.

Depois de um tempo, Brooke lutou para abrir a boca.

— Eu... eu não sei — ela resmungou. Seus olhos revelavam dor. —

Deram-me uma atribuição... eles me disseram aonde ir..

Os lábios do Comandante se curvaram num sorriso.

— Tut, tut, tut... receio, *anjinha*... que esta não é uma boa resposta para mim... — Com uma assustadora velocidade, ele pulou para cima, e disparou eletricidade negra desde as pontas dos dedos e atacou Brooke. O corpo dela tinha convulsões para cima e para baixo. Ela gritava de dor. Kara assistiu horrorizada enquanto o corpo mortal de Brooke fritava. Luz brilhante reluziu através de pequenos orifícios por todo o corpo dela. O âmago angelical dela estava vazando. Ela estava morrendo.

Sem outro pensamento, Kara pulou pela porta.

— PARE! VOCÊ A ESTÁ MATANDO! — Ela ergueu suas armas diante de si e rezou silenciosamente para que escapasse com vida.

Urobach virou a cabeça em direção à porta. Ele parou seu ataque contra Brooke. Suas sobranceiras se ergueram na testa e um sorriso maligno se materializou em seu rosto.

— Bem, bem, bem... o que temos aqui, meus amigos? — Os olhos negros do Comandante se arregalaram, como se ele estivesse tentando sugar a energia dela. Os outros demônios superiores viraram o rosto para ela, com seus corpos inclinados.

O Comandante se aproximou de Kara. Ele mostrou um sorriso distorcido.

— Olá, pequenina. Você é uma coisa bonitinha.

Kara deu uma olhada para Brooke; ele ainda estava viva? Ela se tentou se mover, mas as pernas pareciam estar grudadas no lugar. Ela virou a cabeça e encontrou os olhos negros de Urobach de novo.

— O... o que v... você q... q... quer? — Ela tudo que ela conseguia pronunciar.

Ele moveu sua enorme bota de couro um passo mais perto dela.

— Quero? — respondeu Urobach. — Meus amigos e eu só queremos bater um papo.

Os demônios concordaram com a cabeça. Seus corpos começaram a se mover de um lado a outro, com seus olhos focados nela, antecipando um ataque.

Uma vozinha dentro dela dizia-lhe para correr. Ela piscou com força e lutou para encontrar sua voz.

— E... fique longe dela! — Ela gritou enquanto estacou com sua lâmina da alma no ar.

Diante disto, Urobach gargalhou. Ele franziu o cenho.

— Gosto mais desta aqui.

E antes que Kara pudesse reagir, ele esticou o braço para baixo e ergueu o corpo de boneca de pano de Brooke sobre sua cabeça, sorrindo para Kara... e rasgou o corpo facilmente em dois, como se fosse de papel.

— NÃÃÃÃÃÃÃÃ! — gritou Kara. Indefesa, ela assistiu enquanto Urobach lançou o corpo esfaçalhado de sua amiga para os demônios superiores. Eles pegaram as partes do corpo do chão e abriram as bocas. Suas mandíbulas se estenderam grotescamente até seus quadris enquanto engoliam sua amiga.

Os joelhos de Kara fraquejaram.

— Brooke! — Ela gritou. Ela tremia incontavelmente. Ela lançou uma olhada para a criança. Ela chorava em silêncio, com os olhos arregalados fixos em Kara; uma súplica silenciosa. Os dois iam morrer.

Um dos demônios superiores deu um passo adiante, perto o bastante para que Kara pudesse sentir seu hálito podre.

— Então, a pergunta é,  *você*  vai brincar conosco agora?

Lambendo os lábios, ele mostrou fileiras de dentes podres.

— O meu Comandante requer algumas informações.

Urobach ergueu uma sobrancelha enquanto caminhava até Kara.

— Não vou mentir para você,  *anjinha* . Vai doer...  *sim* . E você vai morrer, no fim. Meu  *mestre*  não quer que seja de outro modo. A dor é necessária. — Ele estava a poucos metros dela.

Kara olhou para o elemental, e ela se assustou. Havia medo nos olhos da

criança; suas mãozinhas agarradas às barras de metal enquanto choramingava. O treinamento de Kara surgiu efeito e, em um movimento fluido, ela arremessou a pedra de fogo nos pés do Comandante. Ela se espatifou ao atingir o chão. Uma névoa vermelha engoliu o demônio.

Mas então ela se evaporou. Urobach ainda estava aí. Ele sorria para ela.

Kara balançou a cabeça, descrente.

— O quê...?

O Comandante limpou a jaqueta, como se estivesse suja.

— Seus brinquedinhos não funcionam na gente — ele riu. Deu uma olhada para seus comparsas e estalou o dedo. Eles atacaram.

Kara correu porta a fora e subiu as escadas do porão, com os demônios ao seu encaço. Convocando toda a força que ela podia reunir em suas pernas mortais, ela correu o mais rápido possível. Disparada pelo corredor, ela escancarou a porta dianteira e precipitou-se rua a fora.

Kara correu pela Pine Avenue West e se encaminhou para o Mont Royal Park. Ela conhecia o parque bem. Ela vinha aqui sozinha durante as férias de verão. Ela sabia perfeitamente o que havia para além da floresta... o Lago Beaver.

Ela chegou ao parque, saltou por sobre a cerca e correu para dentro da floresta espessa. Era uma corrida ascendente e ela rezou para que suas pernas mortais aguentassem. Ela corria por sua vida angelical. Ela sabia que, se eles a apanhassem, a matariam. Ela deu uma olhada para trás e avistou os demônios superiores apenas a alguns metros atrás dela. Ela sabia que era uma questão de tempo para que eles a pegassem. Imagens do rosto pálido de Brooke apareceram em sua mente e uma sensação de desamparo tomou conta dela.

— Você não pode se esconder de nós, anjinha! — gritou um dos demônios superiores atrás. — E como você não vai vir em silêncio, nos dá grande prazer de ter de usar a força! — O demônio soltou uma gargalhada estridente.

A risada dele ecoou nos ouvidos dela. Mas Kara insistiu. Ela podia ver uma clareira adiante. *Quase lá.* Forçando seu traje mortal com todas suas forças, ela corria por sua alma e pela de Brooke. Ela alcançou a clareira no topo da montanha. Ela avistou o Lago Beaver, com sua forma oval reflexiva sob a luz da lua. Kara disparou colina abaixo, concentrando-se com força para não tropeçar

sobre raízes e pedras. Ela podia sentir os demônios atrás dela, bem perto.

O lago estava ficando maior e maior, alcançando a vista. Estava apenas a poucos metros de distância. Logo ela estaria à salvo.

Uma dor aguda a atingiu nas costas, e ela caiu no chão e rolou até parar. Tonta, ela se levantou; a dor era tão intensa que sua visão ficou turva. Ela piscou. Ela distinguiu formas negras se aproximando; eles estavam quase sobre ela. Ela se sentiu enjoada e fraca. A dor excruciante brotando de suas costas. O veneno a estava paralisado.

*Corra, Kara,* disseram as vozes dentro de sua cabeça. *Você está quase lá.*

*Não posso. Não vou conseguir,* respondeu Kara.

*Sim, Kara. Remova a lâmina da morte... está deixando você fraca. Você consegue. Corra.*

Ela sentiu um súbito fluxo de energia e esperança. Ela procurou e encontrou a lâmina em suas costas. Ela a envolveu com a mão e arrancou. Observou a lâmina negra brilhando na luz da lua. Ela se levantou, jogou a adaga no chão e voltou a correr. Kara sentiu o veneno da lâmina dentro dela, devorando sua alma. Sabia que só tinha poucos segundos.

Pequenas ondas oscilavam sob o luar quando Kara chegou à margem do lago. Ela ouviu a respiração dos demônios atrás dela. Ela ouviu um silvo no ar, e algo a picou na nuca. Então, com um último esforço, Kara caiu de cabeça no Lago Beaver.

## Capítulo 15

### Última Esperança

Kara se recuperava na bola laranja rejuvenescedora, no Nível Três da Divisão de Milagres, na Cura Express. Quando ela voltou a si de novo, o Arcanjo Rafael a enviou para Operações, no Nível Dois para instruções.

Kara perdeu a paciência com o operador do elevador: um gorila enorme que tentava roubar um pouco de pele seca de seu escalpo. Quando o gorila se virou, ela agarrou um tufo de pelo da bunda dele.

— Toma, King Kong! — disse Kara, exibindo o tufo preto entre seus dedos e assistindo sua queda no chão. Depois disto, o King Kong fez o melhor para ignorá-la e se conteve, coçando o ponto careca no traseiro.

Ela saltou do elevador e se encaminhou para a tenda branca. O ar estava espesso com sal. Kara acelerou o passo. Ela podia ver David na ponta da mesa, falando com outro anjo. Ela sentiu uma pontada no peito. Ela estava com um pouco de raiva por ter despertado na Divisão de Milagres sem David para acompanhá-la. Mas por que ele estaria ali, de qualquer modo? Ele a considerava uma traidora. Talvez torcesse para que ela não voltasse? Ela assistia a Gabriel conversando com outro Arcanjo que ela nunca havia visto antes. Ele era ainda maior do que Gabriel. Sua pele marrom-dourada brilhava sob a luz do sol e contrastava com seus trajes prateados e dourados. Cabelo marrom-escuro sedoso roçava seus ombros musculosos e seu rosto era o mais bonito que Kara já havia visto... um modelo masculino saído de uma revista de moda.

Kara caminhou para a mesa. Seus olhos se voltaram para David imediatamente. Ele correu para ela.

— Ei... como você está se sentindo? — Ele ergueu a mão, mas quando ele estava prestes a tocá-la no ombro, ele recuou, como se o corpo dela fosse contagioso, ainda quente com a Marca. Ele deixou a mão pousar ao seu lado. Seu rosto estava contorcido, como se houvesse mordido alguma coisa amarga.

Kara desviou o olhar, escondendo a dor em seus olhos.

— Estou bem, acho.

Ela virou a cabeça ao redor e procurou pelos outros membros dos outros dois grupos. Imagens de Brooke a assombravam. Talvez ela devesse ter feito mais e tentado salvar Brooke. Ela procurou pela tenda. Havia anjos em prática de combate, mas nenhum rosto reconhecível da missão de busca de vida.

— Onde estão todos? — Seus olhos se fixaram em David. — Sou a primeira a voltar?

David deu uma rápida olhada para os Arcanjos, antes de se voltar para Kara. Ele baixou os ombros.

— Eles não conseguiram — Ele disse, sussurrando.

O chão começou a girar. Kara piscou várias vezes, tentando se recompor.

— O que você quer dizer com... *eles não conseguiram*? O que você está dizendo?

Apesar de ela não ter pulmões, no momento ela sentiu como se estivesse sufocando.

— Todos foram mortos — a voz grave veio do Arcanjo bonito, ao se separar de Gabriel e caminhar em direção a Kara.

Ele retirou a longa mecha de cabelo de seu rosto, enquanto seus penetrantes olhos verdes a examinavam de perto, como se ela fosse uma pintura abstrata.

— Sou a única sobrevivente? — Kara resmungou — Não... não pode ser... não acredito nisto.

— É verdade — disse David.

Kara balançou a cabeça teimosamente.

— Não! A criança elemental estava no abrigo onde Brooke e eu fomos, não nos outros. Eles provavelmente estão atrasados... sim, talvez estejam no caminho de volta agora mesmo.

— Eles não conseguiram, Kara. Eles se foram — disse David.

— O quê...? — Sua mente vagou para Benson e ela sentiu uma pontada no peito. Ela realmente não gostava dele, mas ele não merecia morrer.

Kara pigarreou.

— Eu... eu não entendo — A morte de Brooke surgiu diante dela. Um calafrio atravessou o seu ser. — Sou apenas uma novata... eu deveria ter

morrido... não eles — Ela se sentiu amortecida por todo o corpo.

— O Arcanjo Rafael nos informou sobre o que aconteceu com sua parceira, Brooke Miller, quando você chegou à Divisão dos Milagres — disse Gabriel. Seus olhos negros reluziam sob sua sobrancelha enrugada. — Rafael nos disse o que você contou a ela, antes de entrar na Cura Express. Sabíamos então que você era a *única* sobrevivente.

Quando as palavras atingiram seus ouvidos, Kara se encolheu. Como era possível? Ela balançou a cabeça, franzindo o cenho e olhou para David. O rosto dele estava contorcido de tristeza, enquanto os olhos dele se encontram com os dela. Mas quando Kara se virou e olhou para os Arcanjos, eles não estavam olhando para ela com tristeza como David; seus olhos estavam cheios de surpresa... e também havia medo? Ela se forçou para desviar o olhar.

— Kara Nightingale — declarou o arcanjo maior. — Sou o Arcanjo Miguel, o comandante da Legião.

Ele inclinou a cabeça, olhando para baixo para a novata, como uma sequóia elevando-se sobre um nebuloso arbusto abaixo.

— Quero que você nos conte o que aconteceu. E não se esqueça de *nada*.

Kara observou os grossos lábios de Miguel se comprimindo, com seus olhos fixos nela. Ela não conseguia desviar o olhar. Ela se lembrou dos eventos da atribuição, começando com a morte de sua amiga, Brooke, até a criança elemental engaiolada, e finalmente a sua fuga dos demônios superiores no Lago Beaver. Quando ela terminou, os Arcanjos estavam quietos. Eles se entreolharam com descrença.

— Enviaremos os Batedores novamente — Gabriel rompeu o silêncio. — Ela chegou muito perto... ainda há uma chance. Devemos nos encontrar com os outros.

Kara pensou sobre a missão devida.

— Então... ainda vou poder ter a minha vida de volta, certo?

Uma ponta de esperança a inundou.

— Então... quando teremos mais AGs para serem agrupados em duplas?

— Ela se indagava com quem ela formaria dupla agora.

Ela olhou para os rostos intrigados dos Arcanjos e ergueu uma sobrancelha.

— Por que vocês estão me encarando assim? O que foi?

Foi a vez de Miguel falar.

— Não haverá outros grupos.

Kara balançou a cabeça.

— Não compreendo? O que você quer *dizer* com não haverá mais grupos? — Ela olhou para David, que evitava o olhar dela e olhava as próprias botas. — Do que você está falando? Está dizendo que não teremos mais duplas?

Os olhos verdes do Arcanjo Miguel se fixaram em Kara.

— Não há nenhum outro anjo da guarda nesta missão. Você é a única, Kara.

As palavras a atingiram como uma tonelada de tijolos. O queixo dela caiu.

— O quê! — Ela olhava para eles com descrença.

— Você é a única que sobrou para salvar a criança elemental. Ninguém mais — disse Miguel.

— Mas... você não pode *escolher* mais anjos? Não há... *milhares* para serem escolhidos?

Kara sentiu uma onda de pânico subindo. Logo ela seria afogada por ela.

Miguel uniu as mãos diante de si e fechou os olhos por um instante, como se estivesse ouvindo outra vez dentro da cabeça.

Quando ele abriu os olhos, ele falou para Kara.

— Seis foram escolhidos entre toda a Legião. Apenas aqueles seis especiais estavam destinados a salvar a criança... ninguém mais. Esta ordem veio do próprio Chefe.

Kara balançou a cabeça. Ela trocou olhares nervosos com David.

— Mas isto não faz sentido... Não consigo fazer isto sozinha. É loucura!

— Ela está certa — disparou David — você não pode pedir a ela para fazer isto! — Kara estava aliviada que David concordava com ela.

David soltou um grito de frustração enquanto caminhava de um lado ao outro, com as mãos na cabeça.

— Ela é apenas uma novata... isto não está certo!

— Ela foi *escolhida*, David... isto está fora de seu controle — respondeu Miguel.

— Não vou deixar que você a envie assim... Não vou! — retrucou

David.

Kara estava surpresa de quão alvoroçado David estava; era quase como se ele se preocupasse, como antes.

Gabriel deu um passo até David.

— Não depende de você. Você não pode evitar isto, David.

— Deve haver outro modo! — David gritou. — Foi um milagre que ela tenha conseguido voltar! Agora vocês querem enviá-la de volta? Ela... ela precisa de mais tempo de treinamento!

— Você sabe quão importante é isto, David. Você sabe que o acontecerá se os demônios usarem a criança — Os olhos verde de Miguel revelavam-se perigosamente. — Você sabe... este é o único jeito.

David abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu. Ele chutou o chão.

Miguel se aproximou de Kara e pôs sua grande mão gentilmente no ombro dela. Ela se sentiu perdida em seus brilhantes olhos verdes, como se ela fosse fazer qualquer coisa que ele pedisse.

Ela afastou este sentimento e desviou o olhar.

— Não vou deixar você me hipnotizar com a sua boa aparência.

— Kara — disse Miguel, e sua expressão se suavizou um pouco. — Você é parte desta Legião, escolhida pelo Chefe para ser um soldado. Ele a escolheu para esta tarefa — somente você — porque ninguém mais é capaz. O líder dos demônios, Asmodeus, está esperando que o poder da criança elemental cresça ao seu máximo potencial, que pode ser a qualquer momento, e ele usará isto para nos destruir. Os elementais são criaturas de grande poder — um poder selvagem e incontrolável — e se Asmodeus o usar, ele se tornará mais poderoso do que qualquer um de nós. Não seremos capazes de enfrentá-lo. Se você não for bem-sucedida em sua missão, Asmodeus sobrepujará a Legião e destruirá o mundo dos vivos. Ele trará destruição à Terra. O destino de Horizonte depende de você.

A mente de Kara estava sobrecarregada.

— Mas... você é *mais forte* do que eu — ela olhou para Gabriel e de volta para Miguel — por que você não *procura* o elemental? Tenho certeza que será muito mais fácil para você.

Ela olhou para baixo para o seu corpo mirrado, desejando ser forte e habilidosa como Brooke — talvez então ele tivesse alguma chance. Ela desejou

poder vomitar.

— Porque apenas os escolhidos podem realizar esta tarefa — disse Gabriel, com seus olhos negros atravessando-a.

Miguel apertou os ombros dela um pouco.

— É por isto que você, Kara Nightingale, é a *única* esperança da Legião.

## Capítulo 16

### Asmodeus

Kara piscou, enquanto observava os reflexos ondulando sobre a água. Ela se indagou se esta seria a sua última vez olhando para as brilhantes águas das piscinas. Ou se seria o seu último pulo para uma missão? Os pulos eram, de longe, o que ela mais gostava. Ela sentiria falta da sensação de formigamento que sentia sobre todo o corpo, logo antes de desaparecer. Lembrava-a das loucas corridas no La Ronde — a corrida naquela coisa como um prato que girava extremamente rápido, que o pregava na parede, de modo que você não conseguia se mover... e quando a máquina entrava na potência máxima parecia que sou corpo se desfazia, pedaço por pedaço. Era muito legal.

O cheiro de água salgada preencheu suas narinas. Os *plops* e *splashes* nas piscinas vizinhas ecoavam em seus ouvidos. Ela tentava pensar positivamente sobre a atribuição, mesmo que o resultado tinha noventa e nove vírgula noventa e nove por cento de fracassar. Ela se indagava o que os Arcanjos sentiam sobre deixar Horizonte nas mãos de um anjo da guarda novato. Ela provavelmente morreria hoje, o que queria dizer que ela seria responsável por destruir toda a Legião... só mais um pouquinho de estresse em sua busca de vida.

David levou Kara para treinar por algumas horas antes de sua missão, então ela poderia praticar novos movimentos antes do grande mergulho. Ela não estava concentrada e ficava caindo, errando os ataques e caindo com a cara fundo na areia. Frustrada, ela não conseguia se concentrar em nada mais além de David e em como ele ainda não confiava nela. Ela não conseguia tirar isto de sua cabeça.

Para todos os demais, ele trajava uma expressão de coragem, mas ela sentia a suspeita; ela vislumbrou em seus olhos e em sua linguagem corporal. Ele tentava esconder, até mesmo agora, com o treinamento falso... a preocupação falsa. Ela se sentia traída... o beijo não havia significado nada para ele.

Era uma coisa estranha se apaixonar no Horizonte, sem um coração

para ser quebrado... mas uma alma quebrada doía tanto quando um coração quebrado para Kara. Ela percebeu que David nunca travava contato visual com ela e ficava berrando para a pessoa invisível sobre a cabeça dela. Ela sentiu raiva... Ela queria acertá-lo com força nas fuças.

Logo, David desistiu. Ele sentiu que ela não estava no clima. Kara havia parado completamente de erguer a espada. Eles caminharam em silêncio para a grande tenda branca. Kara recebeu a sua nova atribuição. O oráculo contou a ela que os Batedores haviam acabado de retornar. Eles haviam dado uma posição positiva do elemental. Ela tinha apenas uma hora para encontrar esta criança a tempo. O tempo era crucial, e ela sabia que o seu próprio tempo estava se esgotando.

Para piorar, toda a Legião parecia ter vindo para Operações para ver Kara partir. Ela olhou ao redor para centenas de anjos da guarda reunidos olhando para ela. Ela os ouviu sussurrando.

— Olha! É ela ali, é ela...

— É realmente uma *traidora*?

— Tom disse que viu com os próprios olhos a Marca do demônio... ela deve ser...

— Veja! Eu consigo enxergar a Marca nela...

— Esquisito como ela ainda é a escolhida.

— Sim, mas ela é uma novata, ela nunca vai conseguir voltar.

Kara ficou quieta por um tempo, absorvendo os ferrões das palavras que havia acabado de ouvir. Ela ajeitou a mochila e ajustou as alças. Ela pensou em sua mãe. Se fosse bem-sucedida, não apenas Horizonte estaria à salvo, mas ela teria de volta a sua vida. Ela cuidaria de sua mãe. Por agora, esta era a única centelha de esperança que ela tinha. Sua vida mortal teria de servir.

— Você está pronta? — gritou David desde abaixo. Ele lhe deu meio sorriso, daqueles em que os cantos da boca se esticam e voltam para o lugar imediatamente. Ele estava junto com centenas de espectadores. Ela se sentiu como uma celebridade, e odiava isto.

— Mais pronta, impossível — Kara respondeu, mantendo os olhos nas águas tremulantes.

— Se o elemental não estiver lá, volte para cá imediatamente! Não espere para que alguma coisa aconteça.

Kara virou a cabeça e encontrou os olhos de David. Ela não tinha certeza se isto era uma charada ou uma preocupação real. Quão distantes eles pareciam estar um do outro agora, não como eram antes... naquela noite no clube quando eles se beijaram. Ela mordeu o lábio e limpou o pensamento de sua mente. Talvez ela nunca mais o visse. Ela encarou os olhos azuis brilhantes dele, pisou na beira da piscina e mergulhou até o fundo da água.

Kara estava nas sombras da Sources Boulevard. Ela olhou para cima para as letras de cobre sobre um portão de metal negro: Cemitério Birch View. Ela olhou para o relógio. Era quase meia-noite e um jardim macabro de corpos mortos brilhava sob o luar. Altas sombras negras contornavam as paredes de pedra ao redor do cemitério. O portão da frente estava trancado com cadeado e no topo havia arame farpado. Por entre os espaços do portão de metal, Kara podia ver centenas de lápides cinzas com flores murchas caídas aos seus pés. O ar da noite era fresco no traje mortal de Kara. O local parecia triste e assustador.

*Perfeito para demônios, pensou Kara.*

Ela não conseguia se enfiar através do portão da frente, então ela caminhou ao redor da borda de pedra do cemitério até encontrar um ponto ela pudesse escalar. Ela apertou as mãos na pedra fria e se empurrou para cima. Ela passou por sobre o topo e pulou para o outro lado do muro. Ela se levantou e tirou o pó da calça jeans.

Ela forçou os ouvidos para qualquer som súbito e observou o movimento. Parecia que o parque estava segurando a respiração. Ela caminhou por entre as trevas silenciosas, tentando juntar as partes do plano, como um quebra-cabeças com uma peça faltando.

Então ela ouviu vozes abafadas no escuro.

Kara se lançou para trás de uma grande lápide e largou a mochila. Ela puxou sua lâmina da alma e pôs de volta a mochila em seus ombros. Ela seguiu as vozes. Esgueirando-se da lápide para um grande arbusto para outras lápides, Kara se infiltrou no cemitério até que pôde ver os demônios. Ela contou três demônios superiores sentados em círculo. As probabilidades não eram boas. Ela reconheceu o demônio Urobach — o assassino de Brooke. Ela sentiu o seu corpo tremer de ódio ao se lembrar de como ele a matou. A vingança seria agridoce.

Kara suspirou. Como a Legião chegou a acreditar que ela seria capaz de fazer isto sozinha era mais do que insano.

Ela averiguou a área e viu uma pequena gaiola com a criança elemental dentro. A gaiola está aos pés de um dos demônios superiores.

— Temos de nos mover logo, Asmodeus... a Legião de anjos já deve ter enviado Batedores a estas horas — disse uma voz na escuridão.

— Deixe que venham... estou com ânimo para *empolgação* — respondeu outra voz — Logo, meus amigos, quando o poder do elemental houver atingido seu potencial máximo, seremos invencíveis! E vamos *esmagar* a Legião e recuperar o que é nosso!

Kara ouviu grunhidos de aprovação.

Um dos demônios chutou a gaiola do elemental. A alma de Kara doeu ao ouvir a criancinha lamuriando-se. Ela se agachou na escuridão, pensando.

Ela precisava de uma distração.

Ela apalpou o chão e suas mãos apanharam uma pedra redonda do tamanho de uma bola de futsal. Com a pedra em sua mão, ela rastejou para fora de seu esconderijo e se esgueirou para trás dos demônios. Com toda a força que seu traje mortal podia reunir, ela arremessou a pedra sobre os demônios para a escuridão atrás deles. A pedra caiu com um ruído alto.

Os três demônios superiores se levantaram num pulo.

— Zanu, fique com o elemental... Urobach, cuide do flanco esquerdo. Eu vou pelo direito — Com suas armas em riste, os demônios correram para as escuridão.

Kara apanhou outra pedra e jogou perto do chão onde estava o chamado Zanu. Ele se virou e começou a vasculhar o chão. Kara arremessou sua lâmina da alma. Ela acertou no peito do demônio. Ele gritou de dor e caiu no chão tendo convulsões.

Ela tinha apenas segundos para reagir antes que os outros voltassem.

Pulando sobre o corpo, Kara correu para a gaiola. Os olhos da criança elemental estava arregalados e molhados. Ela se indagou como uma coisa tão bonitinha podia ser tão mortal.

— Estou aqui para ajudá-lo — ela disse, torcendo para que ele compreendesse.

Havia uma cadeado na porta da gaiola. Kara procurou no chão e agarrou uma pedra grande. Ela acertou o cadeado repetidas vezes até ele se partir. Ela abriu a porta da gaiola. A criancinha tremia incontrolavelmente. Ela

sabia que não podia tocá-la. Ela pôs a mochila no chão e procurou por suas Centelhas. Segundos depois, ela tirou as luvas brilhantes.

— Ahhhh! — Kara gritou quando alguma coisa a atingiu com força nas costas.

Ela caiu sobre a gaiola e rolou no chão. As luvas voaram no ar.

Gritando com dor excruciante, ela se virou e se apoiou nos cotovelos. A gaiola estava vazia.

Alguma coisa se movia nas trevas a uns oito metros na frente dela. Os membros descobertos do elemental brilharam sob o luar enquanto ele corria. Ele desapareceu de vista atrás de uma grande lápide. Ele estava seguro, por enquanto.

Kara se virou e encarou os demônios. Eles caminhavam casualmente em sua direção. Urobach pegou a gaiola de metal ao se aproximar.

— Você pensa que vai fugir com o *meu prêmio*? Sua anjinha *estúpida*!

Kara piscou. Ela podia sentir o veneno da lâmina da morte em suas costas. O rosto do líder demônio brilhou ao luar. Ele parecia exatamente com um Arcanjo... incrivelmente bonito, com um cabelo curto negro emoldurando uma forte mandíbula. Seus olhos cintilaram sob a luz da lua. Ele trajava um terno preto. Ele sacou uma grande espada de sob seu sobretudo de couro negro. Então ele estalou os dedos e olhou para outro demônio superior.

— Urobach, cuide deste macaco!

Urobach soltou a gaiola de metal. Ele ergueu a espada da morte até a boca e lambeu a lâmina. Com um amplo sorriso, ele caminhou em direção a Kara, com seu longo casaco de couro arrastando-se no chão atrás dele.

— Estou feliz de vê-la de novo, minha anjinha. Você não vai escapar de mim uma segunda vez.

Kara arrancou a lâmina da morte de suas costas e, exaurida pela dor, cambaleando, ela a arremessou ineficazmente contra Urobach. Ela revirou sua mochila, procurando freneticamente por sua lâmina da morte. Ela se levantou e entrou em posição. Com seu corpo inclinado, ela estava pronta.

O demônio investiu. Ele atacou para baixo, mirando na cabeça dela, mas ela não estava ali. Ela pulou sobre ele, atacando ao descer. Mas Urobach era rápido. Ele se esquivou dela e bloqueou a lâmina dela com o cabo da espada.

Seu rosto se contorceu em um sorriso maligno.

— Nada mal, anjinha. Estou quase me divertindo.

Ele veio contra ela novamente, atacando com força... e a cortou no peito. Kara gritou de dor, enquanto se esquivava, afastando-se de seus golpes mortais. Ele sentiu sua energia sendo drenada de seu corpo, enquanto o veneno da lâmina da morte se espalhava por seu âmagô. Ele atacou novamente, superando-a, enquanto ela tentava desesperadamente se concentrar em não ser cortada em pedacinhos... como um churrasquinho grego angelical. O veneno a queimava desde dentro, e Kara começou a ver dobrado. Urobach sorriu, lambendo os lábios quando sentiu que a força de Kara estava se esvaindo.

*Você tem de enfiar sua lâmina na cabeça dele*, disseram as vozes em sua mente. *Aproxime-se e ataque. Faça isto agora, Kara.*

Kara sentiu um influxo de energia em seu corpo, enquanto as vozes falavam com ela outra vez. Sob condições terrestres normais, ela seria trancada num manicômio, mas Kara não se importava. As vozes dentro da cabeça dela eram como parceiros invisíveis, permitindo-a ver oportunidades que ela teria perdido.

Kara recuou de Urobach, tentando achar uma abertura. Então ela a viu. Urobach avançou, sorrindo confiantemente a atacar com sua espada na direção da cabeça dela. Kara se esquivou, girou e enfiou sua lâmina da alma no queixo dele... fincando-a para dentro da cabeça dele. Sangue negro espirrou no punho e desceu pela garganta dele. O demônio superior caiu e ficou imóvel no chão frio.

Asmodeus gritou com raiva.

— VOCÊ MATOU O MEU TENENTE!

Em um rápido movimento, Asmodeus ergueu seus braços e um grande jato de eletricidade negra foi disparado de seus dedos. A força bruta a ergueu e a arremessou contra uma grande lápide.

CRUNCH!

Kara se chocou contra a pedra dura e desabou no chão como uma boneca de pano. Ela estremeceu de dor e se ergueu nos cotovelos à procura da criança. Ela a avistou agachada em um canto, tremendo. Seus grandes olhos úmidos reluziram na luz suave. Piscando, ela se sentiu tonta enquanto sua vista ficava turva. Ela não tinha certeza se conseguiria fazer isto.

*Acredite, Kara*, disseram as vozes dentro dela. *Pegue a criança em seus braços*. Kara se virou.

— Aquelas luvas! Onde estão? — ela ofegava.

Asmodeus ruiu, rindo.

— Onde estão quem? Não há ninguém aqui. Agora, anjinha... você *vai* morrer. E eu vou desfrutar disto imensamente. Mas acho que vou começar com a criança. Por que esperar? Posso sentir o poder dela se fortalecendo — Ele deu um passo adiante.

Kara se virou em direção à criança. Seu corpo formigou ao sentir uma onda de energia atravessá-la.

*Pegue a criança, Kara. Não tenha medo... ele não vai machucá-la.*

Sem pensar duas vezes, Kara se levantou e correu em direção ao elemental. Ela estendeu sua mão e tocou o rosto dele.

— O quê...? Nada aconteceu? Eu... eu ainda estou aqui! — Ela segurou o rosto dele com as duas mãos. — Eu posso tocá-lo? — Ela abriu os braços. — Venha — ela disse sorrindo — temos de ir.

Uma lágrima escorreu dos olhos da criança, enquanto ela esticou seus bracinhos para Kara. Ela ergueu o menininho no ar e o agarrou contra o peito.

— Bem, bem, bem... o que temos aqui? — Asmodeus caminhou para eles, com um olhar confuso no rosto. — Como isto é possível? Você está tocando um elemental... e a sua alma angelical ainda está intacta! Isto é muito, muito interessante.

A sensação do calor da criança no traje mortal de Kara era boa. Ela sentiu que ele estava tremendo e o segurou com mais força.

— Eu nunca teria acreditado que isto fosse possível, mas você ainda está aqui... com esta criança em seu colo. Apenas mortais conseguem sobreviver ao toque de um elemental. Como isto é possível? Você é um anjo, sem dúvida, e mesmo assim consegue sobreviver ao toque dele. Diga-me, anjinha... qual é o seu nome? Você me parece... familiar — Asmodeus se aproximou.

— Para trás! — ela gritou. — Não o toque!

O senhor dos demônios riu.

— Tocá-lo? Certamente eu não vou *querer* tocá-lo... Eu quero matá-lo e usar o poder dele! Com a energia do elemental, posso me tornar invencível! Vou destruir a Legião! — Sua testa se franziu e seus olhos malignos zombavam dela.

Kara estreitou os olhos e fechou suas mãos em punho.

— Você nunca vai machucá-lo!

— Veja só como o nós somos maternais... diga-me, qual é o seu nome, anjinha? — Asmodeus caminhou lentamente em direção a Kara. A dor se espalhava por seu âmago, mas ela não desistiria da criança.

Asmodeus exibiu seus dentes brancos.

— Sem nome? Talvez eu possa adivinhar. Deixe-me ver... — Ele fechou os olhos e ergueu as sobrancelhas. Kara sentiu um súbito calafrio se formando dentro de sua testa atrás dos olhos, o mesmo tipo de frio que ela sentia quando bebia *iced coffee* muito rápido. Então o frio na cabeça se dissipou. Ela se sentiu tonta, com uma sensação de formigamento como se centenas de pequenos dedos estivesse folheando arquivos dentro de seu cérebro, lendo todos seus pensamentos.

— Ah, é claro. Kara... Kara... Kara... tut, tut, tut. Finalmente nos encontramos.

— O quê? — Kara recuou, ela não gostava de alguém se intrometendo em seus pensamentos mais íntimos. — Como.... como você sabe o meu nome? — Ela balançou a cabeça, tentando se livrar deste horrível formigamento.

— Kara Nightingale... novata na famosa Legião de anjos da guarda... em uma busca de vida — disse Asmodeus. — Hummm. Isto é muito interessante.

Kara viu os lábios dele se curvarem.

— Você está *apaixonada* por alguém chamado David... como isto é coisa de *mortal* — riu Asmodeus. — E o *amor* dele não é mais recíproco, não é? — Ele girou os olhos para o céu. — Romance é *tão* supervalorizado. Tantos sentimentos insignificantes se enfiam no meio. Distraem demais. Quem tem tempo para o amor hoje em dia?

Ele fechou os olhos e ergueu as sobrancelhas.

— Ah, sim... você quer a sua vida de volta. Posso sentir isto... sim, com muita força. Você quer estar com a sua mãe de novo, não é? — O olhar de Asmodeus procurou o rosto de Kara. — Você ia se tornar uma pintora famosa antes que o ônibus a acertasse, não era?

Kara fechou a boca com força.

Asmodeus fechou os olhos outra vez.

— Ah... o que isto? Eu sinto algo dentro de você... algo diferente de tudo

que já senti antes. Eu sinto um *poder...* um poder selvagem — Ele abriu os olhos e sorriu. — É quase... elemental.

— Isto é impossível. Você está mentindo!

— Mas é a verdade, minha querida — O senhor dos demônios inclinou a cabeça lateralmente. Um estranho entusiasmo surgiu nos olhos dele e suas mãos tremiam. — É uma pena que você esteja jogando n o time *errado* — Seu rosto se contorceu com desdém ao balançar a cabeça. — Mas você é ainda tão *fraca...* olhe para si! Apegando-se *emocionalmente* ao trabalho! Independentemente disto, com o seu poder e o meu poder combinados... podemos atingir a grandeza!

— Não, obrigada. Acho que vou ter de passar — ela sibilou.

Houve uma breve pausa, então Asmodeus continuou, com um sorriso malicioso se formando em seu rosto. — Veja... você deveria estar no meu *time*, Kara. Eu *escolhi* você para fazer parte do meu exército.

O queixo de Kara caiu no chão. Isto não poderia ser verdade.

— O... o quê?

— É verdade — continuou Asmodeus, com a voz agradavelmente suave. — Quem você acha que lhe deu a Marca?

— O quê? — Era como se uma tonelada de tijolos houvesse caído sobre ela. — Você... você me deu a Marca? Você fez isto comigo! Por quê? — Ela se sentiu paralisada pelas palavras dele.

— Você tem o potencial de se tornar uma grande guerreira... a maior de todas, talvez — Asmodeus pôs sua mão direita sobre o peito. — Posso sentir isto... assim como senti antes. Você é destinada à grandeza!

Kara o viu erguer os ombros e baixá-los novamente.

— Alguns guardiões chegaram antes de mim. Quando chegamos ao local do acidente, seu corpo morto já estava protegido. Mas não antes de eu tocar a sua perna com a minha mão. Meio segundo antes... e sua alma teria sido *minha*.

— Eu *nunca* teria sido *sua*! — disse Kara, com a voz trêmula.

Asmodeus contorceu o rosto em um sorriso e gargalhou.

— De qualquer modo, você tem algo que é meu. Vou lhe dar o que  *você*  quer, se você me der o que  *eu*  quero.

Kara balançou a cabeça como uma criança teimosa.

Asmodeus deu um passo adiante.

— Posso lhe dar a sua vida de volta, anjinha. Simples assim... — Ele estalou os dedos.

Kara franziu o cenho.

— Não, você não pode. Você está mentindo!

— Ah sim, eu *posso*. E tudo que peço em troca — ele chutou a gaiola de metal entre ele e Kara — é que você ponha este menininho bobo de volta em sua gaiola — O belo rosto de Asmodeus se abriu num sorriso.

Fragmentos de sua vida passada surgiram diante de seus olhos. Ela sentiu seu abraço na criança se afrouxar.

Asmodeus falou suavemente.

— Eu já fui um Arcanjo... o mais poderoso anjo em todo Horizonte! Eles tinham ressentimento por causa disto, e por isto parti.

Ele fez uma pausa por um breve instante e eles estendeu os braços.

— Eu posso lhe devolver a sua vida, Kara, prometo. Tudo que preciso de você — ele disse, com sua voz suave como seda — é que você ponha a criança na gaiola e... — ele estalou os dedos — ... você estará de volta à Terra, em seu velho corpo, sem qualquer conhecimento sobre suas experiências angelicais. Sua vida será como era. Como deveria ser.

Kara se sentiu enjoada e confusa. Ela olhou para baixo para os azuis olhos úmidos da criança e estremeceu diante de suas lágrimas. Ela sabia que o demônio mataria a menininho. Ela não poderia viver com isto. Ela talvez nunca se lembrasse disto assim que estivesse dentro do seu velho corpo mortal de novo, mas ela acreditava em carma. E, em algum momento, o carma a morderia na bunda. Ela não desistiria dele... nem mesmo com o custo de sua própria vida.

— Não... eu nunca vou entregá-lo a você. Eu preferiria morrer — disse Kara.

As sobrelhas de Asmodeus se baixaram perigosamente.

— NÃO? — Ele repetiu, vindo correndo em direção à ela. — PONHA-O NA GAIOLA — OU VOU MATÁ-LA!

Ela recuou balançando a cabeça.

— EU—DISSE—PARA—PÔ-LO—DENTRO! — Asmodeus agarrou a gaiola e a jogou em Kara. Ela a acertou com força, então quicou no chão. Ele se aproximou. Ele estava quase sobre ela.

Kara abraçou a criança com mais força, balançando-o.

— Não tenha medo. Estou com você.

Uma imagem de David subitamente apareceu diante dos olhos dela. Ela tremia. Ela estava pronta.

Com assustadora fúria, Asmodeus se lançou para frente e atacou. Ele se movia com a velocidade da luz, atacando-a com suas linhas de corrente elétrica negra.

Kara lançou uma mão protetora diante de si. Sua palma atingiu o peito dele e uma luz dourada explodiu de sua mão. Asmodeus foi arremessado para trás no ar e caiu pesadamente no chão. Ele rolou, uivando de dor. Um brilho dourado emanava de seu peito e se espalhava lentamente por todo o seu corpo até que ele foi coberto com luz dourada.

Kara observava sua mão. Vestígios de luz dourada planavam sobre sua palma e pontas dos dedos.

Ela recuou e observou o senhor dos demônios tendo incontroláveis convulsões. Ele cuspiu um líquido espesso que banhou o chão com poças negras. Ele se lamentava enquanto rasgava sua própria pele, cavando buracos sanguinolentos em seu corpo e rosto. Ele soltou um grito de furar os tímpanos. Então seu corpo se contorceu, curvou-se para dentro e com um pop... ele sumiu.

Kara piscou várias vezes. Ela caminhou para onde Asmodeus estava cinco segundos antes. Não havia restado nada do senhor dos demônios, nem mesmo uma marca de queimado. Kara procurou o terreno com seu sapato, varrendo pedaços de terra e folhas secas. O chão estava vazio.

Ela olhou para sua mão novamente e a fechou em punho.

Contraíndo os lábios, ela voltou a sua atenção para o menino. Kara ergueu a criança pelas axilas e observou seu rosto sorridente.

— Você sabe, você teve muita sorte... você é como meu encantamento de boa sorte. Mas como é possível que eu o toque e ninguém mais possa, hã? — Ela a abaixou para seu colo. — Acho que você também não sabe. Menino, vou ter muita explicação para dar! — Ela riu. — Ficarei lá por semanas! Mas a coisa mais importante é que... você está bem!

A criança sorriu e uniu as mãozinhas.

Kara riu.

— Formamos uma boa equipe! Bom trabalho, pequenino. Bate aqui... — e ela estendeu a mão com a palma virada para o menino. Ele bateu e riu.

Ela estudou o menino por um tempo, com as sobrancelhas baixas.

— Você precisa de um nome — Ela mordeu o lábio e olhou de esguelha.

— De agora em diante, vou chamá-lo de... Sortudo. Você gosta?

A criança sorriu e envolveu seus bracinhos ao redor do pescoço de Kara. A pele fria dele roçou contra a nuca dela. Ela sentiu um calafrio. Ela sabia que Sortudo era meio humano e estava provavelmente com frio.

— Aqui... deixe-me pôr isto sobre você — Ela tirou sua jaqueta e o envolveu com ela. — Assim. Não quero que você pegue um resfriado.

Sortudo olhou para ela e sorriu. Suas bochechas gordas enrugaram o seu rosto.

— Ok. Vamos embora.

Ela o segurou firme nos braços, enquanto caminharam para fora do cemitério.

## Capítulo 17

### Nível Sete

Kara foi interrogada por horas de volta em Operações. Gabriel ficou sem palavras quando ela contou que podia tocar o elemental sem as luvas prateadas. Mas quando ela chegou na parte em que o feixe dourado foi disparado de sua mão, Gabriel parou de piscar. Os três oráculos escrevendo os relatórios desmaiaram e caíram de seus cristais.

— Feixe dourado disparado de sua mão?

— Sim.

— Ele... ele veio da sua mão?

— Sim, como eu lhe disse... ele meio que saiu... e bam! Asmodeus saiu voando. Então ele começou a se contorcer e a ter convulsões. Ele estava todo coberto com uma luz dourada, então desapareceu. Estou certa que isto já aconteceu antes, certo? Hum... você está bem? Você parece meio assustado?

— Terei de falar com o Conselho dos Ministros. Fique aqui — Gabriel disparou para fora da tenda.

— Ok...? — Kara o observou desaparecendo para além das dunas vermelhas.

Algumas poucas horas depois, um oráculo a encontrou e disse-lhe para se apresentar no Nível Seis, que o Conselho dos Ministros a aguardavam.

Ela havia sido bem-sucedida em sua missão, sua busca de vida. Logo ela se reuniria à sua mãe, de volta a seu velho corpo mortal. Ela precisava consertar todos estes anos em que ela havia maltratado sua mãe... sua mãe que havia sido um anjo da guarda todo este tempo. Ela estava inquieta. Ela correu todo o caminho de volta ao elevador.

Kara seguiu o oráculo pela plataforma em direção à entrada para a câmara do Conselho dos Ministros. Sua mente voltou-se para Asmodeus e ela se indagou se deveria contar ao conselho que havia sido ele quem lhe dera a Marca, mas ela decidiu por não. Não importava mais, ela estava indo para casa.

O oráculo empurrou a porta de metal do edifício e rolou para fora do caminho.

Kara entrou.

Gritos de empolgação explodiram ao redor dela, como um súbito estouro de um trovão. Aos milhares, toda a Legião de anjos da guarda estava reunida ao longo do salão para saudá-la de volta. Milhares de mãos batendo palmas soavam como fogos de artifício. Ela caminhou por entre a multidão. Viu anjos empurrando-se e se acotovelando apenas para dar uma olhada nela. Ela viu um jovem anjo cair de cara no chão desmaiado.

— Olha, é ela! É Kara Nightingale!

— É quem derrotou Asmodeus!

— Ela salvou o elemental!

— Ela nos salvou.

Kara não conseguia evitar de não sorrir. Era estranho ter seus próprios fãs.

O oráculo abriu seu caminho por entre a massa e pelo salão até as grandes portas do conselho. Ele a abriu e rolou para o lado. Kara deixou a multidão para trás e entrou na câmara do conselho. As portas se fecharam atrás dela.

Um por um, os membros do conselho se levantaram e começaram a bater palmas. Constrangida, ela olhou para o chão. Um longo tapete vermelho estava estendido até a plataforma. Ela nunca pensou que um dia caminharia por um tapete vermelho.

Ela seguiu pelo tapete vermelho até chegar perto da plataforma. Gabriel, Rafael, Uriel e Miguel estavam na ponta da mesa do conselho, com seus rostos exibindo amplos sorrisos. Kara virou a cabeça para a direita e viu David. Ela não podia acreditar que houvesse se esquecido dele. Ela sentiu uma ponta de esperança. Ele se aproximou dela, sorrindo amplamente. Seu rosto perfeito era exatamente como ela havia visto da última vez. Mas seus olhos pareciam mais sombrios do que o usual. Ela viu vestígios de tristeza neles.

Ele parou do lado dela e passou as mãos pelo cabelo. Ergueu alto sua cabeça e endireitou os ombros.

— Você foi bem... e acho você assustou todo o mundo pra burro...

Kara fez um gesto com a mão.

— Mas estou bem. Viu? Ainda inteira. Então... o que acontecerá com o Sortudo? Ele vai ficar bem? — Ela se lembrou de seu pequeno rosto sorridente e percebeu como sentia falta dele.

— Ele está bem. Uma família de Sensitivos está com ele. Vão cuidar bem dele, não se preocupe. Eles são os melhores guardiões mortais que um pequeno elemental poderia pedir.

— Acho que sim — Kara estudou o rosto de David, procurando por um vislumbre de algum tipo de afeição... algo que pudesse lhe dar a esperança que ela desejava. A menor das fagulhas bastaria.

Eles se entreolharam por um tempo, e David rapidamente desviou o olhar.

— Eu... eu sinto muito, Kara. Eu devia ter acreditado em você... Sou um completo idiota. Você vai me perdoar um dia?

Kara sentiu o seu lábio inferior começar a tremer.

— É claro que eu o perdoo. Além disto, o que eu faria sem o meu idiota favorito? — Ele se esforçou para esconder os seus verdadeiros sentimentos.

David riu. Ele brincava com o zíper da jaqueta.

— Então... você se decidiu o que vai fazer? Vai ficar... ou vai...?

Kara sentiu um estranho formigamento em suas bochechas que era como se corasse. Ela puxou uma mecha de cabelo para trás da orelha e suspirou.

— Sei o que sempre quis. Quero voltar para casa... para minha mãe. Preciso cuidar dela. É como — eu sinto que fui roubada por ter apenas dezesseis anos na Terra. Quero vivenciar a vida, a minha vida *mortal*. Quero fazer todas as coisas estúpidas que os jovens fazem. Eu preciso disto.. antes de morrer.. de novo. Eu tenho a oportunidade de ter minha vida de volta como era antes de morrer. Vou pegar esta oportunidade.

Ela sentiu uma dor aguda no peito. Ela estava contente por os anjos não poderem chorar, senão o seu rosto estaria encharcado.

David baixou os ombros. Ele ficou em silêncio por um tempo.

— Eu sei. Se eu tivesse a oportunidade de voltar uma última vez.. Eu iria querer voltar também. Eu sinto falta da cara vermelha do meu pai quando ele gritava comigo por ter usado o carro — Ele enfiou as mãos nos bolsos dianteiros da calça. — Só queria confirmar.

— Talvez nos encontremos novamente? — Kara perguntou, tentando não

soar desesperada demais.

— Sei que sim. Você pode contar com isto — Ele olhou para a plataforma. — Eles estão esperando por você. — Ele deu um passo para trás.

Kara encarou David. Havia tanto que ela queria dizer, mas as palavras não saíam. Alguém pigarreou e Kara virou a cabeça para o conselho.

Vestido em um traje vermelho, Uriel ergueu os braços diante da multidão. As suas longas mangas roçavam a mesa de mármore negro.

— Bem-vindos, anjos da guarda, ao Conselho dos Ministros — a voz dele ecoou pela câmara, reverberando nas paredes. — Estamos reunidos aqui nesta hora para uma celebração especial... uma celebração da vida e do sucesso de uma busca de vida. Estou honrado em apresentar a todos vocês, Kara Nightingale... um anjo da guarda novato que nos salvou de um grande perigo. Sem ela, estaríamos perdidos.

Kara contraiu os lábios, com os olhos arregalados enquanto continuava fitando Uriel.

— Ela demonstrou o verdadeiro significado de coragem e devoção — um verdadeiro anjo da guarda — Uriel estendeu o longo braço em direção de Kara e a convocou para ir adiante. — Venha, Kara Nightingale.

Kara subiu na plataforma diante de Uriel. Ela inclinou a cabeça para trás e olhou em seu rosto. Ela o observou se virando momentaneamente para pegar uma brilhante medalha dourada com uma bela corrente dourada.

— Kara Nightingale — declarou Uriel. — É com grande honra que nós, o Conselho dos Ministros, a recompensamos com uma busca de vida. Esta medalha celebra a nossa honra mais alta — Ele deslizou a corrente sobre a cabeça de Kara e sorriu. — Seremos gratos para sempre a você — Ele deu um passo para trás e bateu palmas. O resto do membros do conselho se uniram e aplaudiram entusiasmadamente.

Kara apertou a medalha em suas mãos, sentindo a superfície lisa contra sua palma. Ela a moveu para que refletisse a luz. Ela passou os dedos por sobre a silhueta de uma pessoa com as asas abertas.

— É linda. Obrigada.

Depois de um tempo, os aplausos cessaram lentamente e Uriel pigarreou.

— Agora devemos discutir algo que é de extrema importância — Ele a

olhou com seus olhos gentis.

— Gabriel e eu tivemos uma longa conversa com os membros do conselho sobre os eventos envolvendo o seu resgate do elemental. Descobrimos as suas habilidades extraordinárias... habilidades que são desconhecidas para nós. Desde os primórdios de Horizonte, nunca anjo algum tocou um elemental e sobreviveu.

Kara se inquietou no lugar. Ela sentiu como se algo estivesse errado.

— Então... o que você está dizendo? Que foi um erro tocar o menininho? Eu *tinha* de fazer alguma coisa para salvá-lo... Não sei se entendi o que você quer dizer.

— Deixe-me explicar. O feixe dourado que você invocou contra Asmodeus... este é um poder elemental. Apenas elementais têm este tipo de energia imensa. Acreditamos que a sua alma seja parte elemental, Kara. Isto explica porque você foi capaz de tocar a criança sem as Centelhas. Explica como você foi capaz de derrotar Asmodeus. Seria preciso uma equipe com os nossos guardiões mais habilidosos para desafiar o senhor dos demônios... e você o enfrentou sozinha... e o derrotou. Você é especial, Kara. Você tem poderes — poderes fortes e selvagens que têm o potencial de fazer grandes coisas. E isto é também uma infelicidade. Veja, Asmodeus quer poder acima de tudo, e agora ele provou do seu. Nada o impedirá de tentar possuí-lo.

— Espere um minuto... eu matei Asmodeus! — disse Kara. — Eu o vi morrendo com os próprios olhos. Eles está morto, eu juro...

— Receio que não seja tão simples. Asmodeus não está morto, somente enfraquecido. Reunimos informações com os nossos Batedores de que ele está de volta ao Submundo... fraco, mas ainda vivo. Devemos enviá-la para a Terra para a sua própria proteção — Uriel prosseguiu. — Você não pode ficar aqui em Horizonte, vulnerável e exposta a traidores. Ainda não sabemos o seu potencial pleno, Kara. E enquanto refletimos sobre isto, temos de mantê-la escondida e a salvo. Asmodeus e seus demônios não serão capazes de encontrá-la se você estiver escondida em seu corpo mortal. Ele vão procurá-la em Horizonte.

Os olhos de Kara se voltaram para David. Ele estava parado, com seus ombros recuados, com os olhos fixos no conselho. Ela não sabia porque, mas ela aguardou, encarando-o. Depois de um segundo ou mais, ela voltou a olhar para conselho.

— Então... eu vou me lembrar disto? Quando eu voltar para a Terra, vou me lembrar de você, ou de mim — ou do fato que Asmodeus quer me matar? Daqui?

— Não — disse Uriel suavemente. — Assim que você voltar para seu próprio corpo mortal, você não terá memórias do tempo que passou em Horizonte. Você não se lembrará de nada.

Ela se lembrava do beijo em David. Ela sentia por que não poder se lembrar disto... havia sido um beijo tão bom. Mas algo lhe ocorreu.

— E sobre a minha mãe? Eu quero me lembrar que ela é uma guardiã. Quer dizer... ela sabe o que aconteceu comigo?

— A sua mãe sabe sobre a situação. Ela cuidará de você. Mas, para sua própria proteção, a sua memória será apagada. Um grupo de anjos da guarda já foi designado para cuidar de você enquanto estiver na Terra.

Kara abriu a boca para protestar, mas a calou de novo. Ela sabia que as coisas seriam diferentes de agora em diante... que ela, em algum momento, se daria conta que a sua mãe era *especial*.

— Mas — disse Kara — voltarei para cá um dia? Para Horizonte?

— É claro.

Uma ponta de sorriso apareceu nos lábios de Uriel.

— Quando for a hora certa, nós convocaremos os seus serviços como guardiã da Legião novamente. Tenho certeza que precisaremos de seus talentos especiais de novo. Mas, por ora, é melhor que você volte para a Terra.

— Tudo bem. Eu compreendo.

— Apesar de que você fará muita falta para seus amigos — Os olhos de Uriel se voltaram para David e de volta para Kara — acreditamos ser esta a decisão correta.

Ele a estudou por um tempo, então se dirigiu ao conselho.

— Vamos agradecer à nossa companheira anjo, Kara Nightingale... que ultrapassou todos os obstáculos e provou ser um verdadeiro e devotado soldado. Ela fará falta. Nós a saudamos!

Vozes altas ecoaram pelas paredes da câmara enquanto os membros do conselho repetiam.

— Nós a saudamos!

Kara se sentiu muito pequena. Ela brincava com a medalha. Seus olhos

pousaram em David, que estava radiante. Ela não podia evitar de sorrir de volta para ele.

Uriel uniu as mãos.

— É hora, Kara. Reportar ao Nível Sete.

Kara se virou e imediatamente foi erguida no ar com um abraço de urso.

— Até logo — disse David. Ele soltou Kara e deu um passo para trás.

Ela olhou em seus olhos. O corpo dela formigava.

— Eu odeio dar adeus... eu nunca sei o que falar — Os olhos dela se voltaram para o conselho por um instante. Ela brincava com os dedos. — Além disto, temos uma plateia.

— Tudo bem, nós nos veremos logo.

— Só tente se comportar, David. E não irrite nenhum dos Arcanjos.

— Não vou, se eles também não.

— Deus, você é um bebezão — ela riu. Parte dela queria ficar. Mas ela sabia que era impossível. Ela suspirou e olhou para os olhos dele. — Adeus, David.

— Adeus, Kara.

Enquanto Kara voava no carro celeste de volta para o elevador, em sua mente havia uma tempestade de pensamentos. Ela tinha estes poderes extraordinários. David era seu amigo novamente. E, o melhor de tudo, ela estaria com sua mãe logo. O único ponto negativo era que Asmodeus ainda estava vivo. Ela tentou não pensar sobre o próximo encontro deles.

Após uma rápida corrida, ela saltou para fora do carro celeste e entrou no elevador. Para sua surpresa, era o chimpanzé 5M51 no controle. Ele ergueu as sobranceiras ao vê-la.

— Oh, é *você* — disse chimpanzé.

Kara fez uma careta.

— Oh, é *você* também! — ela externou. Ela caminhou para o fundo do elevador.

Chimpanzé 5M51 coçou a bunda.

— Me disseram para levá-la ao Nível Sete? — Ele a olhou com suspeita.  
— Poucos anjos da guarda vão para lá. Por que *você* é tão especial? — Ele

franziu o cenho ao estudá-la.

Kara ergueu o queixo.

— Bem, eu sou — Seu corpo formigava de empolgação. — Hum... você já conheceu o Chefe? Como ele é?

— Não tenho ideia, Senhorita. Eu nunca o encontrei.

— Oh.

O chimpanzé suspirou e voltou a sua atenção para o painel de controle.

— Nível Sete... O Chefe! — Kara observou seu longo dedo pressionando o botão de cobre número sete.

O elevador balançou um pouco ao subir mais alto. Kara sentiu uma mistura de empolgação e arrependimento. Ela estava empolgada de voltar para casa de novo, mas ela já sentia falta de David e de sua vida em Horizonte. Era impossível saber se ela o veria novamente, e isto deixou uma marca em sua alma.

O elevador balançou e parou.

— Nível Sete! — gritou o chimpanzé 5M51.

Kara se empurrou do painel com suas mãos e caminhou para as portas do elevador. Seus olhos se voltaram para o chimpanzé. Ele ergueu as sobrancelhas e mostrou a língua.

Ela balançou a cabeça e riu.

— Imbecil.

Com um ruído, as portas de abriram. Imediatamente, luz cegante entrou no minúsculo elevador. Kara cobriu os olhos. Alguns segundos depois, seus olhos se ajustaram e a sensação de calor se espalhou por seu corpo.

— *Estamos aqui* — ela disse para si. — *Estou indo para casa.*

Ela caminhou para a luz.

## Capítulo 18

### Déjà vu

Kara corria pela Saint Paul Street. Seu longo cabelo marrom fluía atrás dela. Ela equilibrava seu portfolio em uma mão e apertava o celular no ouvido com a outra. Ela pulou para a calçada e corria por entre a multidão no sentido contrário, com sua mente voltada para sua grande apresentação.

— Espere por mim! Estarei aí em uns... dois minutos!

— Não consigo acreditar que você não esteja aqui ainda — disse a voz do outro lado da linha. — De todos os dias, você tinha de escolher hoje para se atrasar!

— Ok, ok! Já estou tendo um treco por causa da apresentação. Você não está ajudando muito, Mat.

Uma risada veio pelo telefone.

— Só estou dizendo... que este deveria ser o dia mais importante de sua vida. E você, *Mademoiselle Nightingale*, está atrasada.

— Sim, eu ouvi você da primeira vez... Mãe. Meu despertador estúpido não tocou! — Kara corria em disparada pela rua movimentada. — Com licença! Passando... passando...

Ela se espremeu através da multidão e continuou correndo.

— Você sabe, a sua apresentação não vai esperar por você...

— Juro que vou chutar a sua bunda quando chegar aí! — Kara olhou para trás ao pular de volta para a rua.

Seu coração deu um pulo.

Menos de uma quadra para trás, um homem vestido com um terno cinza estava parado encarando-a.

*Os olhos deles são negros*, ela constatou. Um calafrio subiu por sua espinha. O homem sumiu na multidão.

— Acho que estou sendo seguida — Kara disse, após um tempo.

— Você sempre acha que está sendo seguida.

— Não... É sério! Eu juro que este cara está me seguindo — algum psicopata com cabelo branco. Eu... eu acho que já o vi antes. Ou pelo menos a minha mãe viu...

— Todos sabemos que a sua mãe é meio doida às vezes... sem querer ofender... eu amo a sua mãe, mas ela tem visto e falado com pessoas invisíveis desde que você tem cinco anos. Acho que isto está contagiando você.

— Escute. Estive com a minha mãe ontem na Saint Catherine Street e ela disse que nós estávamos sendo seguidas por alguém. E se fosse por este mesmo cara? Talvez ela não seja tão louca quanto todos pensam. — Kara se perguntou se não havia uma pequena verdade nas visões de sua mãe.

Mathieu riu do outro lado da linha.

— Você está falando sério? Já é ruim o bastante que sua mãe veja espíritos e demônios. Se você começar a acreditar em tudo isto... eles vão interná-la.

— Obrigada pela voto de confiança. Refresque a minha memória do porquê você é o meu melhor amigo? — Kara se concentrou em sua apresentação enquanto corria. — Ok.. Consigo vê-lo agora.

Matt estava encostado no exterior de tijolo da galeria.

— Acho que está começando. Apresse-se!

Kara inspirou profundamente e correu para a Saint Laurence Boulevard. Seu telefone celular escorregou de sua mão ao correr. Ele caiu no chão e se quebrou.

— Poxa! — Kara se agachou para pegar o telefone.

Um vislumbre de movimento apareceu no canto de seu olho.

— CUIDADO! — Alguém gritou. Ela se levantou e se virou.

Um ônibus coletivo vinha disparado na direção dela.

*EEEEEEEEEEEEEEEEEEHHH!!!*

Kara assistiu horrorizada enquanto o ônibus coletivo veio direto para ela. Em um segundo ele acertaria.

Kara fechou os olhos e se preparou para o impacto...

Mas o impacto nunca ocorreu.

Kara sentiu algo duro envolvendo seu braço esquerdo. Ela foi erguida do chão. Ela flutuou no ar como se alguma coisa puxasse seu corpo para longe do

ônibus, e bem na hora. Num piscar de olho, Kara observou o ônibus enquanto ele derrapava até parar no local onde ela estava momentos antes.

Ela pousou a alguns metros dali. O seu portfolio voou de sua mão.

Uma multidão de pessoas correu para ela, todo o mundo gritando ao mesmo tempo.

— Oh, meu Deus! Você está bem?

— Ela está ferida?

— Você viram isto? Aquele cara salvou a vida dela!

Sentindo o toque de uma mão ainda envolvendo seu braço, ela se virou para vislumbrar o seu salvador. Ela encontrou um rosto sorridente. Ele era jovem e extremamente bonito, com cabelo louro e penetrantes olhos azuis. Seus lábios carnudos estava curvados em um sorriso maroto. Ele vestia uma jaqueta de couro marrom, desgastada, com o colarinho levantado. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Cuidado, garota — disse o estranho. — Ainda não é a sua hora... não por um tempo.

Ele ficou ali perscrutando os olhos dela por um instante. A sua proximidade fazia com que os pelos dela se arrepiassem. Ela inalou um forte odor de almíscar.

— Hã? Tempo do quê? — Levou um tempo para Kara se recompor. — O que acabou de acontecer? — Ela cambaleava no lugar.

— Parece que você quase foi atingida por um ônibus.

Kara olhou para o desconhecido. Seus olhos se encontraram. O coração dela bateu mais forte no peito. — Ei... você me parece familiar... eu o conheço?

— Não, acho que não.

Ela não conseguia desviar os olhos do rosto dele.

— Isto vai parecer totalmente maluco, mas... eu sinto... como se eu conhecesse você? Tem certeza que nunca nos encontramos?

— Certeza.

Suas bochechas ardiam.

— Uau... este é sentimento mais forte de déjà vu que já tive! — Ela apertou suas mãos na cabeça, sentindo-se tonta.

— Cuide-se — disse o desconhecido.

Ele soltou o braço dela. E, com um sorriso, ele se virou e foi embora.

Kara o observou até que ele sumisse na multidão.

Então ela apanhou seu portfolio. O semáforo de pedestres exibia a luz verde. Ela inspirou, caminhou para o outro lado da rua e abriu a porta da galeria.

E agora uma prévia do segundo livro da série Guardiões de Alma

ELEMENTAL



E  
L  
E  
M  
E  
N  
T  
A  
L

KIM RICHARDSON

## Capítulo 1

### Raio

Kara e um menininho estão juntos, sozinhos em um riacho. Ele aperta a mão dela. A água fria faz cosquinhas em seus dedões. Uma leve névoa se levanta e os envolve, e Kara sente o ténue fedor de carne podre. Alguém toca o seus dedos. Ela olha para baixo.

Mãos brancas saem da água e agarram seus tornozelos. Ela pula para trás, puxando a criança consigo. Mais mãos a alcançam ao redor. Uma espessa névoa branca sobe e cobre o córrego. Longos cipós se enrolam em suas pernas, como cobras brancas. Kara grita e chuta a névoa.

Um odor de ferro a domina. A névoa se divide. Kara luta para manter o equilíbrio. Ela está em um rio de sangue. O menininho tem sangue até as coxas. Kara está nauseada.

Ela ouve um ruído na água.

Uma figura, no rio... um homem, não... uma cabeça humana distorcida e com um tórax enfermo se ergue do rio, cresce numa confusão de vísceras humanas e de insetos nas costas de um monstro medonho. Longas pernas de inseto atacam-na, negras e afiadas. Pústulas e feridas cobrem a pele do monstro, como lepra. Seus olhos negros brilham na névoa negra. Ele morde com sua mandíbula.

A criança solta a mão de Kara. Ela é arrastada pelo rio de sangue. Kara se inclina e move a sua mão pelo sangue, procurando pelo menino.

Um soluço. Kara olha para cima.

A criatura está com a criança. Ela agarra o menino chorando pelo pescoço e aperta. Ela abre a boca. Sangue pinga por seus pontudos dentes amarelos. Lentamente, ela leva a criança gritando para sua boca molhada...

Kara despertou sobressaltada.

Seu coração batia com força no peito, enquanto ela piscava por entre

olhos remelentos com lágrimas secas e suor. Ainda meio adormecida, ela se sentou na cama com os braços esticados para frente, pronta para salvar o menininho do monstro. Ela tirou as franjas pegajosas de sua testa suada e esperou, acalmando-se, até que os efeitos do sonho se dissipassem. Ela estava chorando.

Ela limpou o rosto e seus olhos lentamente se ajustaram à luz matinal em seu quarto. Sombras escuras se tornaram nítidas. As pinturas de demônios e anjos que cobriam as paredes como papel de parede pareciam ainda mais sinistras nas penumbra. Ela estremeceu com um calafrio.

As pinturas eram parte de uma história que Kara queria contar. Com os pesadelos ainda frescos, ela pegava o pincel e pintava as histórias recorrentes. Ela dizia a si mesma que era um tipo de terapia e que, talvez, um dia os pesadelos fossem parar.

Depois de um tempo, sua mão se recusou a ir a seu quarto. Kara lembrava-se que a sua mãe havia lançado as mãos para o ar e gritado que os monstros viriam para pegá-las.

Mas, para Kara, eram apenas pinturas. Ela imaginava que não poderiam ferir ninguém.

5:00 da manhã... ainda cedo demais para se levantar para a escola. Ela forçou para fechar os olhos e caiu de novo na cama. O ténue ronco vindo do segundo quarto seguindo pelo corredor confirmava que a sua mãe não havia sido acordada pelos gritos de Kara. Isto a reconfortava. Sua mãe trabalhava por longas horas, então merecia uma boa noite de sono.

Todas as noites, Kara sonhava com monstros horripilantes, e com um menininho assustado com cabelo louro emaranhado e pijama azul e branco... prestes a ser devorado. Ela despertava gritando na hora em que a criança desaparecia na boca do monstro.

Kara exalou demoradamente. Não conseguia volta a dormir.

Ela lançou as pernas para fora da cama e caminhou nas pontas dos dedos até a penteadeira. As tábuas de pinho rangeram. Tinta branca descascava no tampo e nas pernas da penteadeira, dando uma falsa impressão de antiguidade. Alguns puxadores estavam faltando nas gavetas de cima e Kara tinha de usar canetas como puxadores. Ela apanhou um porta-retratos de metal.

O vidro estava trincado e lascado. Kara o segurou perto. Um homem

com cabelo castanho despenteado e um sorriso amigável segurava uma garotinha com longas chuquinhas castanhas e macacão amarelo. O peito de Kara se apertou. Ela quase não conseguia mais se lembrar mais daquele dia. A imagem de seu pai tinha se esvaído. Ele morreu quando ela tinha apenas cinco anos e Kara não se lembrava nada dele. Ela contornou o rosto dele com o dedo. O que ela não daria para ter um pai de verdade! Talvez sua mãe fosse mais sã se houvesse um homem por perto. Kara sentiu uma dor no coração e, com um suspiro, colocou a moldura de volta na penteadeira.

O rosto de Kara a encarou de volta pelo espelho trincado e forçou um sorriso. Hoje era o seu aniversário de dezessete anos. Dezessete deveria ser a idade quando as garotas se apaixonam e partem para a universidade para seguirem seus sonhos. Seu sorriso se desfez. O trabalho de verão de Kara mal deu para ela ajudar a pagar as compras. Ela nunca conseguiria economizar o suficiente para a universidade.

Uma barata escalou seu espelho e parou bem no meio. Estava na altura dos olhos de Kara; seus dois olhos negros e redondos a encaravam com uma inteligência sinistra. Suas antenas se moviam nervosamente.

BAM!

Kara removeu o livro do espelho e jogou a barata morta na lata de lixo. Ela se sentiu culpada por ter matado o inseto. Ela comprimiu os lábios e deu uma outra olhada para o espelho. Ela podia ser feliz, ela sabia. Mas ela se sentia vazia por dentro. Uma parte dela estava faltando, como um carro sem a roda, que não pode ser conduzido. Por meses, ela vagou pela escola, sem querer fazer nada além de pintar e ler livros. Até mesmo o seu melhor amigo Mat a evitava. Duas semanas atrás, na hora do almoço, ele disse que andar com ela estava fazendo com que o cérebro dele derretesse; ela o estava deixando deprimido. Sem Mat para apoiá-la, ela se sentia ainda mais perdida e confusa. Ela tentava afastar o sentimento, mas nada funcionava. Ela se sentia sozinha.

O som do cantarolar dos pássaros atingiu seus ouvidos. Kara sorriu. Apesar de incomodá-la, às vezes, eles cantavam lindamente. O cantarolar se tornou mais alto e intenso. Então ela ouviu o grasnar de corvos, de muitos corvos...

*Estranho*, Kara pensou consigo mesma.

Ela se esgueirou até a janela. O piso de madeira estava frio sob a planta

dos pés. Ela apertou a cabeça no vidro e olhou para fora. Uns vinte corvos estavam empoleirados nos altos bordos. Com suas cabeças inclinadas, eles gritavam para algo abaixo que Kara não conseguia ver. Ela se esforçou para olhar por entre os galhos. Um calafrio lhe percorreu a espinha.

Seu coração foi parar na boca. No meio da estrada havia um menino... o mesmo menino de seus sonhos.

Ela achatou o nariz contra o vidro, enquanto observava a pequena figura de pijama cambaleando pela rua. Ele estava descalço. Em Montreal, no mês de agosto ainda é quente, mesmo nas primeiras horas da manhã. Ela o observou parando e se equilibrando. O menino se embrenhou por entre os carros estacionados. Jornais voavam ao redor dele, apanhados pelo vento invisível.

*Tenho de ir lá pegá-lo*, Kara disse para a janela. Ela se convenceu e enfiou um calça de moletom cinza e um suéter. Com um clique, ela abriu a porta do quarto e caminhou para as sombras. Tomando cuidado para não despertar sua mãe, ela caminhou furtivamente pelo corredor escuro e correu para fora da porta do apartamento.

Ela pulou para baixo das escadas de dois em dois degraus e quicou no saguão. Ela recuperou o fôlego e empurrou as portas de vidro. O ar lá fora tinha cheiro de folhas secas e de grama, cálido na pele, dando sinais do outono que se aproximava. Poças cinzentas espalhavam-se pelas calçadas e Kara pulou para evitá-las. Ela correu para o ponto na rua onde tinha visto o menino pela última vez.

Ela tinha sumido.

A rua estava bastante quieta e Kara percebeu que os pássaros haviam parado de cantar subitamente. O vento cessou. Kara estremeceu. Um calafrio subiu por suas costas e o coração palpitava nos ouvidos.

— Ei, menino! — ela disse com uma voz abafada, sem querer despertar a vizinhança. — Menino... onde está você?

Ela correu pelo ponto e parou. Ela se agachou e procurou sob os carros estacionados. Nada.

*Ele não deve ter ido muito longe. Ele é apenas um menino*, ela pensou. Kara deu alguns passos adiante e parou. Os pelos de sua nuca se eriçaram. Ela sentiu que algo não estava certo, um formigamento lhe dizia para correr.

E ali estava ele.

Kara segurou a respiração. Ela podia vê-lo claramente agora — não a criança, mas um belo desconhecido que ela havia visto antes. Ele se recostava em um carro estacionado, com os braços cruzados. O olhar do desconhecido se fixou nela. O coração de Kara parou. Ele era alto e magro. A jaqueta de couro marrom abraçava seus poderosos ombros, ele usava calça jeans rasgada com uma camiseta apertada que enfatizava o seu peito musculoso. Ele a encarava com este sorriso quase tolo pintado em seu rosto. Com covinhas rasas, o rosto dele era evidentemente lindo. Perfeito demais. O tipo de rosto que embrulhava o estômago dela. Kara havia lhe dado o apelido de "perseguidor gostoso"... a sua linda sombra.

*O que ele está fazendo aqui a esta hora?*

Ela franziu o cenho. Algo não fazia sentido para ela. Parte dela sentia a empolgação de ter tal cara bonito a espiando assim, mas a outra parte lhe deixava com a pele arrepiada... e não do tipo legal. Havia algo bizarro no jeito que ele olhava para ela.

O perseguidor gostoso penteou sua cabelo bagunçado com os dedos e se virou. Ele apanhou o olhar de Kara, então desviou o olhar, fingindo estar interessando em alguns carros estacionados. Para Kara, ele não parecia nada com o tipo de assassino em série da espécie de Jeffrey Dahmer... o tipo que desmembra e come as suas vítimas, como em algum tipo de guisado exótico. Não, ele tinha uma boca tão linda que ela não conseguia imaginá-lo comendo alguém. Kara não conseguia entender porque ele a estava perseguindo. Sem peitos e com suas curvas invisíveis, ela não tinha muito a oferecer ao sexo oposto em termos de visual. O que era tão atraente nela para o "delicioso perseguidor"? Nada. E isto a fazia suspeitar dele. A coisa era boas demais para ser verdade, ela concluiu, especialmente quando tinha a ver com ela.

Ela desviou o olhar dele por um instante para procurar novamente a criança. Sombras negras espreitavam pela rua silenciosa e Kara se sentiu tensa. Mas nada mais se moveu. O menino não estava em nenhum lugar. E quando ela olhou de volta para o perseguidor gostoso, ele também havia sumido, como se fosse apenas uma invenção de sua cabeça.

*Sério, estou ficando doida.* Kara pensou, retirando a franja do rosto. Um leve chuvisco refrescou suas bochechas quentes e Kara a agradeceu...

Algo se moveu no canto de seu olho.

Primeiro, ela pensou que era o perseguidor gostoso voltando. Mas ela rapidamente constatou que não era ele. Este homem tinha cabelo branco e pálide pele acinzentada. Ele vestia um terno negro e que, para Kara, parecia ser caro e deslocado a esta hora da manhã. Ele se recostou em um poste de luz do outro lado da rua. Mesmo à distância, ela conseguia ver que tinha algo errado com os olhos dele.

Eram negros. E a observavam.

Ela sentiu um frio no estômago; ela inspirou e um horrível sentimento se arrastou pela nuca dela, fazendo com que seus pelos se eriçassem. O coração dela palpitava nos ouvidos e ela estremeceu. Ela reconhecia aquele rosto... pertencia ao monstro nojento de seus pesadelos. Ele fez uma careta e lambeu os lábios, revelando um punhado de dentes amarelos.

As tripas dela se reviraram. Um sensação de enjoo subiu até a garganta dela e Kara correu pela rua.

Com seus chinelos se arrastando no asfalto, ela ganhou velocidade. Ela se tornou mais consciente da imobilidade ao redor dela. Era como se o mundo houvesse parado e apenas ela se movesse nele. Uma súbita lufada de vento acertou nas costas. As trevas aumentaram, sugando a luz. Kara ouviu um trovão à distância. Uma grande sombra apareceu repentinamente no chão diante dela, como se um balde de tinta negra houvesse sido derramado aos seus pés. Ela olhou para cima. Uma única nuvem cinza-escuro aproximava-se no céu rosado e azul. Ela viajava rapidamente contra o vento e se encaminhava na direção dela.

Kara perdeu o fôlego e se concentrou em aumentar o máximo possível a distância entre ela e o monstro de olhos negros. Ela deu uma olhada para trás. O coração dela veio parar na garganta.

O demônio estava bem atrás dela.

Um alto rugido fez com que ela pulasse, enquanto o trovão reverberou por todos os lados. Kara olhou para cima. A nuvem cinza estava agora sobre ela. A sua pele ficou toda arrepiada. *Como pode uma nuvem se mover daquele jeito?* Ela sabia que não era natural. Pânico atravessou todo seu corpo.

Kara correu em direção a um ponto de ônibus do outro lado da rua e caiu dentro da proteção de vidro. Uma sombra cobria o chão e as trevas a cercaram. Ela olhou para cima e observou o topo do abrigo. A nuvem cinza estava diretamente sobre ele. Havia seguido-a.

Kara seguiu-a com seus olhos. Uma fagulha emanou da nuvem, depois outra, até que a nuvem houvesse sido consumida inteiramente por pequenos choques elétricos. Ela balançou a cabeça sem acreditar.

Algo se moveu no canto de seu olho. Ela avistou o demônio... ele estava parado na porta. Ele rosnava, com os dentes brilhando nas trevas. Ela fechou os olhos e desejou que o pesadelo terminasse. Ouvia um súbito barulho alto; Kara abriu os olhos.

Um raio caiu da nuvem.

Ele atingiu o demônio.

Ela gritou, enquanto o via fritar e crepitar diante de seus olhos. Os membros dele se quebraram em pedaços como uma torrada queimada. Cinzas flutuaram no ar como folhas secas de uma árvore numa brisa. Uma pilha de pó foi tudo o que sobrou do demônio. Kara sentiu um pouco de náusea dominando-a.

ZAP!

Um raio atingiu o abrigo. Em um brilho branco de luz, todo o abrigo sumiu completamente, deixando apenas alguns vestígios de fumaça e cheiro de plástico queimado. Apavorada, Kara olhou ao seu redor. Como isto era possível? Ela tremia, enquanto o seu estômago se apertou em uma bola. Suas mãos estavam tremendo e ela as fechou em punhos.

Kara saltou para fora do abrigo enegrecido, de volta para a rua e correu em direção à casa mais próxima. Um som efervescente, perto demais... ela sentiu algo atrás dela. Algo tocou o seu cabelo, roçando a sua nuca. Ela se virou para olhar... e quase desmaiou.

O demônio com olhos negros corria atrás dela com velocidade sobrenatural, como uma imagem sendo reproduzida em *fast-forward*. Ele sibilou e cuspiu furiosamente. Sua careta pálida revelava fileiras de pontiagudos dentes. Ele não havia sofrido nenhum arranhão, Kara constatou. Sem sinais de queimaduras do raio que o havia imolado, nem mesmo em seu terno.

Os joelhos de Kara perderam a força. Ela se chocou contra o chão e gritou. Ela rolou e torceu o pé. A pele ao redor de seu tornozelo inchou e instantaneamente ficou vermelha e roxa. Ela tentou se levantar, mas caiu de volta. Uma sombra se esgueirou pelo chão. Kara olhou para cima. A nuvem cinza estava a centímetros de sua cabeça, tão perto que ela podia estender o braço e tocá-la. Um alto som de algo raspando veio de trás e Kara se virou.

O demônio estava a apenas poucos passos dela. Ele estaria sobre ela em uma questão de segundos. Um sorriso estranho surgiu no rosto dele enquanto corria, como se estivesse prestes a ganhar na loteria.

— Socorro! — Kara gritou, desesperada. — Alguém me ajude!

A boca do demônio se abriu e seu queixo desceu até o meio do peito, como uma cobra expandindo seu maxilar, pronta para engolir a sua presa. Naquele instante horrível, Kara percebeu que estava prestes a ser devorada... exatamente como o menininho em seus sonhos. Ela só conseguia tremer e observar.

Ao mesmo tempo, uma nuvem cinza parou sobre ela. Faíscas azuis e brancas dançavam para dentro e fora da nuvem.

Então outro raio caiu.

Kara piscou, enquanto uma luz branca queimou a sua vista.

Ela sentiu uma corrente de eletricidade atravessar o seu corpo. Queimava. Ela não teve tempo para gritar.

Então ficou escuro.

## **Sobre a autora**

Kim Richardson é a autora da série GUARDIÕES DE ALMAS. Ela nasceu em uma pequena cidade no Norte de Quebec, Canadá, e estudou no ramo de Animação 3D. Como Supervisora de Animação para uma empresa de Efeitos Visuais, Kim trabalhou para grandes produções de Hollywood e permaneceu na área de animação por 14 anos. Desde então, ela se aposentou do mundo de Efeitos Visuais e se fixou no interior, onde ela escreve em tempo integral.

Para saber mais sobre a autora, por favor visite:

[www.kimrichardsonbooks.com](http://www.kimrichardsonbooks.com)

[www.kim-richardson.blogspot.com](http://www.kim-richardson.blogspot.com)

[www.facebook.com/KRAuthorPage](https://www.facebook.com/KRAuthorPage)